



PLANO MUSEOLÓGICO

MUSEU DE FLORIANÓPOLIS

2015 - 2025

JP CULTURAL LTDA. - COREM 5ª REGIÃO PR/SC 001J

PLANO MUSEOLÓGICO

MUSEU DE FLORIANÓPOLIS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Organização baseada nas funções.....	28
Figura 2: Sugestão de espaços internos (piso térreo).....	72
Figura 3: Sugestão de espaços internos (piso superior).	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Organograma funcional do Museu de Florianópolis.	57
Tabela 2: Definição das coleções.	92
Tabela 3: Critérios para a política de aquisição do Museu de Florianópolis. ...	92
Tabela 4: Comissão de acervos do Museu de Florianópolis.	94
Tabela 5: Ações para a realização de inventários.....	96
Tabela 6: Referência para Controle de Umidade.	98
Tabela 7: Referência de Lux.	100
Tabela 8: editais que financiam projetos para a área museológica.	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas
CFTV – Sistema de Circuito Fechado de Televisão
CLT – Consolidação das leis de trabalho
COREM – Conselho Regional de museologia
EAESP – Escola de administração de empresas de São Paulo
ECR – Emissor, comunicação, receptor
FOFA – Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis
IV – Infravermelho
LEED – Leadership in Energy and Environmental Design
MEC – Ministério da Educação
MinC – Ministério da Cultura
PNEM – Programa Nacional de Educação Museal
PNM – Política Nacional de Museu
Sesc – Serviço Social do Comércio
UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UV – Ultravioleta

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. DIAGNÓSTICO DO MUSEU DE FLORIANÓPOLIS	12
1.1 GESTÃO INSTITUCIONAL	14
1.1.1 Pontos Fortes	16
1.1.2 Pontos Fracos	16
1.1.3 Oportunidades	17
1.1.4 Ameaças	17
1.2 GESTÃO DE PESSOAS	18
1.2.1 Pontos Fortes	21
1.2.2 Pontos Fracos	21
1.2.3 Oportunidades	21
1.2.4 Ameaças	22
1.3 EXPOSIÇÕES	22
1.3.1 Pontos Fortes	23
1.3.2 Pontos Fracos	23
1.3.3 Oportunidades	23
1.3.4 Ameaças	24
1.4 ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO	24
1.4.1 Pontos Fortes	25
1.4.2 Pontos Fracos	26
1.4.3 Oportunidades	26
1.4.4 Ameaças	27
1.5 PESQUISA	27

1.5.1 Pontos Fortes	31
1.5.2 Pontos Fracos	31
1.5.3 Oportunidades	31
1.5.4 Ameaças	32
1.6 SOCIOAMBIENTAL.....	32
1.6.1 Pontos Fortes	34
1.6.2 Pontos Fracos	35
1.6.3 Oportunidades	35
1.6.4 Ameaças	35
1.7 EDUCATIVO E CULTURAL.....	36
1.7.1 Pontos Fortes	37
1.7.2 Pontos Fracos	38
1.7.3 Oportunidades	39
1.7.4 Ameaças	40
1.8 ACERVOS	40
1.8.1 SUBPROGRAMA DOCUMENTAÇÃO	40
1.8.1.1 Pontos Fortes	41
1.8.1.2 Pontos Fracos	41
1.8.1.3 Oportunidades	41
1.8.1.4 Ameaças.....	42
1.8.2 SUBPROGRAMA CONSERVAÇÃO E RESTAURO.....	42
1.8.2.1 Pontos Fortes	44
1.8.2.2 Pontos Fracos	44
1.8.2.3 Oportunidades	44
1.8.2.4 Ameaças	44
1.9 FINANCIAMENTO E FOMENTO.....	44
1.9.1 Pontos Fortes	45

1.9.2	<i>Pontos Fracos</i>	45
1.9.3	<i>Oportunidades</i>	46
1.9.4	<i>Ameaças</i>	46
1.10	SEGURANÇA	46
1.10.1	<i>Pontos Fortes</i>	47
1.10.2	<i>Pontos Fracos</i>	48
1.10.3	<i>Oportunidades</i>	48
1.10.4	<i>Ameaças</i>	48
1.11	COMUNICAÇÃO	48
1.11.1	<i>Pontos Fortes</i>	50
1.11.2	<i>Pontos Fracos</i>	51
1.11.3	<i>Oportunidades</i>	51
1.11.4	<i>Ameaças</i>	52
2.	PROGRAMAS DO MUSEU DE FLORIANÓPOLIS	53
2.1	PROGRAMA DE GESTÃO INSTITUCIONAL.....	53
2.2	PROGRAMA DE GESTÃO DE PESSOAS.....	62
2.3	PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES.....	67
2.4	PROGRAMA ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO	71
2.5	PROGRAMA DE PESQUISA.....	75
2.6	PROGRAMA SOCIOAMBIENTAL	77
2.7	PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL	79
2.7.1	<i>Boas práticas educativas em museus</i>	85
2.8	PROGRAMA DE ACERVOS.....	91
2.8.1	SUBPROGRAMA DOCUMENTAÇÃO	91
2.8.2	SUBPROGRAMA CONSERVAÇÃO E RESTAURO	97
2.9	PROGRAMA DE FINANCIAMENTO E FOMENTO.....	102
2.10	PROGRAMA DE SEGURANÇA	104

2.11 PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO.....	107
3. TABELA DE DIRETRIZES E AÇÕES	111
3.1 PROGRAMA INSTITUCIONAL.....	109
3.2 PROGRAMA DE GESTÃO DE PESSOAS	116
3.3 PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES	119
3.4 PROGRAMA ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO.....	122
3.5 PROGRAMA DE PESQUISA	124
3.6 PROGRAMA SOCIOAMBIENTAL.....	128
3.7 PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL.....	131
3.8 SUB-PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO.....	138
3.9 SUB-PROGRAMA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE ACERVOS	140
3.10 PROGRAMA DE FINANCIAMENTO E FOMENTO	142
3.11 PROGRAMA DE SEGURANÇA	144
3.12 PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
BIBLIOGRAFIA DE APOIO	154
FICHA TÉCNICA.....	159
APÊNDICE.....	161

INTRODUÇÃO

O Plano Museológico é a ferramenta essencial na gestão de uma instituição museológica, de acordo com os arts. 45 e 46 da Lei Federal nº 11.904/2009, Estatuto dos Museus e o Decreto nº 8.124/2013. O mesmo é composto por três partes: diagnóstico, elaboração dos programas e definição de projetos e ações com o respectivo prazo de execução para cada um dos programas.

A primeira etapa de elaboração do plano museológico é o diagnóstico que demonstra a proposta de sustentabilidade econômica e social da instituição. A elaboração dos programas que compõem o plano museológico indicando as diretrizes a serem seguidas para melhor estruturação da instituição se constitui na segunda etapa. A terceira e última etapa do plano é a definição de projetos e ações a serem elaborados e/ou colocados em prática pelo Museu de Florianópolis, em curto, médio e longo prazo para que as diretrizes organizadas nos programas possam ser alcançadas no período de 10 (dez) anos.

Foram considerados para efeito de execução deste plano museológico os seguintes períodos: curto prazo, ações e projetos a serem desenvolvidos de 1 a 3 anos; médio prazo, ações e projetos a serem desenvolvidos de 3 a 7 anos; longo prazo, ações e projetos a serem desenvolvidos de 7 a 10 anos.

Este é um documento do Museu de Florianópolis, para o período de 2015 a 2025. Este plano foi realizado na perspectiva de contemplar objetivos, metas e resultados, além de ocasionar novos modos de concepção, estruturação, organização, articulação e execução das ações do Museu.

Compreende-se que o museu exerce suas funções principais através do trabalho com a preservação da memória social, a pesquisa dos processos culturais relacionados e a comunicação do patrimônio cultural e dos sentidos a ele atribuídos. Para tanto, faz-se necessário avaliar suas ações periodicamente, estruturar seus programas nas diversas dimensões de sua atuação e planejar suas metas em curto, médio e longo prazo.

O presente documento é um planejamento desenvolvido pela equipe da Viés Cultural: Museologia e Patrimônio em conjunto com a equipe do Serviço Social do Comércio - Departamento Regional Santa Catarina (Sesc Santa Catarina) responsável pela implantação do Museu de Florianópolis, visando a otimização de esforços e a potencialização da vocação institucional. Em síntese, é o documento fundamental para o desenvolvimento e a incorporação da cultura do planejamento no Museu de Florianópolis. Em outra dimensão, consubstancia-se como ferramenta prévia, essencial para o desenvolvimento de um sistema de monitoramento e avaliação que incorpore todas as experiências a serem vivenciadas pelo Museu de Florianópolis.

1. DIAGNÓSTICO DO MUSEU DE FLORIANÓPOLIS

O diagnóstico museológico é uma estratégia metodológica que objetiva a identificação e apreensão das potencialidades museológicas de um território ou de uma instituição, a fim de perceber as atividades desenvolvidas, as parcelas do patrimônio valorizadas e selecionadas para preservação e as lacunas existentes. Assim, constitui um instrumento de democratização, pois considera iniciativas formuladas anteriormente ou fora da instituição. E é, acima de tudo, uma ferramenta básica para o planejamento institucional em longo prazo, pois permite conceber uma programação museológica mais condizente com a realidade em questão e que leve em consideração a necessária continuidade.

Manuelina Maria Duarte Cândido, 2013, p 02.

Conforme decreto nº 8.124/2013, o diagnóstico participativo da instituição é a primeira parte a ser elaborada do plano museológico. Compreende a observação e conhecimento da instituição a ser implantada, os objetivos do gestor, o Sesc Santa Catarina, para com o Museu de Florianópolis, e a avaliação dos pontos fortes e fracos da instituição, evidenciando suas potencialidades e prevenindo possíveis riscos. O diagnóstico é a ferramenta básica para a construção do planejamento estratégico. Ele pode ser visto “como a distância entre a realidade atual e a desejável” (CÂNDIDO, 2013, p. 130), além de ser “um olhar acurado que dissecar a instituição, tentaria romper com uma das principais “cegueiras museológicas” citadas por Maria Célia Santos¹, que é o tecnicismo e a compartimentação da compreensão do museu que impede de percebê-lo como um todo.” (SANTOS apud CÂNDIDO, 2013, p 130). Perceber como a instituição vem desenvolvendo suas atividades, suas vocações e fragilidades é fundamental para uma gestão de qualidade.

¹Professora aposentada da Universidade Federal da Bahia Curso de Museologia. Possui graduação em Museologia (1973), mestrado em Educação (1981) e doutorado em Educação (1995), todos pela Universidade Federal da Bahia. É consultora nas áreas da Museologia, da Educação e da Gestão e Organização de Museus e professora da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Integra o Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico do Instituto Brasileiro de Museus Ministério da Cultura.

O diagnóstico visa à unidade, isto é, trata-se de uma visão global das ações de um museu sob a ótica da Museologia, onde se avalia a realidade atual para alcançar a realidade desejável. Neste documento, foram analisadas as intenções e expectativas acerca do Museu de Florianópolis. Os resultados foram organizados de modo a permitir uma visão global da instituição sobre os processos que precisam ser implantados para o pleno funcionamento.

Nesta etapa foram analisados os seguintes fatores: estrutura do prédio e projeto de restauro, condições climáticas e ambientais, previsão de acervo para o museu, sugestões de temas para exposição e as condições constantes no Termo de Referência do Edital de Concorrência nº 039/SMA/DLC/2015.

A metodologia utilizada foi a análise das Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA), tendo como premissa a avaliação *in loco* da edificação que abrigará a instituição museológica e a leitura de bibliografia especializada, somadas a reuniões para troca de informações entre a equipe da Viés Cultural, do Sesc Santa Catarina e dos técnicos do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF). O diagnóstico possibilitou a coleta de informações e a compreensão das expectativas das instituições envolvidas no processo para a implantação do Museu de Florianópolis.

O presente diagnóstico foi construído pela equipe da Viés Cultural, por meio de uma visita técnica realizada na edificação que abrigará o Museu de Florianópolis, no dia 02 de junho de 2015, por reuniões realizadas respectivamente nos dias 27 de maio, 02 e 15 de junho, 06, 28 e 30 de julho de 2015, pelo estudo de documentos e informações repassados pela equipe do Sesc Santa Catarina neste mesmo período, e pelo debate das observações e conclusões da equipe da Viés Cultural e do Sesc, ao longo deste período.

1.1 GESTÃO INSTITUCIONAL

O Museu de Florianópolis ainda não possui um documento formal de criação na data de elaboração desse plano (novembro de 2015).

O Edital de Concorrência n.º039/SMA/DLC/2015 define a cessão onerosa de uso de bem público do imóvel conhecido como “Casa de Câmara e Cadeia”, situada no município de Florianópolis/SC, onde o concessionário deverá realizar a implantação e manutenção de um museu que verse sobre o município de Florianópolis. Deste modo, tem-se um documento que indica em linhas gerais a expectativa que a Prefeitura Municipal de Florianópolis possui em relação ao Museu de Florianópolis, propondo que seja espaço de reflexão e memória sobre o papel histórico de Florianópolis na história do Brasil, e também como um atrativo turístico para o município. Considera ainda que a implantação do museu na antiga Casa de Câmara e Cadeia contribuirá para a revitalização da edificação e sua posterior manutenção.

A criação do museu precisa ser realizada. Por se tratar de uma instituição pública municipal, deverá ser criada por lei específica ou ato do prefeito municipal de Florianópolis.

De acordo com a Lei n.º11.904/2009, Estatuto dos Museus, em seu artigo primeiro:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, Lei N.º, 11.904/2009, Art. 1.º.)

Esta mesma lei, em seu artigo sétimo, afirma que a criação de museus por qualquer entidade é livre, independentemente de seu regime jurídico. Neste caso, o Sesc Santa Catarina poderá criar a instituição formalizando-a juridicamente.

O Museu de Florianópolis, na estrutura administrativa e hierárquica do Sesc, é compreendido como uma Unidade Operacional que oferece ao público — no caso específico — serviços e atividades de cultura, educação, turismo e saúde (alimentação).

Por se tratar de uma instituição em fase de criação e implantação, ainda não está definida a identidade organizacional do museu. Os debates para construção desta identidade tiveram início nesta fase de diagnóstico.

A edificação que abrigará o Museu de Florianópolis está sendo restaurada. Neste momento, faz-se necessário pensar uma proposta de ocupação dos espaços que atenda aos propósitos do museu e permita que o mesmo possa cumprir suas funções. O Termo de Referência do Edital de Concorrência n.º 039/SMA/DLC/2015 (doravante Termo de Referência) sugere determinados usos para os espaços existentes na edificação e na Unidade de Apoio e Extensão a ser construída como anexo ao edifício. Analisada a proposta constante do Termo de Referência, é indispensável realizar alguns ajustes para que se destinem na edificação espaços mais significativos para as exposições, como o antigo plenário da Câmara. Ao mesmo tempo, é necessário definir espaços para o trabalho técnico indispensável para o bom funcionamento de um museu, como por exemplo, a reserva técnica, espaço para conservação do acervo e espaço para o núcleo educativo, com espaço multiuso. A proposta completa de ocupação dos mesmos está apresentada no programa arquitetônico.

O conceito do museu precisa ser definido para melhor entendimento de suas finalidades. De acordo com o Termo de Referência a temática deste museu é: abordar a evolução de Florianópolis e região, desde o período pré-cabralino aos dias atuais por meio de recortes temáticos que valorizem aspectos significativos da sua história.

Neste sentido, é necessário que se reflita sobre este aspecto e se defina na formulação do programa de gestão museológica o conceito que deve prevalecer para este museu. Há expectativa de que o museu constitua-se num atrativo turístico para o município, valorizando o Centro Histórico da Cidade, além de contribuir para que o florianopolitano e o turista se apropriem da importância que a cidade possui no contexto da ocupação portuguesa no Sul da América.

1.1.1 Pontos Fortes

- Edificação pública municipal gerida por instituição privada por meio de cessão onerosa no prazo de 20 anos, renovável por mais 20 anos;
- A instituição responsável pela gestão do museu possui *expertise* na formulação de políticas culturais e gestão cultural;
- Gestão privada que adota princípios de eficiência e eficácia, fiscalizada por órgãos internos e externos (Controladoria Geral da União, Tribunal de Contas etc.) em relação à aplicação de recursos e transparência nos processos de gestão;
- Utilização da estrutura administrativa, contábil, jurídica, de obras e projetos, de recursos humanos, de assessoria de comunicação e *marketing*, de tecnologia da informação e demais assessorias e procedimentos de gestão do Sesc Santa Catarina, para a consecução dos objetivos do Museu;
- O Museu está em fase de implantação atendendo a legislação relativa à área museológica;
- Museu que será implantado a partir da construção do plano museológico e da elaboração de um projeto museográfico específico, agregando qualidade aos serviços a serem ofertados pela instituição;
- Criação de regimento interno do museu e outros documentos sobre as regras de funcionamento de forma antecipada e planejada anterior à abertura do Museu ao público.

1.1.2 Pontos Fracos

- A cessão onerosa é pelo prazo de 20 anos, podendo o gestor perder o interesse em continuá-la, implicando na interrupção das atividades.

1.1.3 Oportunidades

- Florianópolis ainda não possui um museu dedicado especificamente à cidade;
- O perfil de museu sugerido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis permite colocar esta instituição museológica como uma referência para o Sul do Brasil em razão dos elementos tecnológicos previstos na sua exposição;
- Constituir um museu que seja referência para visitação em Florianópolis ao mesmo tempo em que valoriza a história e a cultura da cidade;
- Criar roteiro de visitação e de programação integrada dos equipamentos históricos, de arte, arquitetura, paisagem urbana e cultura do entorno da Praça XV de Novembro (como Museu Histórico de Santa Catarina sediado no Palácio Cruz e Sousa, Catedral Metropolitana, Museu Victor Meirelles, Arquivo Histórico Municipal etc.).

1.1.4 Ameaças

- Risco de o poder público impor temas e/ou atividades que não condizem com o perfil do museu durante a elaboração do projeto museográfico/expográfico;
- O fato de o museu ser constituído com a visão de um atrativo turístico pode comprometer a proposta técnica de um museu que se dedique a propor reflexões sobre a cidade de Florianópolis;

1.2 GESTÃO DE PESSOAS

O Museu de Florianópolis, com gestão do Sesc Santa Catarina, está em fase de implantação. Por esta razão, ainda não possui uma equipe técnica contratada para atuar especificamente no museu. Neste estágio do planejamento, ainda não ter uma equipe atuando constitui-se em um ponto forte, pois possibilitará contratar uma equipe com o perfil adequado e que já inicie suas atividades em sintonia com o que rege o plano museológico para a instituição.

Os profissionais que atuarão no Museu serão contratados pelo regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) conforme política de contratações do Sesc Santa Catarina.

O Termo de Referência sugere como equipe mínima para o Museu de Florianópolis: um Museólogo, um gerente administrativo-financeiro, uma bibliotecária, um analista técnico - documentação, um assistente administrativo, uma recepcionista, duas auxiliares de limpeza, dois vigias e uma copeira.

De acordo com as especificidades desta instituição museológica e as características do imóvel da antiga Casa de Câmara e Cadeia sugere-se que se repense o quadro de profissionais necessários para atuação na instituição. A equipe do Museu de Florianópolis será composta por:

- 1 Gestor do Museu, responsável pela gestão da instituição, deve possuir habilidade para liderar a equipe estimulando a execução das ações definidas no plano museológico utilizando-se de ferramentas de gestão contemporâneas;
- 1 Museólogo, responsável técnico pela instituição museológica, deve possuir registro no Conselho Regional de Museologia (COREM) e estar apto a realizar as funções definidas pela Lei nº7287/1984;

- 1 Técnico de Conservação, responsável pelas ações de conservação e preservação do acervo, deve realizar os procedimentos de conservação preventiva e monitorar as condições de conservação do acervo no museu;
- 1 Analista de Tecnologia, responsável pela manutenção dos equipamentos e dos *softwares* que serão utilizados nas exposições;
- 1 Educador, responsável por coordenar o núcleo educativo e cultural, deve articular os projetos educativos do museu e acompanhar a realização de todas as ações relativas ao núcleo;
- 4 Mediadores, com licenciatura plena em áreas afins ao tema do museu, devem atuar no núcleo educativo, participando da elaboração dos projetos e realizando a mediação com grupos agendados.
- 4 Seguranças/Vigias, responsáveis pela segurança do patrimônio do museu, dos profissionais que atuam na instituição e dos visitantes. Devem zelar pela integridade da edificação e dos equipamentos, além de garantir a segurança dos profissionais e visitantes;
- 2 Bilheteiros/Recepcionistas, responsáveis pelo primeiro contato com o visitante, devem dar boas-vindas, realizar a cobrança do ingresso e repassar as orientações pertinentes à visita;
- 1 Auxiliar de Limpeza, responsável pela limpeza da edificação, deve seguir as orientações do gestor sobre as especificidades da higienização de espaços museológicos. As orientações serão amparadas pelas recomendações do museólogo responsável e do técnico em conservação;
- 1 Copeira, responsável por fazer e servir aos funcionários e visitantes cafés, chás, água, preparar lanches, manter a copa e os utensílios limpos, verificar os mantimentos.
- 2 Atendentes de balcão, responsáveis pelo atendimento às pessoas que utilizarem o café do museu;

- 2 Auxiliares de cozinha, responsáveis pelas atividades na cozinha do café do museu;
- 1 Gerente Administrativo e Financeiro, responsável por auxiliar o gestor do museu no planejamento e execução das tarefas administrativas e pelo controle financeiro do museu;
- 1 Bibliotecário, responsável pela catalogação e organização do acervo bibliográfico que ficará à disposição do público e dos pesquisadores;
- 1 Assistente Administrativo que atuará na execução de tarefas administrativas definidas pelo gestor do museu e/ou pelo gerente administrativo e financeiro;
- 1 Assessor Jurídico, responsável por orientar o gestor do museu nas questões jurídicas que envolvem a instituição e atuar na confecção e revisão de documentos que necessitem de seu conhecimento técnico, como, por exemplo, elaboração de termo de empréstimo de acervos.

Conforme já mencionado nas reuniões, as funções de gerente administrativo e financeiro, bibliotecário, assistente administrativo e assessor jurídico serão exercidas por profissionais do Departamento Regional do Sesc Santa Catarina, situado na Rua Felipe Schimdt, nº 785 próximo ao Museu de Florianópolis. A princípio, esta é uma solução que pode atender a demanda inicial do museu. E caso consiga atender constantemente, mostrando-se eficiente, esta opção pode ser mantida por mais tempo.

O horário de atendimento ao público será:

- Baixa temporada: março a novembro, 9 meses;
Terça a sábado: 10h às 20h (10h) e domingo: das 10h às 18h (8h).
- Alta temporada: dezembro a fevereiro, 3 meses;
Terça a sábado: 11h às 21h (10h) e domingo: das 10h às 18h (8h).

Na alta temporada, conforme constatação de necessidade será oportuna a contratação suplementar de recepcionistas, serviços gerais, atendente de cafeteria, vigias e mediadores.

1.2.1 Pontos Fortes

- O museu está em fase de implantação, o que permite selecionar uma equipe de trabalho com perfil adequado a todos os cargos;
- A gestão realizada por entidade privada possibilita maior agilidade nas contratações e substituição de profissionais;
- Oferta de salários e benefícios compatíveis com as funções;
- Servir-se de profissionais que fazem parte do quadro de funcionários do Sesc Santa Catarina para atuar na instituição.

1.2.2 Pontos Fracos

- Não foram identificados pontos fracos para o programa de gestão de pessoas.

1.2.3 Oportunidades

- Estudar as formas de seleção e recrutamento, de capacitação e de gestão de recursos humanos de outros museus brasileiros.

1.2.4 Ameaças

- Escassez de profissionais com o nível desejado no mercado.

1.3 EXPOSIÇÕES

A expografia compreende uma das atividades mais importantes do processo museológico. Trata-se do reflexo do trabalho cotidiano de um museu, isto é, expressa o discurso da instituição. As ações de pesquisa e salvaguarda do patrimônio são comunicadas ao público por meios das exposições, evidenciando o acervo e a instituição.

Atualmente os museus optam por três tipologias de exposições: a de longa duração que não é permanente, porém fica aberta à visitação por um período mais longo. No caso do Museu de Florianópolis, o Sesc Santa Catarina deverá promover estudo de público e realizar, se necessário a revisão da expografia a cada três anos, de acordo com o Termo de Referência. As exposições temporárias são organizadas para um período mais curto, entre três e seis meses, e seguem temáticas relevantes à sociedade e que estejam alinhadas à missão do museu. As exposições itinerantes são formatadas especificamente à circulação extramuros, podendo ser elaboradas pelo museu ou ser recebidas de outras instituições para tal finalidade.

Salientamos que a instituição não possui sua exposição montada, ou mesmo seu projeto museográfico, por este motivo o diagnóstico foi elaborado com base nas intenções expressas nas reuniões e nos documentos consultados.

1.3.1 Pontos Fortes

- Tema abordado: a evolução de Florianópolis e região, desde o período pré-cabralino aos dias atuais por meio de recortes temáticos que valorizem aspectos significativos da sua história;
- Previsão de revisão expográfica a cada 3 anos;
- Recursos de comunicação interativa e tecnológica;
- Contratação de equipe de museologia para elaboração do projeto expográfico.

1.3.2 Pontos Fracos

- Falta de acervo próprio da instituição abordando a temática do museu, dificultando a elaboração do projeto museográfico.

1.3.3 Oportunidades

- Na elaboração do projeto museográfico, a possibilidade de contar com acervos provenientes de outras instituições de memória abordando a temática do museu, possibilita maior flexibilidade;
- Aproveitamento da edificação da antiga Casa de Câmara e Cadeia em um equipamento museológico, pois já é uma edificação reconhecida como patrimônio Cultural de Florianópolis.

1.3.4 Ameaças

- Perda do interesse dos visitantes na temática do museu.

1.4 ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO

O diagnóstico arquitetônico-urbanístico abrange a identificação, a conservação e a adequação dos espaços livres e construídos das áreas em torno da instituição, levando em conta a adequação dos espaços para comportar as funções de uma instituição museal e proporcionar um ambiente agradável aos usuários.

Por se tratar de uma estrutura diferenciada, as instituições museológicas têm como especificidade espaços destinados às áreas técnicas e administrativas, sem acesso ao público, e espaços expositivos e/ou visitáveis com acesso ao público.

Projetos arquitetônicos destinados aos museus devem atender as demandas decorrentes do dia a dia institucional. Quando se trata de projetos adaptados, devem minimizar os impactos causados por uma edificação cujo uso original foi elaborado para outra finalidade, como é o caso do Museu de Florianópolis, a ser implantado na edificação da antiga Casa de Câmara e Cadeia.

Projetos arquitetônicos que adaptam edificação histórica para abrigar um museu devem observar itens como a salvaguarda e conservação do acervo, tanto expositivo quanto em reserva técnica, a circulação dos visitantes e circulação administrativa interna, a iluminação expositiva e de manutenção, entre outros, são itens que não podem faltar em nenhum museu. No Museu de Florianópolis, excepcionalmente para este diagnóstico, os itens citados acima ainda são inexistentes pelo fato do Museu não estar implantado, ou seu projeto museográfico elaborado.

Um programa arquitetônico para a instalação de um museu deve prever, no mínimo, as seguintes necessidades:

- Espaço de recepção (bilheteria, local para acolhimento do público, ponto de venda de produtos e guarda-volumes);
- Sala de exposição permanente (ou de longa duração);
- Sala de exposição temporária (ou de curta duração);
- Reserva técnica;
- Sala de administração;
- Espaço para ações educativas e culturais;
- Sala para procedimentos técnicos com o acervo.

Neste contexto, elenca-se no diagnóstico os seguintes pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças:

1.4.1 Pontos Fortes

- Aproveitamento do histórico da edificação e das suas memórias por parte do gestor;
- Projeto de Museu que contempla acessibilidade universal com plataformas elevatórias, elevador, rampas de acesso e espaços expositivos com recursos e ferramentas de acesso para pessoas com deficiência;
- Criação de espaço anexo “Unidade de Extensão e Apoio” para suprir as demandas das atividades museológicas e administrativas;
- Potencial para criar espaço multiuso;
- Projeto e execução da restauração da edificação pela prefeitura.

1.4.2 Pontos Fracos

- Edificação não possui local próprio de estacionamento;
- Edificação não possui área para ampliação;
- Edificação possui área externa reduzida em seu entorno;
- A edificação possui área interna restrita e reduzida área externa
- Edificação adaptada, do ponto de vista arquitetônico, para ser uma instituição museológica, não sendo pensada desde a sua planta para tal finalidade. Sendo assim, todos os espaços são repensados de seu uso original para um espaço destinado a uma ação museológica;
- O espaço de circulação da recepção é inadequado às funcionalidades de uma instituição museológica, levando em consideração que o local de entrada e saída é o mesmo;
- Como a mantenedora não possui profissionais da área museológica, corre-se o risco de não atender todas as demandas museais.

1.4.3 Oportunidades

- Parcerias com estacionamentos privados para garantir a mobilidade de turistas e demais visitantes;
- Inserir o Museu de Florianópolis nos roteiros turísticos para visitação de edificações históricas;
- Parcerias com instituições de ensino, no ramo de arquitetura/engenharias ou afins, para estudo da edificação ou seu processo de restauro;

- Localização central, já conhecida pelos atrativos turísticos e museus em seu entorno;

1.4.4 Ameaças

- Não foram identificadas ameaças no Programa Arquitetônico e Urbanístico.

1.5 PESQUISA

A pesquisa é uma das premissas fundamentais da museologia, é substancial e essencial em instituições museológicas para qualificar os seus serviços e suas atividades técnicas, gerar políticas de gerenciamento de acervo, qualificar as informações da exposição e para reconhecer o seu potencial de comunicação.

A pesquisa é uma função básica dos museus, é através dela que se fortalece a identidade de uma instituição museal:

No museu, a pesquisa constitui o conjunto de atividades intelectuais de trabalhos que tem como objeto a descoberta, a invenção e o progresso de conhecimentos novos ligados às coleções das quais ele se encarrega ou as suas atividades. (DESVALLEES; MAIRESSE, 2014, p.77)

Como constatam Desvalles e Mairesse a pesquisa na Museologia pode se aplicar ao estudo das coleções, ao estudo para o desenvolvimento das atividades das instituições de memória, a história desses espaços culturais, ou aos estudos de públicos realizados por essas instituições para aprimorar os seus serviços e produtos.

Dentro de um museu existem pesquisas aplicadas, isto é, aquelas sobre o desenvolvimento das atividades técnicas de cada núcleo, como o da conservação e da museografia; e a pesquisa básica, focada na temática e no recorte histórico do

Museu, que neste caso alimenta as exposições, os catálogos e todas as outras fontes de comunicação do museu. Como ilustra o organograma abaixo elaborado por Manuelina Maria Duarte Cândido:

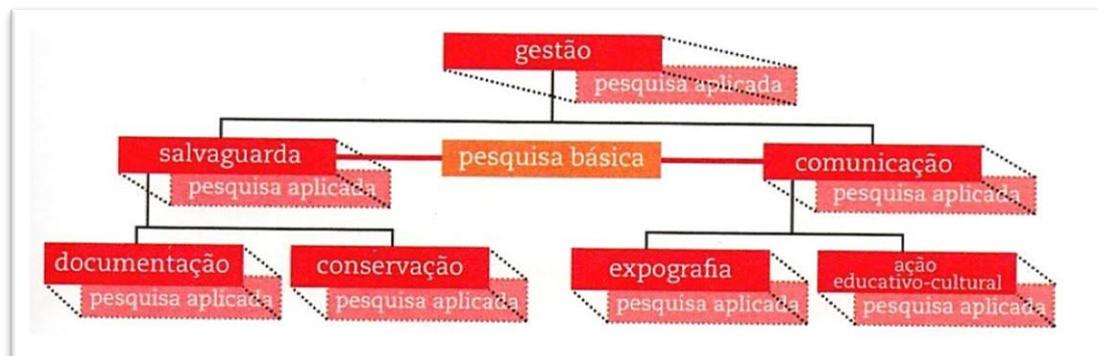


Figura 1: Organização baseada nas funções.
Fonte: CÂNDIDO, 2014, p.35.

A pesquisa está em todos os setores de um museu. Os agentes que realizam pesquisas em instituições de memórias são inúmeros como, pesquisadores, intelectuais, acadêmicos, professores e estudantes, portanto, é importante estar atento à recepção desse público.

A pesquisa contribui com a qualidade dos processos técnicos e comunicacionais nas instituições de caráter museológico e auxilia no tratamento técnico do acervo. Torna essas instituições ricas em informações e discussões, aproxima-as do seu entorno, isto é, da comunidade local. A pesquisa transforma as instituições de memória em agentes de transformação social, que estão em constante aperfeiçoamento.

Os museus devem estruturar bem o seu núcleo de pesquisa, de modo que tenha um espaço físico adequado, pesquisadores inseridos em suas equipes, linhas de pesquisas bem definidas. Além disso, é necessário pensar o acesso às pesquisas e informações do acervo para o pesquisador externo. O intercâmbio com pesquisadores de outras instituições pode ser proveitoso para as instituições museológicas. Sendo importante a definição dos procedimentos para esses pesquisadores externos acessarem essas informações.

Sobre os pontos fortes do museu, pode-se citar que o tema e o recorte histórico permitem inúmeras abordagens e um campo vasto de pesquisas a serem

realizadas, podendo envolver várias disciplinas e campos de conhecimento atraindo uma gama de pesquisadores e instituições interessadas em pesquisas.

No termo de referência elaborado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis para o Edital de Concorrência nº39/SMA/DLC/ 2015, está previsto um espaço físico destinado ao setor de pesquisas, isto é, fundamental para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de qualquer instituição de caráter museológico. O Museu de Florianópolis deverá contratar periodicamente pesquisadores para desenvolver conteúdos específicos de interesse do Museu, por meio de contrato por tempo determinado e por conteúdo específico. Dessa forma, haverá o envolvimento de diferentes pesquisadores, conforme a necessidade, os pesquisadores poderão ser contratados.

Há a possibilidade de envolvimento dos estudantes de museologia, história, geografia e arquitetura de vários centros de ensino, para que o museu seja campo de estágio e objeto de pesquisa.

A indicação de como deve se estruturar a pesquisa de público de acordo com o termo de referência caracteriza um ponto fraco do projeto. O documento prevê que o Museu de Florianópolis realize pesquisas quantitativas de público. No entanto é desejável que o museu adote uma postura mais crítica e profunda em relação a sua avaliação e pesquisa, utilizando metodologias quantitativas e qualitativas.

Além do livro de registro de visitantes e bilheteria (metodologia quantitativa), é necessário elaborar e aplicar um questionário (metodologia qualitativa) que deve ter como base os princípios levantados nas pesquisas que o Observatório de Museus, uma entidade referência a nível nacional, vem realizando nos últimos anos sobre pesquisa de público em museus e instituições culturais no Brasil. Um modelo de questionário que pode ser um ponto de partida para a criação e aplicação da pesquisa de público do Museu de Florianópolis, é o criado e aplicado pelo Museu da Vida².

A metodologia de avaliação qualitativa permite que o Museu obtenha informações mais precisas sobre o público visitante, a qualidade dos seus serviços,

² A pesquisa de público do museu da vida e o modelo de questionário aplicado estão disponíveis em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/media/caderno%203.pdf>

e o retorno social gerado a partir das suas ações, o que atrai maiores investimentos para o Museu de Florianópolis.

O Museu de Florianópolis tende a receber muitos pesquisadores, porém não existe no momento um espaço físico para receber esse público específico. O espaço destinado a receber pesquisadores, promove o acesso ao acervo através das fichas de catalogação e do sistema de documentação e ao conhecimento gerado a partir desse acervo. Porém a ausência desse espaço físico, devido à insuficiência dos espaços para todos os setores do museu, pode ser superada pela definição dos procedimentos para o pesquisador acessar as informações e pesquisas realizadas pelo Museu de Florianópolis.

Como oportunidades, pode-se elencar a localização, a abrangência, e a temática, pois estas estimulam os pesquisadores de Florianópolis, de várias outras regiões do estado de Santa Catarina e de outros estados do Brasil a procurarem a instituição. Neste sentido, existe a possibilidade de firmar parcerias com instituições de caráter museológico e instituições educacionais que trabalham com pesquisas referentes ou relacionadas ao tema do Museu de Florianópolis.

Para divulgar e difundir as pesquisas produzidas pela instituição, assim como estimular a discussão sobre as temáticas abordadas pela instituição e dentre elas a interatividade nos museus, o site do Museu de Florianópolis é uma excelente ferramenta.

Uma ameaça identificada é sobre alguns objetos do acervo que estarão sob estado de empréstimo, a sua devolução antes do prazo pode comprometer as atividades de pesquisas dentro do museu e de pesquisadores externos. Deste modo é importante adquirir o acervo, em caso de peças indispensáveis, e quando não for possível a aquisição, dedicar atenção especial aos termos de empréstimos do mesmo, bem como, armazenar a documentação jurídica.

1.5.1 Pontos Fortes

- O tema e o recorte histórico com uma abordagem diferenciada que deve atrair pesquisadores de diversas instituições da região de Florianópolis;
- O corpo técnico multidisciplinar que contribui de maneira significativa para a qualidade dos resultados das pesquisas realizadas na instituição;
- Previsão no Regimento Interno (em fase de aprovação) de regras para receber os pesquisadores;
- Contratação de pesquisadores para desenvolver conteúdos específicos;
- Envolvimento de acadêmicos, isto é, o museu como campo de estágio e objeto de pesquisa;
- O site do museu servirá para difundir as pesquisas realizadas, e informações dos acervos.

1.5.2 Pontos Fracos

- O museu realizará apenas pesquisas quantitativas de público;
- Não existe espaço físico destinado a receber pesquisadores.

1.5.3 Oportunidades

- A localização em relação à cidade de Florianópolis que possui inúmeras instituições de pesquisa: universidades, centros culturais e instituições museológicas.

1.5.4 Ameaças

- Estudo em acervos, em condição de empréstimo, caso haja devolução do mesmo para sua instituição de origem, pode interromper as atividades de pesquisa.

1.6 SOCIOAMBIENTAL

Uma das principais características de nossa época é a preocupação com a sustentabilidade. Essa é umas das particularidades das instituições, empresas, e organizações. O Museu sendo uma instituição que reflete sobre o seu tempo e a sociedade, também passa a discutir as questões de sustentabilidade e adotar em suas atividades cotidianas práticas sustentáveis.

O físico austríaco Fritjof Capra, um dos precursores da consciência ambiental, da ecoalfabetização e da visão sistêmica, defendeu em entrevista coletiva em Fortaleza, de acordo com o site do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), que “não há só um caminho para se ter uma educação ecologicamente sustentável. É preciso que essa educação esteja em todos os níveis da escola formal, da educação infantil até a universidade, e também nas capacitações profissionais.”(CAPRA, 2008)

Pensar educação ambiental é pensar o meio social também, afinal o meio social é parte do ambiente natural. As instituições museais enquanto espaços de formação têm a possibilidade de trabalhar com projetos socioambientais e contribuir de maneira significativa para a consciência sobre a sustentabilidade.

Os museus por muito tempo não se ocuparam disso, porém recentemente as instituições museológicas passaram a ter o comprometimento, por cobrança do

decreto nº 8.124/2013 que entre outras medidas, inclui o programa socioambiental como uma das exigências do Plano Museológico.

Alguns museus, em especial os de ciências naturais e de zoologia, passaram a trabalhar com as questões ambientais porque o tema do museu tem relação direta com a questão socioambiental, mas nem todos assumem práticas sustentáveis na sua gestão e nas tarefas cotidianas. Após o decreto nº 8124/2013, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) espera que os museus brasileiros se adéquam ao Estatuto dos Museus e incorporem práticas sustentáveis a sua gestão, reduzindo o impacto ambiental.

Portanto é necessário reforçar no programa socioambiental o compromisso do Museu de Florianópolis com as práticas sustentáveis no dia a dia da instituição e com a Educação ambiental em seus projetos e ações.

Um ponto forte do programa socioambiental do Museu de Florianópolis é a localização que deve atrair a comunidade escolar ao museu, o que faz com que o mesmo possa disseminar o conhecimento produzido em relação à Educação Ambiental e as práticas sustentáveis adotadas pela instituição.

A discussão sobre sustentabilidade que existe em Florianópolis e atualmente confunde-se com o momento histórico pelo qual o município está passando e o seu futuro, é uma abordagem temática com um potencial interessante. O Museu pode ser um importante local de discussão a respeito da sustentabilidade, no sentido de suscitar reflexões e promover olhares sobre a cidade e sustentabilidade, uma vez que o Museu de Florianópolis aborda temas como a ocupação territorial, o povo, a economia e os hábitos.

O Núcleo Educativo e Cultural com espaço multiuso, previsto no projeto, possibilita movimentar e dinamizar o Museu de Florianópolis. Devem-se promover apresentações, palestras, oficinas e sobre o programa socioambiental especificamente é possível trazer uma série de atividades sobre sustentabilidade e a cidade.

Em paralelo com as atividades de Educação Ambiental e a reflexão sobre a sustentabilidade, o Museu de Florianópolis deve implantar práticas sustentáveis no cotidiano da instituição. O *Leadership in Energy and Environmental Design* (LEED) é

um sistema internacional de certificação e orientação ambiental para edificações, utilizado em 143 países e possui o intuito de incentivar a transformação dos projetos, obra e operação das edificações, sempre com foco na sustentabilidade de suas atuações. A Casa de Câmara e Cadeia é um imóvel tombado, portanto, possui certas restrições às intervenções, o que dificulta a adequação do museu a algumas exigências do certificado LEED (em português: Liderança em Energia e *Designer Ambiental*).

Sendo assim, ter a LEED como parâmetro para adequar a instituição, com o passar dos anos, na medida do possível, obedecendo às limitações estabelecidas pelo tombamento e buscando soluções criativas e diferenciadas, torna-se uma forma de minimizar essa dificuldade.

O Museu de Florianópolis tem como público alvo a comunidade, as escolas, e os turistas. Portanto tem a oportunidade de trabalhar a Educação Ambiental e a sustentabilidade em consonância com o programa educativo, uma vez que essa é uma temática amplamente abordada nas escolas e difundida entre os turistas.

A paisagem de entorno do museu, precisamente a Praça XV de Novembro e a cidade de Florianópolis são objetos-geradores³ que o Museu de Florianópolis deve usar para levantar reflexões sobre a história, memória e sustentabilidade.

1.6.1 Pontos Fortes

- Núcleo educativo e cultural com espaço multiuso para trazer palestras, oficinas e produzir reflexões e debates sobre sustentabilidade e a cidade de Florianópolis.
- A realização de projetos e ações de educação ambiental com público escolar, comunidade em vulnerabilidade social e turística.

³ Os “objetos geradores” seriam aqueles responsáveis por motivar reflexões sobre as tramas entre sujeitos e objetos do cotidiano, entender que os objetos expressam traços culturais, são criadores e criaturas do ser humano

1.6.2 Pontos Fracos

- Imóvel tombado impõe limitações a algumas adequações sugeridas pela certificação LEED, como por exemplo, a implantação de clarabóias para aproveitar a iluminação natural, e o entorno com espécies nativas e frutíferas.

1.6.3 Oportunidades

- A paisagem de entorno, isto é, a Praça XV de Novembro e a cidade de Florianópolis como objetos geradores para levantar reflexões sobre a sustentabilidade nos projetos do Museu;
- Localização que deve atrair e facilitar o acesso da comunidade escolar ao museu, contribuindo para trabalhar Educação Ambiental e disseminar conhecimentos e práticas ligadas a sustentabilidade;
- A discussão sobre sustentabilidade que existe na cidade de Florianópolis.

1.6.4 Ameaças

- Não foram identificadas ameaças no Programa Socioambiental;

1.7 EDUCATIVO E CULTURAL

O Museu de Florianópolis ainda não possui um Núcleo Educativo e Cultural, será necessário aprofundar reflexões acerca de conceitos de educação e de museologia para fundamentar e consolidar o Núcleo, quanto à função social do museu na promoção da educação e da cultura, destacando sua importância como um agente educativo, na sua democratização e na democratização do saber. O papel do museu na sociedade contemporânea possibilita uma pluralidade de práticas museológicas, neste sentido “oferecem oportunidades para aprendizagem e entretenimento. A educação é uma das funções centrais dos museus”. (MUSEUMS and Galleries Commission, 2001, p.17).

Os objetivos da política e do plano de trabalho de uma ação educativa em museu devem estar em consonância com teorias e conceitos sobre educação, museologia e com outros conhecimentos

[...] de museus adotados pelos sujeitos sociais envolvidos no planejamento e na execução dos mesmos, devendo, pois ser adaptados aos diferentes contextos, aos anseios e expectativas dos diversos grupos com os quais estejamos atuando, sendo repensados constantemente, modificados e enriquecidos [...], realizando um processo constante de ação e de reflexão, no qual teoria e prática estejam sempre em interação. (SANTOS, 2008, p.128).

Ao Núcleo Educativo e Cultural, caberá estabelecer consonâncias também com as discussões contemporâneas do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM), promovidas pelo IBRAM, que pretende consolidar um documento definitivo para a área, a partir de uma construção coletiva. Divididos em grupos de trabalhos, estão na pauta de discussão os seguintes temas: Perspectivas Conceituais; Gestão; Profissionais de Educação Museal; Formação, Capacitação e Qualificação; Redes e

Parcerias; Estudos e Pesquisas; Acessibilidade; Sustentabilidade; Museus e Comunidade.

Sendo assim, seguem as questões que visam contribuir nas necessidades e observações para o Núcleo Educativo e Cultural, analisando pontos fortes e pontos fracos, assim como possíveis oportunidades e ameaças. Fundamentações e detalhamentos serão apontados no programa de ação educativa e cultural, segundo conceitos e práticas da Educação em Museus.

1.7.1 Pontos Fortes

- A temática suscitada pelo museu relacionada à história e memória da cidade é de relevância, com grande potencial pedagógico;
- Os conteúdos a serem apresentados no Museu de Florianópolis podem integrar todas as áreas do conhecimento, proporcionando desdobramentos em diferentes temáticas, para projetos e programas;
- A utilização de mídias e tecnologias contemporâneas proporcionará a autonomia e a interatividade do público com o acervo do museu;
- Temas e sub temas poderão permitir que os públicos acessem informação para pesquisas em outras instituições e plataformas virtuais;
- Possibilitará grande número de visitação de turistas, enquanto destino turístico e cultural na cidade;
- Existência de espaço multiuso para a realização de ações educativas e culturais (acolhida dos visitantes e mediação em atividades pedagógicas, oficinas, palestras, saraus, teatros, lançamento de livros, exibição de audiovisual etc.);
- Potencialidade de acesso a todos os públicos: criança – menores de 5 anos, de 6 a 12 anos, adolescente – 13 a 17 anos, adulto – 18 a 64

anos e idoso – 65 anos em diante. Do público escolar → Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Professores de todas as áreas do conhecimento. Públicos especiais: famílias, pessoas com limitações sensoriais, físicas ou mentais, excluídos socialmente;

- Possibilitará grande número de visitação de alunos de escolas públicas e particulares, principalmente os alunos do ensino fundamental visto que o tema do município é componente do planejamento curricular das escolas do ensino fundamental;
- Ser referência na acessibilidade universal e inclusão social para o setor museológico, no estado de Santa Catarina e Sul do Brasil;

1.7.2 Pontos Fracos

- A inexistência de equipe especializada e em números suficientes para o atendimento do núcleo poderá comprometer as ações do museu.
- Calor intenso no verão, caso não tenha climatização;
- Mediadores que possuem conhecimento apenas nas novas mídias, sendo desprovidos do mesmo no tema central do museu, pois as informações prestadas precisam estar alinhadas à temática do mesmo;
- A cobrança de ingresso para grupos de alunos de escolas públicas quando em visita escolar agendada, pode ser impopular, principalmente para as escolas da rede municipal;

- O acolhimento inicial para grupos de visitantes pode ser prejudicado, pois o espaço de recepção não comporta diálogos em mediação;
- Piso de madeira no andar superior pode provocar grande produção de ruídos e sonoridade desconfortáveis para os visitantes, para as mediações e à realização de eventos;
- A necessidade de manutenção permanente dos equipamentos de mídias e tecnologias contemporâneas, para não comprometer o seu uso pelo público na exposição;
- Visitas não agendadas de grupos escolares, turistas e outros, podem comprometer as ações dos programas a serem executados.

1.7.3 Oportunidades

- A excelente localização no centro histórico de Florianópolis oportunizará grande número de visitação e a diversidade de público, o que torna as experiências e ações educativas mais ricas e diversas;
- Existem possibilidades de estabelecer parcerias institucionais na esfera pública (em todos os níveis) e privada;
- Existem possibilidades de estabelecer parcerias institucionais educativas e culturais (universidades, escolas, museus, centros culturais, fundações e outros);
- Aproveitar as instituições do centro histórico de Florianópolis, no entorno do museu, para estabelecer parcerias;
 - Estabelecer políticas de parcerias com outros locais do centro histórico, para compor o horário simultâneo ao de funcionamento.

1.7.4 Ameaças

- A existência de eventuais manifestações públicas (passeatas, greves, etc.) no entorno do Museu poderá afetar as visitas agendadas por grupos.
- Guias turísticos com autonomia no interior do museu, promovendo percursos e discursos para grupos de visitantes.

1.8 ACERVOS

1.8.1 SUBPROGRAMA DOCUMENTAÇÃO

O referido diagnóstico pretende demonstrar as potencialidades do Museu de Florianópolis e analisar as possíveis dificuldades segundo o conceito e prática da Documentação Museológica com base nas reuniões de trabalho, no material pesquisado e o termo de referência.

O Museu de Florianópolis ainda não possui acervos, contudo estão indicadas as temáticas que poderão compor as diversas coleções dessa instituição, norteando as futuras ações documentais para os gestores do museu.

Portanto, a análise trata de um olhar diferenciado para as rotinas documentais a serem criadas no Museu de Florianópolis e também sua relevância para o planejamento estratégico dessas práticas no que concerne a lei nº11.904/2009.

Neste sentido, listam-se a seguir, os pontos analisados na metodologia FOFA:

1.8.1.1 Pontos Fortes

- A instituição ainda não possui acervos. Isto permite selecionar os objetos que realmente interessam ao museu de acordo com as temáticas existentes no termo de referência para a exposição. Estas temáticas já esboçam as linhas gerais da política de acervos.
- A seleção do acervo será realizada com base na missão institucional e a criação de uma política de acervos condizente com a realidade futura que esse espaço comportará.
- A aplicação de sistemas informatizados de documentação poderá auxiliar tanto o visitante como o pesquisador do Museu de Florianópolis

1.8.1.2 Pontos Fracos

Não foram identificados pontos fracos no subprograma de documentação museológica.

1.8.1.3 Oportunidades

- O acervo do museu pode ser composto por coleções advindas de outros órgãos da Prefeitura de Florianópolis. Nesse sentido, objetos que já possuem informações minimamente documentadas que podem auxiliar de alguma maneira outras ações institucionais tais como pesquisa e comunicação.

1.8.1.4 Ameaças

- O museu será formado por acervos advindos de outras instituições museológicas. Esse procedimento não cria uma identidade institucional no que concernem aos objetos pertencentes ao museu.

1.8.2 SUBPROGRAMA CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Os objetos em sua maioria são delicados por natureza, as alterações físicas e químicas acontecem devido ao seu processo de envelhecimento, deterioração ou dano. Algumas situações podem acelerar a ação de desgaste, tais como materiais instáveis ou incompatíveis utilizados desde a concepção até outros fatores que são predominantes como as condições ambientais desfavoráveis: umidade, luz e principalmente as oscilações bruscas, infestação biológica, atmosfera poluída. Além das condições ambientais desfavoráveis, a negligência e mesmo algumas práticas de conservação e tratamentos de restauração não adequados à situação apresentada também podem acelerar a ação de desgaste.

O Museu de Florianópolis ainda não possui acervo definido e o seu edifício está em processo de restauração, neste sentido, existe a possibilidade de distribuir as áreas técnicas de conservação e tratamento do acervo, de modo que seja adequada a atender as demandas técnicas.

Como o acervo será composto por empréstimo de outras instituições é necessário que se faça um programa de conservação preventiva muito mais esmerado para o dia a dia do mesmo, os demais serão documentos e fotografias em formato digital, o indicado é pensar no tipo de armazenamento para esse formato na reserva técnica, com mobiliário adequado quando se tratar de acervo com suporte físico.

Uma parte significativa do acervo será digital, neste sentido, o Museu de Florianópolis tem a oportunidade de reprodução dos documentos com maior facilidade, seja para pesquisa bem como para a exposição, ao mesmo tempo em

que há a possibilidade de reprodução é necessário ter como política a migração de suporte, pois além de o mesmo se tornar obsoleto corre o risco de danos.

Fragilidades dos acervos digitais:

- Peculiaridades do acervo digital;
- Obsolescência do *hardware*;
- Obsolescência do *software*;
- Fragilidade do suporte digital (mídia).

Principais agentes causadores de danos:

- Temperatura;
- Umidade relativa do ar;
- Tempo de uso da mídia;
- Qualidade da mídia;
- Manipulação das mídias;
- Falhas no processo de fabricação;
- Campo magnético (para mídias magnéticas).

A análise do programa de conservação e restauro para realizar o gerenciamento do acervo que comporá as coleções do Museu de Florianópolis nesta fase de diagnóstico destacou os seguintes pontos fortes e fracos, seguidos pela principal ameaça identificada para este programa.

1.8.2.1 Pontos Fortes

- A preocupação com a climatização do espaço;
- A criação de um espaço para a reserva técnica na parte térrea da edificação.

1.8.2.2 Pontos Fracos

- Há a necessidade de um espaço para trabalhar na conservação do acervo, caso não haja, o mesmo pode correr o risco de algum processo de deterioração não ser estabilizado e assim danificar o objeto ou até mesmo perdê-lo.

1.8.2.3 Oportunidades

Não foram identificadas oportunidades no subprograma de conservação e restauro.

1.8.2.4 Ameaças

- A trepidação e os gases emitidos pelos veículos automotores que circulam no entorno do museu.

1.9 FINANCIAMENTO E FOMENTO

O referido diagnóstico pretende demonstrar as potencialidades do futuro Museu de Florianópolis analisar as possíveis dificuldades segundo o gerenciamento de financiamento e fomento. Esse levantamento tem como principal objetivo

proporcionar a adequação de suas ações e práticas museológicas, através da lei nº 11.904/2009 no que tange os artigos 46, item i, respeitando a realidade local e a sua abrangência institucional.

O Museu de Florianópolis deverá possuir ações que valorizem a história do território de Florianópolis, desde seus primórdios até o momento da consolidação do que seria a formação da sua urbe. Por conseguinte, o museu se caracteriza pelo foco na cronologia da evolução urbana e social da cidade.

A análise será feita referente ao potencial de financiamento e fomento, a sustentabilidade da instituição e a relevância perante a sociedade e patrocinadores. Nesse sentido, listam-se a seguir, os pontos analisados no diagnóstico:

1.9.1 Pontos Fortes

- O Museu de Florianópolis tem um aporte institucional de extrema importância, de sua gestora, o Sesc Santa Catarina. Essa experiência pode ser de grande importância para captação de recursos externos e parcerias institucionais de outros setores da sociedade, que algumas vezes o organismo público fica impedido por questões burocráticas/legais.

1.9.2 Pontos Fracos

- Os projetos a serem apresentados para possíveis investidores podem sofrer intervenções por busca de resultados rápidos e diretos, podendo comprometer trabalhos técnicos fundamentais na instituição.
- O mantenedor investir apenas o necessário para realizar as funções básicas do Museu de Florianópolis.

1.9.3 Oportunidades

- A busca de novas parcerias e patrocínios para a dinamização do museu;
- O Museu de Florianópolis deve aproveitar sua inserção na sociedade civil através de entidades que auxiliem na captação de recursos e outras atividades no museu.

1.9.4 Ameaças

- O Museu de Florianópolis não ter outros mecanismos de financiamento (além da sua mantenedora) que tornem a instituição sustentável.
- Os museus não mostram resultados financeiros em curto prazo, principalmente um museu em formação. Isto pode prejudicar o interesse de possíveis investidores.

1.10 SEGURANÇA

No Museu de Florianópolis, em implantação, é necessário que se tenha a preocupação com o quesito de segurança e da gestão de risco. As medidas de prevenção podem falhar e é de suma importância que o museu seja munido de medidas de proteção que sejam efetivas e que possam cobrir essas eventuais falhas.

Segundo Ono e Moreira (2011, p.18 e 19) em museus, uma série de medidas de prevenção podem ser implantadas dentro de um plano de segurança, para que se evite a ocorrência ou minimize os impactos em caso de incêndios, furtos, sinistros,

alagamentos, entre outros acontecimentos que podem colocar em risco a integridade a física das coleções e do prédio. Medidas preventivas incluem, principalmente, campanhas educativas e de conscientização dos vários segmentos de público envolvidos direta ou indiretamente com o museu (visitante, funcionário, prestador de serviço etc.).

O programa de segurança do Museu de Florianópolis deve contemplar desde as definições das rotinas básicas de segurança, como o fechamento de portas e janelas e a vistoria diária do acervo que se encontra exposto.

O museu deve verificar conforme planejamento de manutenção, os extintores de incêndio, se o prazo de validade ainda está vigente, os mesmos devem estar devidamente localizados (mapa de localização de extintores) e de fácil acesso, necessariamente devem estar de acordo com os materiais de cada ambiente.

O plano de emergência deverá ser desenvolvido conforme a necessidade da instituição, o acervo para salvamento em caso de sinistro deverá ser identificado estando ele em reserva técnica ou em área expositiva.

1.10.1 Pontos Fortes

- Edificação em processo de restauro coma previsão de segurança estrutural contra incêndios, sistema de detecção e alarme de incêndio, extintores e hidrantes;
- Projeto de restauro da edificação prevê saídas de emergência e sinalização com placas e iluminação de emergência;
- Previsão de implantação de Sistema de Circuito Fechado de Televisão (CFTV).

1.10.2 Pontos Fracos

- O museu não está em funcionamento, o que inviabiliza no presente momento o desenvolvimento do plano de emergência e escoamento.

1.10.3 Oportunidades

- Não foram identificadas oportunidades no programa de segurança.

1.10.4 Ameaças

- Risco eminente de furtos.

1.11 COMUNICAÇÃO

A comunicação, segundo o modelo ‘Emissor, Comunicação, Receptor’, (ECR) de Lasswell (1948 apud DESVALLÉSS; MAIRESSE, 2014, p. 35), conceitua-se como a “ação de veicular uma informação entre um ou vários emissores e um ou vários receptores, por meio de um canal”, podendo este fenômeno ser recíproco ou não. Quando há reciprocidade, a comunicação é interativa, e é esta comunicação que o Museu de Florianópolis se propõe a estabelecer com seu público receptor.

O termo "comunicar" está presente na definição de museu trazida pelo ICOM (International Council Museums), em 2007⁴, onde se determina que o museu "adquire, conserva, estuda, comunica e expõe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e de seu meio, para fins de educação, estudo e lazer". Porém, a prática da comunicação não teve sua aplicação de forma certa no histórico dos museus, já que até a metade do século XX compreendia-se como função principal dos museus apenas a preservação do patrimônio, podendo haver a sua exposição, porém, sem uma real intenção de comunicar. Neste seguimento, os museus expunham seus acervos, mas não estabeleciam uma comunicação com seu público de forma planejada e explícita, nem tão pouco se indagavam sobre a existência de uma mensagem a ser veiculada a este público.

A partir de estudos realizados nos anos 90, o conceito de mídia passou a ser evidenciado nos museus, e mais tarde formulou-se a ideia de que existe, sim, uma mensagem museal a ser comunicada, sendo, então, atribuída ao museu a função de comunicação:

No contexto dos museus, a comunicação aparece simultaneamente como a apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções (catálogos, artigos, conferências, exposições) e como o acesso aos objetos que compõem as coleções (exposições de longa duração e informações associadas). (DESVALLEES; MAIRESSE, 2014, p.35).

Dessa forma, a comunicação nos museus abrange a transmissão e repercussão das informações resultantes de todas as ações realizadas por ele. Este processo envolve diretamente a sua imagem institucional, que deve ser criada utilizando conceitos de *marketing* e *branding*⁵, ainda que haja "um distanciamento deliberado dos museus em relação a esses temas, apesar de inescapáveis a sua sobrevivência" (CÂNDIDO, 2014, p. 65).

A necessidade de se criar uma marca ainda é polêmica dentro das instituições museais, já que "as pessoas tendem a relacionar museu com a 'integridade

⁴ <http://www.icom.museum/>

⁵ Branding é o agrupamento de soluções que uma marca necessita para sobreviver no mercado. Ele abrange desde a criação de uma nova marca, na administração da mesma e no reposicionamento de marcas existentes que passam por dificuldades. O Branding se divide nas seguintes etapas: Detalhamento do Público-Alvo, Posicionamento da Marca, Construção Multissensorial.

institucional' e marca com 'exploração comercial'" (JONES apud CÂNDIDO, 2014, p.65), porém é preciso ter ciência de que "a marca, em sentido estrito, não é apenas o nome, a logo, o design gráfico e nem mesmo apenas o marketing. É o que uma organização representa por meio de tudo o que ela faz" (JONES apud CÂNDIDO, 2014, p.65). Esta questão é primordial para que o programa de comunicação do Museu de Florianópolis seja eficaz e traga os resultados almejados pela instituição.

1.11.1 Pontos Fortes

- Por ser um equipamento cultural, interativo e dinâmico fortalecerá sua imagem como museu de referência para o setor museológico no estado de Santa Catarina;
- O museu terá seu programa de comunicação assegurado pela Assessoria de Comunicação do Sesc Santa Catarina, o que trará uma maior segurança para a realização das diretrizes do programa;
- A Assessoria de Comunicação do Sesc já possui uma forte relação com as mídias externas e isso trará muitos benefícios ao museu;
- O Museu de Florianópolis possui como diferencial uma proposta de comunicação interativa com o público.
- O museu estar presente nas redes sociais. A criação de um perfil institucional nas seguintes redes sociais: *Google Plus, Facebook, Twitter, Ello, Instagram, Tumblr e Youtube*;
- A elaboração de campanhas institucionais é de extrema importância para a consolidação da imagem da instituição. Criação de campanhas de *marketing* divulgadas não apenas no *site*, mas em todo material visual, bem como nas redes sociais;
- Utilização de mídia paga para divulgar o museu e suas ações;

- Criação do *site* institucional, importante ferramenta de difusão, que constitui uma parte significativa da lógica comunicacional do museu.

1.11.2 Pontos Fracos

- Não foram identificados pontos fracos no programa de comunicação.

1.11.3 Oportunidades

- Para ampliar, democratizar e dinamizar ainda mais o seu acesso, o museu poderá se tornar um parceiro do *Google Cultural Institute*, e utilizar sua plataforma *online*, criada em 2011, com o intuito de disponibilizar ao público a herança cultural mundial. Em 2013, esta plataforma foi oferecida para o IBRAM, através do escritório Google Brasil, porém por questões normativas o Instituto analisou a proposta, mas ainda não efetivou a parceria, conforme descrito no website do Minc: “Para o IBRAM, é uma possibilidade de difusão muito interessante, mas que precisa ser analisada com muito critério, sob a luz das questões normativas do Instituto”⁶. Até 2013, apenas quatro instituições brasileiras aderiram à plataforma, sendo elas: Inhotim, Fundação Iberê Camargo, Instituto Moreira Salles e Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
- Aproveitar mídia espontânea para divulgar o museu e suas ações.

⁶<http://www.cultura.gov.br/>

1.11.4 Ameaças

- A principal ameaça para a imagem do museu e seu programa de comunicação é o público passar a ver o Sesc Santa Catarina não como instituição mantenedora, mas como o próprio museu. Corre-se o risco do Museu de Florianópolis passar a ser popularmente conhecido como “o museu do Sesc”. Para evitar esta ameaça, deve-se definir uma marca sólida para o mesmo, que seja coerente com sua missão e visão.

2. PROGRAMAS DO MUSEU DE FLORIANÓPOLIS

O diagnóstico evidenciou os pontos fortes e fracos, as oportunidades e as ameaças do projeto para o Museu de Florianópolis. Os programas a seguir, que configuram a segunda etapa do Plano Museológico, definem a função de cada programa dentro desta instituição museológica.

Neste documento seguiu-se o Decreto nº 8124/2013 que institui os programas básicos que devem orientar as ações de um museu. Foram elaborados os programas de gestão institucional, gestão de pessoas, exposições, arquitetônico e urbanístico, pesquisa, socioambiental, educativo e cultural, acervos, financiamento e fomento, segurança e comunicação.

Para cada programa foram definidas as diretrizes que orientarão a construção dos projetos e das ações que o Museu de Florianópolis deve implantar entre os anos de 2015 e 2025 para alcançar sua visão e cumprir a sua missão com eficiência.

2.1 PROGRAMA DE GESTÃO INSTITUCIONAL

O programa institucional abrange o desenvolvimento e a gestão técnica e administrativa do museu, além dos processos de articulação e cooperação entre a instituição e os diferentes agentes.

O Museu de Florianópolis será mantido pelo Sesc Santa Catarina e implantado no prédio da Antiga Casa de Câmara e Cadeia do município de Florianópolis/SC. O museu será uma unidade operacional do Departamento Regional do Sesc Santa Catarina.

Um dos primeiros pontos tratados no programa institucional foi a definição da missão e visão do Museu de Florianópolis visto que a identidade organizacional contribui para que a instituição possa definir seu horizonte estratégico e conseqüentemente o planejamento para alcançá-lo. O debate entre a equipe do Sesc Santa Catarina e a equipe da Viés Cultural ocorreu ainda na fase de diagnóstico. Após análise de todos os envolvidos, ficaram assim definidas a missão e a visão do museu:

Missão:

Promover olhares sobre a história e a memória da cidade de Florianópolis através da cultura material e imaterial, por meio da preservação, pesquisa, comunicação e interatividade.

Visão:

Consolidar a posição de referência no sul do Brasil até 2020, como museu que produz conteúdos de excelência, desenvolve exposições interativas e promove projetos educativos e culturais.

Em razão do Museu de Florianópolis ser mantido pelo Sesc Santa Catarina, definiu-se que os valores do museu serão os mesmos do Sesc, visando maior sinergia entre o Museu e seu mantenedor.

Valores:

- **Ética;**
- **Respeito e valorização do ser humano;**
- **Criatividade e inovação;**
- **Transparência;**
- **Comprometimento com o cliente interno e externo;**
- **Qualidade;**
- **Trabalho em prol do desenvolvimento social;**
- **Trabalho em equipe;**
- **Integração com a sociedade.**

A partir da definição da Missão, Visão e Valores do museu todos os programas puderam ser desenvolvidos, pois é com base no que o museu é (missão), e no que ele pretende ser (visão) que os programas devem ser estruturados.

No âmbito do programa de gestão institucional se define o perfil que a instituição museológica vai assumir. Os debates apontaram para um museu de cidade destacando a importância de Florianópolis para a ocupação portuguesa na América do Sul e o desenvolvimento urbano do município, focando temas de maior destaque. A linguagem a ser utilizada com o público deve primar pela interatividade, com uso de recursos tecnológicos, e pela experiência de leitura dos objetos que farão parte da exposição de longa duração.

Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, embora possua um número razoável de museus, ainda não tem um museu que se dedique especificamente a valorizar sua história e sua importância para o Brasil. Nesta perspectiva, a iniciativa da Prefeitura Municipal de Florianópolis de realizar a cessão onerosa do imóvel da Casa de Câmara e Cadeia para que nele seja implantado o Museu de Florianópolis merece destaque. O Sesc Santa Catarina, como cessionário do imóvel fará a implantação do museu e poderá por sua excelência em gestão de

espaços culturais, transformar o museu em referência para a cidade, o Estado e a região Sul do Brasil.

O fato de o Sesc ser uma instituição privada, baseada em eficiência e eficácia, fiscalizada por órgãos internos e externos em relação à aplicação de recursos e transparência nos processos de gestão, é forte indicativo de que o Museu de Florianópolis contará com a estrutura necessária e a agilidade administrativa conveniente para cumprir sua missão e visão. Para tanto, contará com a utilização da estrutura administrativa, contábil, jurídica, de obras e projetos, de recursos humanos, de assessoria de comunicação e *marketing*, de tecnologia da informação e demais assessorias e procedimentos de gestão do Sesc/SC.

A criação jurídica do Museu de Florianópolis deve ser realizada com a maior brevidade possível para que o mantenedor possa justificar seus investimentos nesta unidade operacional, vinculando os mesmos ao centro de custo específico. O termo de referência deixa uma interpretação dúbia quanto à criação desta instituição museológica. Uma interpretação possível é de que a prefeitura deve criar o Museu por Lei específica, ou ato do prefeito municipal, repassando a instituição ao Sesc. A outra interpretação é que o Sesc pode criar o museu por ato de sua administração e dotá-lo de personalidade jurídica específica, na forma prevista pelo código civil, dando origem ao Museu de Florianópolis.

Considerando que o museu é municipal, a responsabilidade pela criação da instituição é da Prefeitura de Florianópolis que deve promover a elaboração de lei ou ato do prefeito municipal oficializando sua criação. Esta medida se faz necessária porque a gestão do imóvel e do museu será feita por cessão onerosa. Na hipótese de não renovação do contrato por parte do Sesc/SC a gestão do museu retorna ao poder público municipal.

O Sesc Santa Catarina criará por ato de sua administração o Museu de Florianópolis, definindo-o como uma unidade operacional, com personalidade jurídica específica, justificando os investimentos na implantação e gestão do museu.

Após a criação do Museu de Florianópolis, será necessário implantar o regimento interno da instituição para que os níveis de hierarquia e os procedimentos

administrativos já definidos sejam adotados no cotidiano desta unidade operacional do Sesc Santa Catarina.

Considerando a estrutura de gestão do Sesc Santa Catarina e o perfil do Museu de Florianópolis, apresentamos a seguinte proposta de organograma:

Tabela 1: Organograma funcional do Museu de Florianópolis.

	Divisão	Competência
Coordenação/Direção do Museu	Núcleo Educativo e Cultural	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Projetos e ações educativas ✓ Mediação ✓ Agendamento com as escolas ✓ Calendário de eventos
	Núcleo de processos Museológicos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Exposições ✓ Documentação Museológica ✓ Conservação ✓ Reserva técnica ✓ Pesquisa
	Núcleo Administrativo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Divulgação ✓ Agendamento de grupos ✓ Recepção/bilheteria ✓ Segurança ✓ Serviços de manutenção e limpeza ✓ Café

Fonte: Elaborado por Mauricio da Silva Selau.

O museu terá horário de atendimento ao público, diferenciado do horário administrativo. O regimento interno, em processo de debates e aprovação pelo Sesc Santa Catarina prevê:

Art. 40 O Museu atenderá ao público externo de terça-feira a domingo e as gerências Administrativa e Técnica funcionarão de segunda a sexta-feira conforme detalhes abaixo:

I – horário de atendimento ao público:

a) baixa temporada (março a novembro): de terça-feira a sábado, das 10h às 20h e domingo, das 10 às 18h

b) alta temporada (dezembro a fevereiro): de terça-feira a sábado, das 11h às 21h e domingo, das 10h às 18h

Parágrafo primeiro. O museu funcionará em feriados nacionais e locais.

II – horário de funcionamento da Gerência Administrativa e Coordenação Técnica:

a) de segunda a sexta-feira, das 13h às 21h;

b) a segunda-feira é reservada para procedimentos internos como manutenção da edificação, dos acervos, do equipamento tecnológico, para processos administrativos, reuniões e planejamentos.

Parágrafo Segundo. O público acessará o Museu pela entrada principal da Praça XV de Novembro para visita das exposições e participação de programação da sala multiuso e do Centro de Referência do Patrimônio Cultural de Florianópolis. A cafeteria e a Unidade de Apoio e Extensão serão acessadas pelo corredor lateral do Museu.

O museu praticará cobrança de ingresso. Os valores dos ingressos e a política de gratuidade estão definidas no regimento interno, em processo de debates e aprovação pelo Sesc Santa Catarina. Este documento prevê que:

Art. 41 Os valores de ingresso serão determinados por meio de portaria emitida pelo Sesc.

Art. 42 Terão direito a meia-entrada os seguintes públicos: comerciários; idoso; estudante; deficiente e acompanhante; estudantes do curso de Museologia, membros do ICOM, museólogos e funcionários do Instituto Brasileiro de Museus, mediante comprovação oficial;

Parágrafo Primeiro: Serão considerados documentos comprobatórios para direito à meia-entrada: cartão de cliente do Sesc (para comerciários); carteira de identidade (para idosos); comprovante de inscrição em curso regular de educação básica ou superior (para estudantes); comprovação de deficiência (para deficientes e acompanhante).

Parágrafo Segundo: Serão isentos de cobrança os estudantes de escolas públicas de Florianópolis das esferas municipal e estadual, além de estudantes das Escolas do Sesc;

Parágrafo terceiro: No último domingo de cada mês haverá concessão de gratuidade para todos os visitantes;

O gestor do museu é o responsável direto pela execução do programa institucional. Deve possuir conhecimento de gestão, utilizar ferramentas de gestão contemporânea para coordenar, encaminhar e acompanhar os projetos e ações dos demais programas do plano museológico por meio de observação direta, reuniões de trabalho, avaliações periódicas de cumprimento das metas fixadas.

Em razão do tempo para execução deste plano museológico que é de dez anos e que o gestor possui a responsabilidade pela sua implantação, deste modo o mesmo precisará de equipe técnica qualificada para auxiliá-lo e assumir a coordenação de projetos específicos para o melhor funcionamento da instituição museal.

Elaborar o planejamento anual com base nas metas e ações de **curto, médio** e **longo** prazo previsto no plano museológico é uma tarefa a ser realizada pelo gestor do museu, ouvindo os técnicos de cada área, de modo a conseguir executar as ações e implantar os projetos necessários para que o museu alcance seus objetivos e sua visão. Respeitará o calendário de sua mantenedora enviando os documentos de planejamento solicitados para que os recursos necessários possam ser alocados no tempo adequado.

Durante a fase de implantação e nos primeiros cinco anos de funcionamento o gestor deve divulgar e fortalecer a missão e visão do Museu de Florianópolis. Para tanto, deve aproveitar a estrutura de comunicação interna do Sesc Santa Catarina ocupando os canais de informação disponíveis para que os colaboradores e beneficiários tenham conhecimento do propósito deste museu para a sociedade. Para o público em geral, o gestor deve em conjunto com a assessoria de comunicação do Sesc/SC estabelecer estratégia para ocupar espaços na mídia espontânea para apresentar a missão e a visão do museu, evidenciando os diferenciais que esta instituição possui. Outras estratégias de comunicação voltadas para a identidade visual e o museu de uma forma mais ampla estão definidos no programa de comunicação.

Considerando o crescimento e a estruturação do setor museológico brasileiro na última década, a necessidade de diálogo com os pares e com os órgãos governamentais, o gestor do museu deverá incluir o Museu de Florianópolis nos sistemas e cadastros de museus existentes em Santa Catarina e a nível nacional. A adesão aos sistemas de museus é realizada de forma voluntária. Para o preenchimento dos cadastros, sempre que necessário, o gestor deve solicitar apoio dos técnicos da área de museologia e conservação de acervos.

O Museu de Florianópolis deve participar das redes de museus existentes em Santa Catarina em curto prazo, e a médio e longo prazo articular redes de museus com temáticas de seu interesse coordenando os debates sobre temas de interesse dos museus com perfil semelhante.

Estabelecer parcerias com instituições, associações e entidades que tenham afinidade com a temática do museu é fundamental para o diálogo e o desenvolvimento de ações conjuntas. Estas parcerias podem ser estabelecidas por

meio de cooperação técnica, convênios e outros instrumentos similares. Caberá ao gestor do museu em conjunto com sua equipe técnica identificar as instituições de interesse como institutos culturais e científicos, universidades, órgãos públicos e privados, museus importantes a nível nacional e internacional para efetivar as parcerias estratégicas que agreguem valor aos seus processos ampliando seu capital técnico e simbólico.

O Museu de Florianópolis deve aproveitar sua localização na capital do estado e a proximidade com universidades públicas federais e estaduais para organizar um programa de estágios. Poderá receber estudantes de graduação dos cursos de museologia, pedagogia, história, geografia, arquitetura, entre outros. Receber estagiários de graduação contribui para agregar novos valores ao museu, aproximando-o dos centros de formação de profissionais de áreas afins ao tema da instituição. A produção de conhecimento gerada por meio dos estágios pode significar aprimoramento constante nas práticas cotidianas do museu. Este programa de estágios deve ser organizado pelo gestor com apoio dos técnicos do museu para identificar em que condições e em que áreas serão interessantes para a instituição receber estagiários.

A criação de uma Associação de Amigos do Museu de Florianópolis deve ser cuidadosamente estudada pelo gestor do mesmo para identificar em que medida seria conveniente a constituição de uma entidade neste perfil. No Brasil, comumente, as associações de amigos são organizadas com a finalidade de angariar fundos para os museus. Na situação do Museu de Florianópolis, esta entidade, caso constituída, pode ter um perfil de promover maior aproximação da sociedade civil com o museu, ampliando sua inserção na sociedade, principalmente entre os formadores de opinião da área cultural no município de Florianópolis.

A inclusão do Museu de Florianópolis nos roteiros turísticos do município é uma ação importante para que o museu se consolide também como atrativo cultural entre o público que visita à cidade. O gestor deve estudar os programas turísticos promovidos pela prefeitura municipal e pelo governo do estado a fim de estabelecer as parcerias institucionais necessários para que o museu se insira nos roteiros e programas de seu interesse. Esta ação deve ser colocada em prática ainda no período de implantação do mesmo.

O gestor do museu deve implantar o Núcleo Educativo, dotando-o com os profissionais e espaço físico necessário no curto prazo. Ainda durante a implantação deve ser definida a aquisição do mobiliário necessário para implantação do núcleo educativo. Os modelos de mobiliário e suas respectivas quantidades devem ser definido sem diálogo com os profissionais do núcleo educativo. A contratação dos profissionais necessários deve ser solicitada à Diretoria de Recursos Humanos para que a equipe possa ser constituída em tempo hábil para estruturar as propostas pedagógicas que serão realizadas pelo museu. O gestor deve acompanhar o desenvolvimento das ações do núcleo de acordo com o especificado no programa educativo e cultural.

Deste modo, entre as diretrizes apontadas neste programa estão:

- Formalizar a criação do Museu de Florianópolis;
- Elaborar o regimento interno do Museu de Florianópolis com base na missão e visão e as definições do plano museológico;
- Coordenar, encaminhar e acompanhar os projetos e ações dos demais programas do plano museológico;
- Elaborar o planejamento anual com base nas metas e ações de **curto, médio e longo** prazo previsto no plano museológico;
- Divulgar e fortalecer a missão e visão do Museu de Florianópolis;
- Incluir o Museu de Florianópolis nos sistemas e cadastros de museus;
- Participar e articular redes e sistemas de museus;
- Estabelecer parcerias com instituições, associações e entidades que tenham afinidade com a temática do museu;
- Elaborar o programa de estágios do Museu de Florianópolis;
- Estudar a criação da Associação de Amigos do Museu de Florianópolis;
- Incluir o Museu de Florianópolis nos roteiros turísticos do município;
- Implantar o Núcleo Educativo do Museu, dotando-o com os profissionais e espaço físico necessários.

2.2 PROGRAMA DE GESTÃO DE PESSOAS

O programa de gestão de pessoas prevê as ações destinadas à valorização, capacitação e bem-estar do conjunto de empregados, prestadores de serviço e demais colaboradores do museu.

O Museu de Florianópolis será uma unidade operacional do Sesc Santa Catarina e está em fase de implantação. Considerando as especificidades deste museu, identificamos que a equipe será composta inicialmente por 25 (vinte e cinco) profissionais conforme descrito abaixo:

- 1 Gestor do Museu;
- 1 Museólogo;
- 1 Técnico de Conservação;
- 1 Analista de Tecnologia;
- 1 Educador;
- 4 Mediadores;
- 4 Seguranças/Vigias;
- 2 Bilheteiros/Recepcionistas;
- 1 Auxiliar de Limpeza;
- 1 Copeira;
- 2 atendentes de balcão;
- 2 auxiliares de cozinha;
- 1 Gerente Administrativo e Financeiro;
- 1 Bibliotecário;
- 1 Assistente Administrativo;
- 1 Assessor Jurídico.

As funções de gerente administrativo e financeiro, bibliotecário, assistente administrativo e assessor jurídico serão exercidas por profissionais do Sesc Santa Catarina, situado na Rua Felipe Schimdt, 785, próximo ao Museu de Florianópolis. Esta definição atende a demanda inicial do museu e aproveita profissionais que já atuam no Sesc, otimizando recursos. Na operacionalização do museu, esta estratégia deve ser avaliada periodicamente. Caso consiga atender as necessidades do Museu de Florianópolis, ela pode ser mantida, oportunizando a contratação de outros profissionais que posteriormente se farão necessários.

Os profissionais Analista de Tecnologia, Arte Educador, Mediador, Segurança/Vigia, Bilheteiro/Recepcionista, Auxiliar de Limpeza, Copeira, Atendente de balcão e Auxiliar de cozinha já possuem atribuições de função definidas na política de recursos humanos do Sesc Santa Catarina. Conforme necessário, deve-se acrescentar atribuições específicas às atividades que estes profissionais devem desempenhar no Museu de Florianópolis.

As funções, Gestor do Museu, Museólogo e Técnico de Conservação, devem ter suas atribuições especificadas para que a Divisão de Recursos Humanos possa realizar a contratação dos profissionais com o perfil desejado pelo Sesc Santa Catarina.

O Gestor do museu deve possuir graduação em administração ou em área afim ao tema do museu (história, sociologia, antropologia). Também deve possuir experiência comprovada na gestão de instituição museológica, como museus, memoriais, entre outros. E apresentar as seguintes habilidades/competências:

- Gestão e Planejamento Estratégico em Museus;
- Comunicação (oral/escrita/interna/externa);
- Liderança (mobilizar, motivar e conduzir equipes);
- Visão Sistêmica (visão integrada das áreas multidisciplinares da gestão em Museu) e Visão de Negócio (visão além da fronteira da Instituição);
- Gestão executiva com parceria público-privado;
- Relacionamento Interpessoal/Resiliência;
- Inovação/Criatividade/Proatividade/Iniciativa;

- Estimular permanentemente programas com função educativa;
- Participar e articular redes de museus municipais, estaduais, nacionais e internacionais;
- Incentivar qualificação e formação profissional das equipes de trabalho;
- Dar visibilidade à Instituição com intuito de valorizar o patrimônio cultural;
- Estimular a acessibilidade e inclusão social, sentimento de pertencimento e construção da memória social.

O museólogo possui profissão regulamentada pela Lei nº7287/1984. Neste quesito, a contratação de um museólogo deve obedecer aos preceitos desta lei. O profissional a ser contratado deve possuir graduação em museologia e o respectivo registro no COREM (Conselho Regional de Museologia). Também deve possuir as seguintes habilidades/competências:

- Planejamento, organização, administração, direção e supervisão de museus, exposições de caráter educativo e cultural, serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins;
- Domínio de todas as atividades concernentes ao funcionamento dos museus;
- Conhecimento dos processos de coleta, conservação, preservação e divulgação do acervo museológico;
- Domínio dos procedimentos técnicos de documentação museológica;
- Planejamento e execução de serviços de identificação, classificação e cadastramento de bens culturais;
- Domínio das técnicas de estudo e pesquisa sobre acervos museológicos;
- Domínio das técnicas de organização e gestão de Reserva Técnica.

O técnico de Conservação deve possuir as mesmas habilidades de um conservador. Este profissional deve possuir curso na área, reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) ou três anos (mínimo) de experiência comprovada na

área de Conservação-Restauração. Deve possuir as seguintes habilidades e competências:

- Dominar os procedimentos técnicos da conservação;
- Domínio do procedimento de exame técnico de bens culturais, compreendendo a determinação da estrutura original e os componentes de um objeto, a compreensão das deteriorações, das alterações e perdas que os objetos sofrem e a documentação destas observações;
- Domínio das ações de preservação que retardam e/ou previnem a deterioração ou os acidentes a que os bens culturais estejam sujeitos, pelo controle das condições climáticas do ambiente e/ou o tratamento de sua estrutura para mantê-los, ao máximo em estado de estabilidade;
- Domínio das técnicas de restauração, sabendo indicar qual o melhor procedimento a ser aplicado caso o objeto necessite de uma intervenção em nível de restauro.

Os profissionais que atuarão no Museu de Florianópolis serão contratados no regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) pelo Sesc Santa Catarina e deste modo as políticas de valorização, capacitação e bem-estar acompanham o que é definido pelo Sesc Santa Catarina para os demais profissionais da empresa e ao que é estabelecido nos Acordos Coletivos de Trabalho e/ou Convenções Coletivas de Trabalho quando for o caso.

Este programa terá como responsável direto por sua execução o gestor do museu que efetivará suas ações com apoio da Direção de Recursos Humanos do Sesc/SC. As atribuições específicas de função para os profissionais que o Sesc ainda não possui nos seus quadros já estão definidas no escopo deste programa. As demais funções a serem exercidas por profissionais já existentes nos quadros do Sesc deve sempre dar preferência por candidatos que já tenham experiência em museus.

As ações deste programa possuem um caráter continuado. Por se tratar de um museu em fase de implantação, as atribuições de função e a seleção para contratação dos profissionais que comporão a equipe do museu devem ocorrer em

curto prazo, visto que na abertura do museu a equipe deve estar disponível para atuar na instituição.

Alguns dias antes da inauguração e abertura ao público e ao longo do primeiro ano de funcionamento, o gestor deve promover treinamentos para a equipe destacando a especificidade do trabalho em uma instituição museológica. Para isto, poderá contar com os técnicos contratados, como por exemplo, o museólogo ou o técnico de conservação, ou ainda com contratação de prestação de serviço por meio de assessoria para contar com profissionais externos.

O gestor deverá atuar na avaliação dos profissionais do museu colaborando com as ações especificadas pela Direção de Recursos Humanos do Sesc/SC ou outra instância superior de gestão. Deve promover e esclarecer aos colaboradores sobre as políticas de bem estar e incentivo à formação oferecidos pelo Sesc e organizar o horário de trabalho dos profissionais, inclusive prevendo férias, de modo a garantir o pleno funcionamento da instituição.

Deste modo, entre as diretrizes apontadas neste programa estão:

- Definir as atribuições específicas de função;
- Realizar seleção para contratação dos profissionais que comporão a equipe do museu;
- Manter política de bem estar aos profissionais que atuam no museu de acordo com os princípios estabelecidos em conjunto com o Sesc Santa Catarina;
- Incentivar a formação e aperfeiçoamento dos profissionais que atuarão no Museu de Florianópolis;
- Estimular a participação dos profissionais em eventos da área museológica e demais áreas de formação dos profissionais.

2.3 PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

As exposições assumem a centralidade no conjunto de todas as funções museológicas, principalmente as que adotam um caráter de longa duração. Para além de ser a face visível da instituição - pois através delas o museu se comunica com o exterior, dando a conhecer os seus valores e a sua vocação - representam o seu principal motor de dinamização, ao promover o desenvolvimento de atividades e ao criar necessidades de pesquisa e salvaguarda do acervo.

O programa de exposições estabelece uma relação entre acervo, a edificação e os visitantes. Com o programa, todos os espaços e processos de uma exposição são repensados e planejados para que a instituição se destaque como uma instituição museológica.

O Museu de Florianópolis terá um viés tecnológico em seus espaços expositivos, mas ao mesmo tempo terá um cunho histórico, ou seja, ele vai enfrentar o desafio de preservar a história usando a tecnologia como comunicação expositiva. O museu se propõe em criar iniciativas inovadoras no estado de Santa Catarina sendo referência na comunicação museal, ou seja, a sua expografia.

O Museu de Florianópolis deverá ter em sua museografia a consonância com a temática principal do museu, salvos exposições temporárias e/ou itinerantes. Este último servirá para a dinamização e a sustentabilidade das ações expográficas, com o intuito de manter o fluxo de visitantes.

As exposições temporárias serão geradas a partir de pesquisas com enfoque museográfico, neste sentido vale salientar que estas podem ou não ter relação com a temática principal do museu. Para as exposições que tem forte ligação com o tema principal, sugere-se a utilização de alguns pontos ou abordagens elencadas na expografia a ser elaborada, como a evolução urbana, política, hábitos e costumes tipicamente florianopolitanos, o imaterial e seus “Saberes e Fazeres”, lendas... etc.

As exposições temporárias também podem ser elaboradas em parceria com o público local. Um exemplo disso é o Museu Histórico de Itajaí, que através da fé, trouxe a comunidade para elaborar uma exposição sobre a festa do “Divino Espírito

Santo” de sua igreja matriz Católica. Práticas assim vão ao encontro de uma museologia social, com o empoderamento da comunidade para com o museu. A Procissão do Senhor dos Passos é um ícone da cidade, sendo este tema de uma riqueza imaterial de grande valia para o museu, podendo ser este um bom exemplo de dinamização da atividade museal.

As exposições temporárias devem ser elaboradas por uma equipe multidisciplinar, além disso, deve dialogar com o núcleo educativo do museu. A duração e frequência das exposições temporárias podem variar de acordo com a gestão do museu, que criará um calendário anual para tal finalidade.

Para as exposições itinerantes, isto é, exposições extramuros, deve-se utilizar somente temas em relevância com o tema central do museu. Eles devem ser elaborados de acordo nos seguintes fatores:

- Facilidade em transporte;
- Facilidade em montagem e desmontagem;
- Linguagem simples e didática;
- Suporte expositivo de fácil reposição;
- Adaptável em diversos locais (sala pequena ou sala grande, área externa ou interna, sol, umidade ou chuvas, etc.).

As temáticas das exposições itinerantes devem ser pensadas de forma multidisciplinar, pois, as exposições itinerantes proporcionam maior visibilidade para museu que alcança públicos que não são atingidos cotidianamente. Todo material e acervos a ser utilizados nas exposições itinerantes deverão ser réplicas, ou cópias, para garantir a salvaguarda do mesmo. A duração e frequência das exposições itinerantes podem variar de acordo com a gestão do museu.

Para o desenvolvimento do projeto expográfico de longa duração do Museu de Florianópolis, o Termo de Referência, prevê a contratação de equipe multidisciplinar, com a coordenação de todo o processo por um arquiteto/restaurador.

Com base na lei que regulamenta o exercício profissional do museólogo, Lei nº7287/1984, e pelo fato de que somente um museólogo terá condições de

coordenar e orquestrar as ações necessárias para a elaboração de um projeto museográfico em toda sua complexidade, perpassando pela pesquisa, museografia e expografia, o arquiteto atuará somente na última etapa, que é a expografia, com a função de intérprete dos anseios do museólogo em colocar todo trabalho em forma tridimensional tangível e detalhamento das formas de comunicação, que é a própria expografia em seu projeto executivo.

De acordo com o Termo de Referência, o Museu de Florianópolis deverá ter apelo “Hi-tech”, com equipamentos interativos e dinâmicos. Aparatos tecnológicos utilizados em exposições com cunho tecnológico/interativo de referências para o Brasil, como o Museu da Língua Portuguesa (SP), Museu do Futebol (SP), Instituto Catavento (SP), Cervejaria Bohemia (RJ), entre outros, deverão ser igualados e até mesmo superados na expectativa de um projeto que envolva tecnologia como forma de comunicação museal.

Partindo deste princípio, o Museu de Florianópolis vai acompanhar o comportamento tecnológico e interativo que os museus estão em busca de se reinventar, compactuando com tradição do acervo tridimensional histórico que é de suma importância para o sucesso da expografia. No projeto devemos encontrar projeção em 3D, pisos táteis e interativos, sons direcionais, ou seja, aparatos multimídia e plataformas digitais com interação público/museu em sua expografia.

Com a preocupação que os aparatos multimídia e plataformas digitais se tornem a única presença, e que por muitas vezes se dá na substituição dos objetos que compunham as coleções dos museus, o Museu de Florianópolis vai adotar não somente a tecnologia como forma de exposição, mas também o tradicional acervo tridimensional histórico. Neste formato, a expografia irá conversar e interagir entre o acervo tridimensional e a tecnologia em sua exposição.

No Museu de Florianópolis, a reinvenção e ressignificação de métodos tradicionais expositivos, concomitante com as inovações das tecnologias expositivas, atrairão o público em sua expografia.

Para a expografia do Museu de Florianópolis, após pesquisa sobre a temática e aprofundamento nos conceitos geradores da exposição, a construção da linha

temática deve levar em conta os indicativos constantes no Termo de Referência. O mesmo aponta para a relevância dos seguintes assuntos:

- Elemento “água” como conexão de passado e futuro;
- Fluxos migratórios como transformação de território;
- Importância da Ilha de Santa Catarina durante o período das navegações e principalmente posição estratégica no Atlântico Sul;
- Transformações territoriais e transformação como capital do estado;
- Contemplar a memória da edificação.

No referido edital ainda se aponta para os seguintes eixos temáticos e/ou abordagens expográficas:

- Linha do tempo;
- Navegantes e a Era do Descobrimento;
- Antigos habitantes;
- Primeiros povoadores e a função estratégica da Ilha de Santa Catarina;
- Assentamento urbano e sistema produtivo;
- Água como elemento marcante do desenvolvimento da Urbe;
- Gênese da Casa de Câmara e Cadeia e seu idealizador;
- Transformações sócio/cultural, políticas e econômicas;
- Imigrantes;
- Conexões da Ilha de Santa Catarina com o mundo.

Sugerimos ainda para que na elaboração do projeto seja previsto a utilização de equipamentos de acessibilidade universal, como áudios guias, legendas em braille, mapas táteis, ou tecnologias inovadoras que atendam a acessibilidade universal, assim como a disponibilização de todo material em outros idiomas.

Para o programa de exposições, criamos diretrizes prevendo ações de curto, médio e longo prazo, transformando-as em ações pautadas no ciclo de debates entre o corpo técnico do museu e a equipe técnica de museologia.

- Definição de ocupação espacial na edificação;
- Elaboração de Projeto Museográfico/Expográfico;
- Execução de Projeto Museográfico/ Expográfico;
- Revisão do Projeto Expográfico;
- Execução de Projeto Expográfico revisto;
- Elaboração de exposições temporárias;
- Elaboração de exposições itinerantes.

2.4 PROGRAMA ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO

O programa arquitetônico-urbanístico abrange a identificação, a conservação e a adequação de todos os espaços construídos, sendo eles áreas do entorno da instituição ou de espaços visitáveis dentro da edificação, levando em conta a adequação de suas funções e o bem-estar dos usuários. Ele deve envolver os aspectos ambientais, de circulação, identidade visual para atender a instituição museal e suas funções.

Neste quesito, a manutenção predial é de fundamental importância para proteção dos acervos. Edificações que possuem uma manutenção constante de seus espaços físicos facilitam o serviço de conservação dos objetos salvaguardados nos espaços técnicos e de comunicação (espaço expositivo).

No programa arquitetônico, demonstra-se as ações que consistem na conservação dos espaços da edificação, para que se tenha plenitude nos serviços museais desenvolvidos no Museu de Florianópolis. Ações como manutenção periódica nas calhas e telhado, manutenção nas infiltrações ascendentes e

descendentes, visitas periódicas de equipe de engenharia para avaliação de danos decorrentes do tempo e uso, etc.

Para a divisão de espaços internos da edificação, sugerimos mudanças em relação ao Termo de Referência.

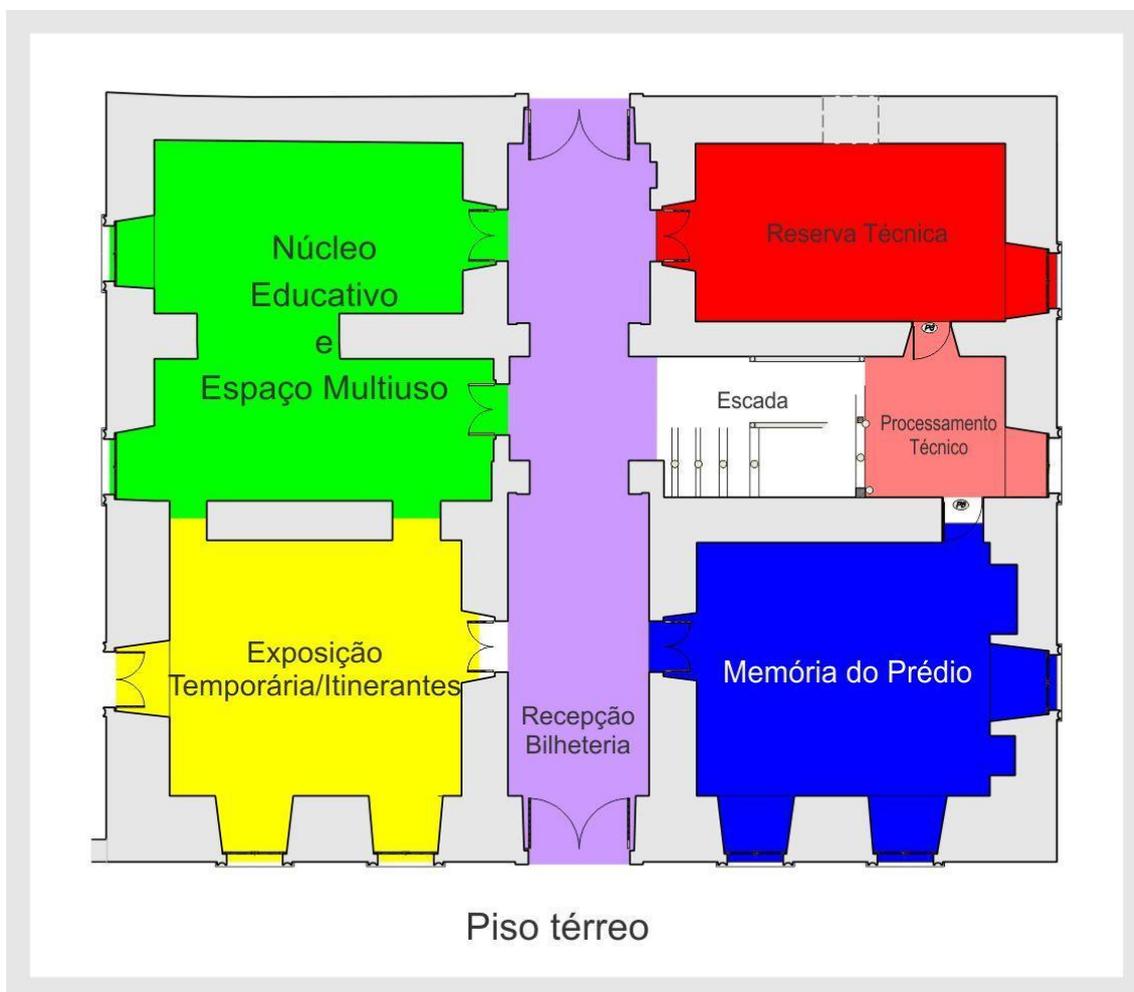


Figura 2: Sugestão de espaços internos (piso térreo).
Fonte: Elaborado por João Paulo Corrêa.

Na figura acima, mostra-se a planta baixa do piso térreo, onde todo corredor se destina a receptividade dos visitantes, transpassando a bilheteria (destaque na cor roxa). Por conta de um segundo acesso, na lateral da edificação, a sala de exposições temporárias e/ou itinerantes ficará na primeira porta a esquerda (destaque na cor amarela), pois para uma montagem de exposição neste ambiente fica mais fácil o deslocamento de acervos e equipamentos/mobiliários, sem atrapalhar o fluxo de visitação, tendo ainda a opção de esta sala ser isolada para eventos fechados, ou isolada para montagem das exposições.

A memória da edificação se encontrará representada na primeira sala à direita (destaque na cor azul escuro). As últimas salas da esquerda serão unidas para abrigar um espaço multiuso/núcleo educativo, onde as ações educativas poderão ocorrer, além de apresentações, saraus literários, mostras de cinema, palestras, seminários, etc.

Toda parte de acondicionamento e processamento do acervo tridimensional e bidimensional histórico ficará na última sala à direita (destaque na cor vermelha), pois não existem paredes úmidas, ou seja, com tubulação de água em seu interior, assim como seu acesso só se dá por meio interno. O processamento técnico será em um espaço embaixo da escada com acesso interno pela reserva técnica.

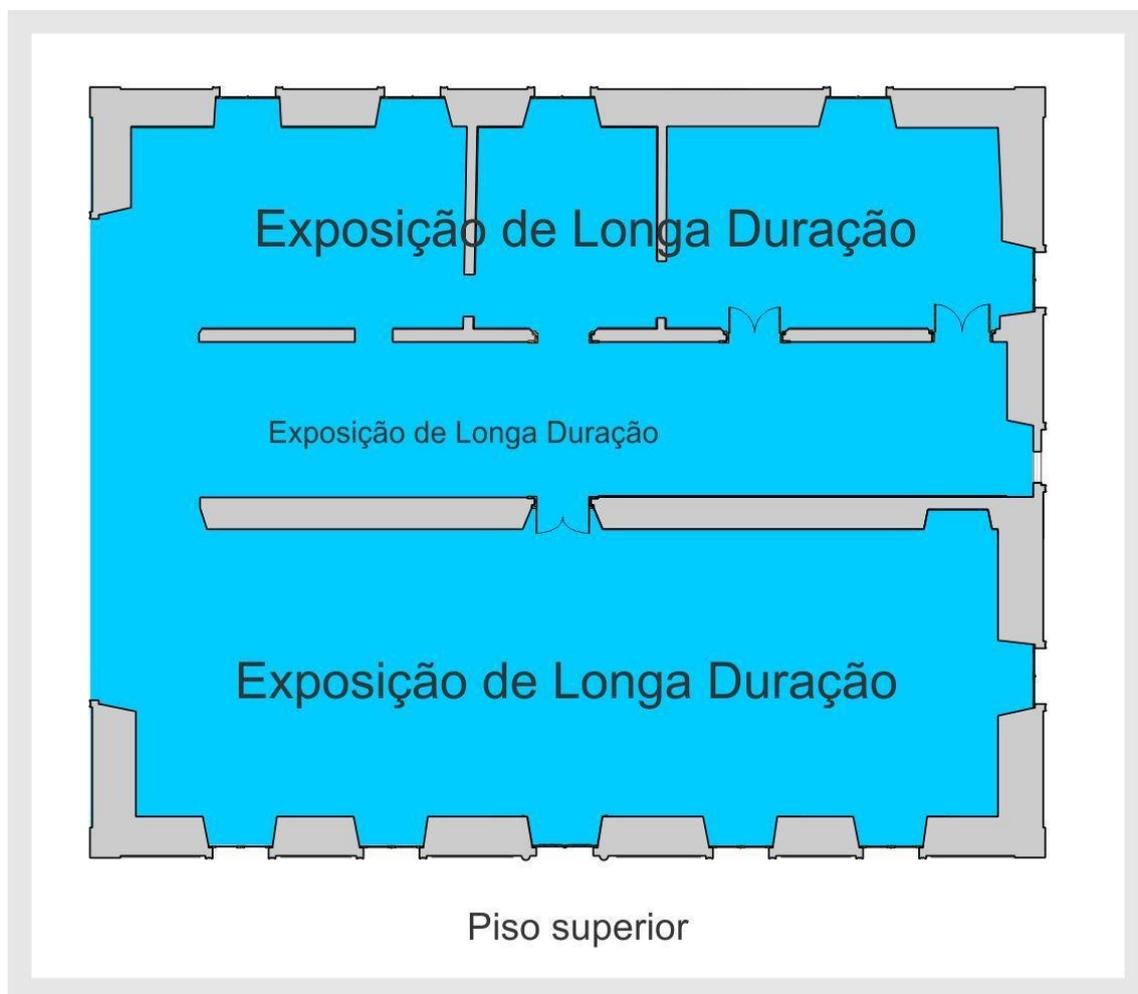


Figura 3: Sugestão de espaços internos (piso superior).
Fonte: Elaborado por João Paulo Corrêa.

Todo piso superior destacado na imagem acima em cor azul claro será utilizado em sua totalidade para a exposição de longa duração.

Para o programa arquitetônico, a edificação deve estar completamente restaurada, sem problemas estruturais, de infiltrações, infestações de pragas, patologias de degradação pelo tempo. A edificação, também, deve atender a legislação de acessibilidade universal.

Ao decorrer da execução do Plano Museológico, algumas recomendações devem ser analisadas, como:

- Climatização: conforto térmico na edificação para os visitantes e gestores do museu, em consonância com a salvaguarda do acervo. (Em uma instituição museológica, deve-se preponderar a salvaguarda do acervo);
- Manutenção preventiva da edificação: a cada 2 meses deve-se verificar os sistemas de calhas e águas da instituição, o descuido deste item pode gerar desde um simples transtorno até mesmo o comprometimento da estrutura da edificação, do acervo, e do bem-estar dos visitantes;
- Ampliação de espaço técnico: com a abertura da instituição, acervos relativos ao tema serão doados para compor o museu. Como não existe espaço físico para ampliações, deve-se fazer estudo para ampliação vertical da reserva técnica;
- Criação de espaço técnico: implantar espaço para processamento técnico do acervo contemplando a higienização, conservação e documentação museológica.
- Elaboração de laudo para averiguação das condições de conservação da edificação: com a cessão onerosa, a prefeitura irá entregar a edificação em pleno funcionamento e completamente restaurada. Compete a gestora manter este patrimônio. Com esta afirmação a gestora deverá contratar anualmente equipe de engenharia para compor laudo das condições de conservação da edificação.

2.5 PROGRAMA DE PESQUISA

O programa de pesquisas do Museu de Florianópolis procurou refletir as observações e análises levantadas na fase de diagnóstico do Plano Museológico. O mesmo abrange a estruturação do setor de pesquisas que compreende a organização do espaço físico e a definição de uma política de atendimento aos pesquisadores.

Para que o museu cumpra suas obrigações referentes a este programa é necessário construir as diretrizes sobre as linhas de pesquisas, e propiciar aos pesquisadores uma relação de proximidade com o museu. Realizar parcerias com outras instituições museológicas e educacionais que possuem linhas de trabalho em afinidade com o Museu de Florianópolis é importante para qualificar as atividades de pesquisas do museu e envolver o maior número de agentes nas ações promovidas pela instituição.

Essas são, basicamente, as ideias que as diretrizes do programa de pesquisa do Museu de Florianópolis devem abordar com a finalidade de ter qualidade e suprir as necessidades do fazer museológico no que diz respeito às especificidades das atividades de pesquisa que o auxilia desde a conservação até a elaboração de uma exposição.

A temática e o recorte histórico do Museu de Florianópolis têm caráter de ineditismo o que deve atrair os visitantes. A abrangência da temática envolve inúmeras disciplinas, o que possibilita um campo de parcerias com diversas instituições de ensino que oferecem cursos como história, geografia, arquitetura, artes, museologia, entre outros.

Existe um potencial na temática abordada pelo Museu de Florianópolis para atrair o público. O programa de pesquisa dos museus tem como uma de suas ações a pesquisa de público, portanto, o Museu de Florianópolis deve realizar pesquisa de público para se aproximar dos seus visitantes. As pesquisas de público em Museus qualificam os serviços dessas instituições e contribuem para contabilizar o retorno social das ações e projetos prestados à sociedade.

Deste modo, as diretrizes propostas visam contribuir para o alcance da missão e visão institucionais, uma vez que a pesquisa é uma das atividades centrais dos museus. Assim, é importante que estas instituições estruturem com eficiência os seus programas de pesquisas, que influênciam diretamente na qualidade dos projetos e ações em todos os setores do museu, da conservação à expografia. As diretrizes para determinar as ações do programa de pesquisa são:

- Estruturar o setor de pesquisas do Museu de Florianópolis;
- Definir as linhas de pesquisa que tenham afinidade com a temática do Museu de Florianópolis;
- Estimular o contato entre o Museu de Florianópolis e os pesquisadores;
- Realizar parcerias com instituições educacionais, museológicas, e culturais que qualifiquem as atividades de pesquisas e contribuam para a dinamização das ações do Museu de Florianópolis;
- Aproveitar as pesquisas realizadas pelos profissionais contratados pelo Museu de Florianópolis para a elaboração de exposições;
- O Museu de Florianópolis deve realizar pesquisa de público constantemente, a fim de identificar o público visitante e as suas necessidades para melhor atendê-lo, qualificar os seus serviços, e atrair novos investimentos;
- Divulgar as pesquisas realizadas pelo Museu de Florianópolis nos diversos canais de comunicação utilizados por essa instituição.

2.6 PROGRAMA SOCIOAMBIENTAL

O programa socioambiental de uma instituição museológica engloba “as diversas ações que vão desde a administração propriamente dita, no âmbito do Museu até a educação ambiental.” (FRANCISCO; MORING, 2013, p.2). Neste sentido é importante enfatizar o museu enquanto espaço de reflexões, e no caso do Museu de Florianópolis, um museu capaz de suscitar reflexões acerca da sustentabilidade, tema recorrente na cidade, atualmente.

O programa socioambiental do Museu de Florianópolis tem dois eixos de atuação. O primeiro refere-se às práticas sustentáveis em todos os setores da instituição. O segundo se relaciona a Educação Ambiental, que deve orientar alguns projetos e ações.

Deste modo, o programa socioambiental tem como premissas básicas a importância e a aplicação das práticas sustentáveis no dia a dia da instituição por parte dos colaboradores, prestadores de serviços e visitantes. As medidas adotadas serão apresentadas nas ações dessa diretriz.

As diretrizes do Programa Socioambiental do Museu de Florianópolis levam em consideração a discussão sobre sustentabilidade que existe em Florianópolis. A biodiversidade presente na ilha com paisagens naturais e belas praias formam um dos ecossistemas mais representativos de Santa Catarina. O fato de ser uma ilha sugere a limitação de recursos, deste modo, questões como o crescimento urbano, da economia, e o desenvolvimento do turismo estão fortemente relacionados à sustentabilidade.

Discussões a respeito da gestão dos recursos naturais estão presentes nas escolas, universidades, organizações sociais, iniciativa privada e no seio da sociedade civil florianopolitana. Estudos e discussões sobre os impactos ambientais que envolvem projetos e empreendimentos na ilha fazem parte do cotidiano do florianopolitano.

Um dos objetivos do programa socioambiental é contribuir para as reflexões sobre sustentabilidade por meio de exposições, palestras e oficinas. Ter o

comprometimento com a Educação Ambiental torna-se um dos diferenciais dessa instituição.

O espaço multiuso constitui uma excelente local para promover atividades educativas ligadas a educação patrimonial e ambiental. Esse espaço deve dinamizar o Museu de Florianópolis, pois o Sesc, seu mantenedor, realiza atividades, projetos, e ações que podem contribuir para que o Museu de Florianópolis cumpra a sua missão.

Estruturar com qualidade, isto é, dar atenção especial ao programa socioambiental de forma a aproveitar a discussão ambiental que existe atualmente na cidade de Florianópolis é uma forma de usufruir uma das vocações e potencialidades que essa instituição museológica possui.

Atualmente, nos museus, é importante ter o comprometimento com a Educação Ambiental, enquanto espaços de educação não formal com os seus visitantes: comunidades, público escolar e turista. Portanto, as diretrizes que orientarão as ações do programa socioambiental do Museu de Florianópolis são:

- Manter a conservação do edifício e do seu entorno;
- Adequação e adoção dos princípios socioambientais e sustentáveis na gestão do Museu de Florianópolis;
- Definir a abordagem e a linha teórica de Educação Ambiental que deve estar em consonância com a linha teórica do programa educativo e cultural do Museu de Florianópolis;
- Divulgar as ações e medidas socioambientais do Museu de Florianópolis;
- Aproveitar a paisagem de entorno e a cidade de Florianópolis enquanto objeto gerador para desenvolver as atividades e projetos ligados a Educação Ambiental;

2.7 PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL

Os estudos contemporâneos sobre a função social dos museus perpassam diversos eventos internacionais e nacionais, com ampla discussão de profissionais de diferentes países, envolvendo a comunidade museológica e representantes de segmentos da sociedade preocupados com as questões do campo museológico. Dentre as discussões crescentes nas últimas décadas, inclui-se a problemática do uso educativo deste patrimônio cultural. Resultam inúmeros documentos que são fundamentais para a consolidação e compreensão do museu como um agente educativo.

Entre estes documentos, encontram-se:

As conclusões do Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958), que propunha uma reflexão sobre a função educativa dos museus a sociedade em cada uma das regiões do mundo; a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, que introduziu o conceito de museu integral, abrindo novas trilhas para as práticas museais; a Declaração de Quebec, de 1984, que sistematizou os princípios básicos da Nova Museologia e a Declaração de Caracas de 1992, que poderia ser interpretada como uma avaliação crítica de todo esse percurso ao reafirmar o museu enquanto canal de comunicação. (ARAÚJO e BRUNO, 1995, p.6).

A democratização do acesso ao patrimônio cultural e a formação de público no Brasil está contemplada no Plano Nacional de Cultura e nas diretrizes estabelecidas pela Política Nacional de Museus (PNM) de 2003 (BRASIL – PNM, 2003).⁷

Outro documento que também apresenta o caráter educativo dos museus é o Decreto nº 5.264/2004, que institui o Sistema Brasileiro de Museus onde em seu art. 2º, define quais são as características das instituições museológicas (BRASIL, 2004).⁸

⁷BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus: memória e cidadania.** [Brasília]: MinC, 2003. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/downloads/Política_Nacional_de_%20Museus.pdf>.

⁸BRASIL. Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004 - Institui o Sistema Brasileiro de Museus e dá outras providências. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006.** [Brasília]: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2006.

A definição de museu pelo Departamento de Museus e Centros Culturais, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e pelo Ministério da Cultura (MinC) – de outubro/ 2005, também menciona seu caráter educativo, aberto ao público e a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Departamento de Museus e Centros Culturais - IPHAN/MinC - outubro/2005).

Já, a Lei nº. 11.904, de 2009, que institui o Estatuto de Museus⁹, em seu art. 46 menciona sobre estar contemplado no Plano Museológico, dentre outros itens: a identificação dos públicos a quem se destina o trabalho dos museus e o detalhamento dos Programas (neste caso específico, o Educativo e Cultural).

A partir de reflexões a respeito da função social dos espaços museológicos, diferentes práticas em abordagens sociais, culturais e também políticas vêm proporcionando maior interação com a sociedade, permitindo multiplicar suas utilizações e ações. O papel do museu na sociedade contemporânea deixa de ser visto como “templo” e depósito de tesouros, para ser compreendido como um lugar de diálogos e dinâmicas para envolver a participação dos mais diversos sujeitos sociais.

A função educacional do museu e sua importância mede-se pela possibilidade de garantir à comunidade e ao mundo a guarda dos objetos havidos como necessários à identificação de uma cultura e uma história comum, revitalizando os elos temporais entre o passado e o presente e servindo à reflexão múltipla da história, da memória e da construção de significados, através da manipulação simbólica dos objetos (AMARAL In: MARTINS, 2006).

Compreender a importância do desenvolvimento de ações educativas e culturais no museu possibilita reconhecê-lo como fonte de conhecimento e portador de significados. É no campo da comunicação e no potencial educacional do museu, que programas vêm oportunizando práticas de democratização do acesso aos bens culturais a diferentes grupos sociais.

O Programa Nacional de Educação Museal promovido pelo IBRAM merece atenção para concepções que embasarão as ações do Núcleo Educativo e Cultural do Museu de Florianópolis, pois discussões já iniciadas promovem reflexões a

⁹http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm

respeito de conceitos e métodos para o campo museológico, onde consolidam e fortalecem o papel educativo dos museus.

A educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante. [...]está ligada à mobilização de saberes relacionados com o museu, visando ao desenvolvimento e ao florescimento dos indivíduos, principalmente por meio da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências (DESVALLEES/ MAIRESSE, 2014, p. 38/39)

Pode também ser entendida num sentido mais amplo,

Como quase todas as práticas educativas que acontecem no museu, tanto promovidas pelos museus, pelos departamentos educativos dos museus, e também por outros setores. Caberia mais falar de práticas educativas do que exatamente de atividades educativas. Porque o sentido de práticas educativas nos permite considerar também, dentro do trabalho de educação museal, tanto os serviços oferecidos ao público, como também os materiais produzidos de apoio à exposição, folhetos, catálogos, os próprios programas e projetos educativos fornecidos a determinadas instituições, algumas que dizem respeito diretamente ao professor, outras que dizem respeito ao público, que eles chamam visitação livre, que não   aquela que vai através da escola (FALCÃO, 2009, s/p).

As a es educativas realizadas nos museus estão inseridas no campo da educa o não-formal (não possui a mesma carga de formalidade que a educa o escolar, mas possui intencionalidade e planejamentos prévios de a es) tem como objeto de trabalho o bem cultural. No entanto apesar de flexível, há projetos estruturados com conteúdos programáticos, recebendo influência de teorias educacionais.

A a o educativa consiste em procedimentos que promovem a educa o no museu, tendo rela o entre o homem e o bem cultural como centro de suas atividades(...). Neste caso, deve ser entendida como uma a o cultural, que consiste no processo de media o, permitindo ao homem apreender, em sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca (CADERNO de diretrizes museológicas – MinC/ IPHAN/ DEMU, 2006. p. 147).

Para a implanta o do Núcleo Educativo e Cultural do Museu de Florianópolis,   fundamental o gestor da institui o museológica reconhecer a importância da fun o educativa do museu.   necessário montar uma equipe multidisciplinar, composta por profissionais especializados, que trabalhem e planejem em conjunto, no sentido de elaborar, recomendar e desenvolver programas que estabeleçam diálogos com os públicos do museu. A responsabilidade pela

criação, implementação e avaliação deste Núcleo deve ser atribuída a um profissional da educação, preferencialmente um especialista em educação em museus ou tendo qualificação com experiência na área. A equipe deve receber formação, assessoria e outros tipos de apoio para poder cumprir suas responsabilidades educacionais.

A equipe do Núcleo Educativo e Cultural deve definir claramente a concepção ou tendência pedagógica que embasará as ações do museu. Os conceitos devem refletir claramente as opções da equipe, a partir de uma compreensão da função social da educação, e entendidos como fundamentais nas ações e práticas desenvolvidas junto ao patrimônio.

Ao definir os objetivos educativos da atividade, ao selecionar os conteúdos que serão enfatizados, ao planejar as formas e estratégias usadas na visita e durante a mediação, ao definir os papéis do mediador, do público, do professor ou dos demais participantes da ação e como se relacionam, estaremos fazendo opções que remetem a determinadas concepções pedagógicas (MARANDINO, 2008 p.16).

Planejar e executar as ações educativas e culturais do Núcleo, são tarefas que cabem aos educadores(as) do museu, que precisam estar inteirados(as) e afinados (as) “com os conceitos que permeiam esse espaço, como também com as diretrizes estabelecidas pela “Política Nacional de Museus”. (ROSA BARBOSA, 2009, p.24)

É necessário compreender a importância da função social dos(as) educadores(as) no espaço do museu e de suas participações como agentes de mudança no processo de inclusão e do acesso ao patrimônio cultural de diversos públicos. Estes profissionais são fundamentais para o processo educativo e comunicacional do museu com os públicos, assim como, para o desenvolvimento de diferentes ações educativas e projetos que visam intermediar e dinamizar as relações entre o museu e os diferentes públicos. Suas atuações, quando mediando os conhecimentos e mensagens propostas pelas exposições, possibilitam maior compreensão aos visitantes, aproximando-os de diferentes códigos e linguagens, como também, facilitando a leitura e a construção de significados. Podem e devem eles formar parcerias, de acordo com o programa nacional de educação museal,

para trabalharem com os demais profissionais, tanto do museu, quanto de outras instituições.

Os objetivos do Núcleo Educativo e Cultural do Museu de Florianópolis devem estar voltados a elaborar e desenvolver ações, promovendo experiências e a compreensão dos públicos, a partir do acervo do museu. Os programas e ações precisam estar em consonância com a relevância do acervo tratado e a missão do museu. Nas ações, está implícita a proposta vocacional do mesmo, proporcionando uma programação sistemática em diversas áreas do conhecimento aprofundando diversos assuntos relacionados a sua temática e ao patrimônio cultural.

Alguns exemplos de ações educativas e culturais: acompanhamento aos visitantes espontâneos, visitas mediadas e orientadas nas exposições para grupos de escolares, turistas e outros mediante agendamento prévio; visitas com materiais educativos abordando temáticas relacionadas ao acervo e/ou exposições do museu; espaços para encontros temáticos, oficinas, cursos, conferências, palestras e debates que proporcionem reflexões e posturas críticas sobre um determinado tema apresentado em uma exposição, de objeto/tema destacado a partir do acervo do museu, ou dentro de uma agenda planejada; ateliês; programações de música, teatro, literatura, cinema, canto, dança, recital, intervenção, demonstração, etc.

Além de projetos específicos, também estão em suas atribuições a elaboração de ações educativas para as exposições, diferentes tipos de práticas como a elaboração de materiais, propostas, instrumentos e jogos pedagógicos. Os materiais educativos são criados para facilitar o diálogo com os públicos e exigem níveis diferentes de compreensão.

É importante enfatizar o papel ativo do visitante nas ações que realiza no museu. Assim as proposições do Núcleo Educativo e Cultural necessitam disponibilizar informações e conteúdos, como também promover espaços e situações de diálogos “de forma que diferentes posturas e visões de mundo tenham voz e possam ser legitimadas”. (MARANDINO, 2008, p.17).

Alguns conceitos também devem merecer atenção e entendimento por parte da equipe desse núcleo, pela relevância social e por possibilitarem contribuir nas ações educativas e culturais no museu. Studart (2004, p.44) destaca conceitos que mesmo situando-se fora da área museológica, estruturam, fundamentam e influenciam diretamente no trabalho dos museus. São eles: cidadania;

inclusão/exclusão social; alteridade e diversidade cultural; tolerância; solidariedade; participação; interação; interdisciplinaridade; curadoria conjunta; produção cultural museal e responsabilidade social.

Determinados conceitos possuem perspectivas plurais e híbridas, que não se ordenam de forma explicativa generalizante. Não são ideias estáticas, mas dinâmicas. Consciência crítica, educação dialógica, pedagogia crítica, professores reflexivos, produção de conhecimento também são conceitos que deverão permear o trabalho do Núcleo Educativo e Cultural. A perspectiva que será trabalhado cada conceito dependerá da linha pedagógica a ser adotada pelo museu. Neste sentido, as definições para cada conceito devem ser decididas no momento do estudo para explicitar as concepções teóricas e conceituais que embasarão os projetos e ações a serem desenvolvidos pelo núcleo.

O Núcleo Educativo e Cultural está diariamente em contato com os diferentes públicos visitantes no museu, promovendo experiências no contato com o patrimônio cultural. No campo museal, consideramos adequado o uso do termo “públicos, pois existem diferentes tipos de público que se tornam um grupo, apenas se possuir características que os agrupem de alguma maneira, como por exemplo, público familiar, público escolar, entre tantos outros” (MARANDINO, 2008, p.24). As ações desenvolvidas pelo Núcleo possibilitam diferentes proposições, abordagens de mediações, estratégias de discursos permitindo atrair públicos de diferentes faixas etárias, formação, classes sociais, etnias, habilidades. Atrair os públicos existentes no entorno do museu também é de fundamental importância (trabalhadores e frequentadores das feiras de artesanato, feiras de produtos hortifrutigranjeiros, bancos, comércios, restaurantes, serviços, etc.)

No plano de trabalho do Núcleo Educativo e Cultural do Museu de Florianópolis, deve estar especificada as diretrizes e o cronograma para a realização dos programas a curto, médio e longo prazo. É necessário planejá-los de forma integrada e com objetividade.

A definição dos programas e seus desdobramentos a serem implantados pelo Núcleo Educativo e Cultural necessitam do planejamento e participação de toda a equipe do Núcleo, assim como o compartilhamento com toda a equipe do museu, pois todas as suas ações, tal como maximizar a função educativa do Museu de Florianópolis, dependerá do quadro de pessoal e dos recursos financeiros. Após as

diretrizes, estão apresentadas boas práticas de ações educativas realizadas em museus brasileiros que servem como exemplo inspirador para os projetos a serem elaborados pelo Núcleo. Na bibliografia de apoio os profissionais do núcleo podem encontrar referências importantes para seu trabalho educativo no museu.

O programa do Núcleo Educativo e Cultural do Museu de Florianópolis deve contemplar em suas diretrizes:

- Explicitar as concepções teóricas e conceituais adotadas para o desenvolvimento das ações do Núcleo.
- Elaborar e definir programas e projetos para o Núcleo Educativo e Cultural do Museu;
- Promover a realização de parcerias e acordos de cooperação técnica com universidades, centros culturais e institutos de pesquisa e fomento à cultura, a fim de assegurar o apoio e o fortalecimento aos programas e projetos propostos pelo Núcleo Educativo e Cultural do museu.
- Fomentar programas e ações colaborativas entre museus e instituições de ensino (em todos os níveis) e profissionalizante visando à capacitação de professor para trabalhar com o museu e sua temática.
- Elaborar materiais educativos para os diferentes programas do Núcleo.
- Elaborar agenda cultural.
- Democratizar o acesso ao museu.
- Avaliar as ações do núcleo.

2.7.1 Boas práticas educativas em museus

Por estar o Museu de Florianópolis em processo de formação, é importante que a equipe do Núcleo Educativo e Cultural promova ampla pesquisa bibliográfica, como também em sites de museus, pois exemplos de programas, projetos e ações realizados em outros museus, resguardadas as diferentes tipologias, podem contribuir para o planejamento do Núcleo. Neste sentido, a equipe não deve perder de vista que os programas, os projetos e as ações devem estar em consonância com a relevância do acervo tratado e a missão do museu.

Breves exemplos a fim de ilustração:

MASC- Museu de Arte de Santa Catarina- <http://masc.sc.gov.br>

- Projeto: **Florianópolis através da Arte – Objetivos:** Realizar um tributo cultural à memória da cidade; Confeccionar CD Rom didático pedagógico, contendo 32 obras (pinturas, gravuras e desenhos) do acervo do museu, que homenageiam e eternizam aspectos da cidade de Florianópolis; Divulgar a história da arte em Florianópolis, como também, seus artistas e suas obras; sugerir propostas de atividades e pesquisas a partir dessas imagens; Doar o CD Rom às escolas da Rede Pública de Ensino.

- Projeto: **Levando a escola ao Museu - Objetivos:** Integrar o Museu com a comunidade, facilitando o acesso das escolas públicas aos bens culturais; envolver empresas de transporte coletivo, uma vez ao mês, durante o ano letivo, para que os estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas tenham contato com obras de arte, bem como, participem de atividades educativas desenvolvidas pelo Núcleo de Arte-educação no MASC.

- Projeto – **MASC Pinta sua História** – Objetivo: Divulgar, na comunidade de Florianópolis, a participação ativa do MASC no contexto social, através da produção de oito outdoors pintados por artistas catarinenses participantes das comemorações dos 45 anos do MASC.

- Projeto **Vamos Conhecer o MASC** - Objetivos: Proporcionar Encontros mensais com educadores, abordando questões referentes a Educação Patrimonial, Museus de Arte, Museu de Arte de Santa Catarina e Parceria para a Inclusão; contemplar os educadores com um caderno de apoio, relativo aos temas abordados no encontro; utilizar o próprio museu como instrumento no processo da educação patrimonial, a fim de despertar em educadores e estudantes a consciência da preservação de bens

históricos e culturais; discutir conceitos e formulações para novas abordagens metodológicas no museu, assim como propiciar iniciativas que visem à inserção das escolas e comunidades através de parcerias; apresentar através de uma cartilha ilustrada com o personagem *Masquinho*, os setores do MASC, numa narrativa própria para crianças; doar cartilhas a educadores e estudantes do Ensino Fundamental, participantes do projeto em visita ao museu.

Museu Histórico Nacional - <http://www.museuhistoriconacional.com.br/>

- **Celebrando e Discutindo as datas históricas nacionais** - Para marcar as datas históricas nacionais, o Museu promove eventos de comemoração em parceria com as escolas e outros grupos.

- **Fetranspor – Trazendo crianças e jovens ao Museu** - Numa parceria entre a Federação das Empresas de Transporte do Estado do Rio de Janeiro/Fetranspor e o Museu Histórico Nacional, iniciada no ano de 2002, esse projeto tem como objetivo viabilizar a vinda ao Museu, do maior número possível de crianças e jovens de escolas municipais e estaduais do Rio de Janeiro, assim como de instituições e de ONGs, sobretudo aquelas localizadas em comunidades carentes, abrangendo diversos municípios. A Fetranspor disponibiliza todas as terças e quintas-feiras quatro ônibus para trazerem as crianças, jovens e seus responsáveis ao Museu, tanto do turno da manhã como da tarde. Após a visita às exposições, o ônibus retorna à escola ou à instituição.

Museu da Língua Portuguesa –

<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/servicos.php>

- **Ações com a Rede Pública de Ensino** - O museu desenvolve ações com a Rede Pública de Ensino, tanto do Estado de São Paulo, como a Secretaria de Educação da Cidade de São Paulo. No seu primeiro ano de funcionamento, a instituição recebeu aproximadamente 700 professores da Rede Estadual de Ensino em cursos de capacitação (8 horas/aula). Após os cursos, os professores retornaram ao museu com seus alunos. Atualmente o museu participa do projeto “Cultura é Currículo” da FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação do Estado de

São Paulo. Com a Secretaria de Educação da Cidade de São Paulo é realizado o projeto “O Centro é uma Sala de Aula”. Alunos das escolas da Subprefeitura da Sé têm aulas, uma vez por semana, em espaços culturais da Cidade, tais como: Museu da Língua Portuguesa; Pinacoteca do Estado; Arquivo Histórico Municipal e Cemitério da Consolação. Mais de 200.000 alunos já participaram deste projeto no Museu da Língua Portuguesa.

Museu Imperial - <http://www.museuimperial.gov.br/servicos-online/tour/visita-interativa.html>

Janela do professor e Visitas interativas

Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville-
<http://museusambaqui.blogspot.com.br>

- Projeto: **Sabor do passado e do presente-** Objetivo: Promover a degustação de alimentos da dieta do homem sambaquiano. Abre novas perspectivas para a difusão do conhecimento sobre a cultura dos sambaquianos. Envolvimento das equipes do MASJ, do curso de Gastronomia e da Especialização em Arqueologia da UNIVILLE. Além da degustação, uma exposição de banners e de algumas peças de acervo. Evento encerrado com palestra sobre o tema.

- **Escola provoca reflexão sobre ambiente e patrimônio.** Em defesa da revitalização da praça e da preservação do sambaqui do Rio Comprido, alunos e professores da Escola Municipal Dom Jaime Barros Câmara fizeram uma manifestação. A equipe do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville acompanhou a ação da escola e da comunidade.

Pinacoteca - <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/>

- Projeto **Pinafamília** tem como objetivos estimular a visita de famílias à Pinacoteca; favorecer o convívio familiar por meio da fruição da arte e estimular a visita a espaços culturais; desenvolver processos de aprendizagem em arte por meio de atividades lúdicas e participativas; favorecer a compreensão, por esse público, da importância do patrimônio e de sua preservação.

- **Programa de Inclusão Sociocultural –PISC** - O objetivo deste programa é promover o acesso qualificados aos bens culturais presentes no museu a grupos em

situação de vulnerabilidade social, com pouco ou nenhum contato com instituições oficiais de cultura.

- **Programa Educativo para Públicos Especiais:** Este programa busca promover o acesso de grupos de pessoas com deficiências sensoriais, físicas, intelectuais e transtornos mentais à Pinacoteca, por meio de uma série de abordagens e recursos multissensoriais. As visitas educativas são realizadas por educadores especializados.

- **Museu para Todos** - É um espaço especial do portal da Pinacoteca do Estado de São Paulo que busca contribuir para a relação entre a arte e a educação.

Museu Histórico de Santa Catarina – <http://www.mhsc.sc.gov.br/>

Projeto Construindo - O projeto oportuniza, através de ações educativas socioculturais, a um grupo de reeducandos da Penitenciária Estadual de Florianópolis visitar as exposições de longa duração e as exposições temporárias, em encontros mensais, promovendo experiências, percepções descobertas e apropriações da pluralidade de sentidos e narrativas presentes no espaço do Museu.

Museu da Pessoa- <http://www.museudapessoa.net/pt/educativo/area-educativa>

- O Educativo deste museu tem como desafio disseminar a Tecnologia Social da Memória com o uso de uma metodologia de formação para a realização de projetos de memória ou para registrar a história de uma pessoa, de um grupo. Ex: **Ossos do Ofício** – Coleção que adentra na realidade de profissões tradicionais, incomuns, extintas e inusitadas (garçom, lavadeira, livreiro, tecelã, chapeleira, etc.) Os trabalhadores são força motriz de uma sociedade. Ao longo da história, muitos direitos foram conquistados como resultado de lutas, manifestações e reivindicações de uma classe que confirma a cada dia seu empoderamento.

- **Projeto Memória Local na Escola** - Os professores aprendem a organizar sua prática pedagógica para a realização dos projetos de memória e os alunos aprendem a ouvir, registrar e a divulgar histórias de vida dos moradores de suas cidades com textos e desenhos.

Museu da República – <http://museudarepublica.museus.gov.br/>

- **Colônia de Férias** - Programa de férias gratuito, desenvolvido anualmente, durante todo o mês de janeiro, no período das 13h às 17h, direcionado a crianças de 7 a 11 anos. A programação contempla atividades lúdicas e pedagógicas, pautadas nos temas patrimônio material e imaterial, recortes da república brasileira, memória e museu.

Colônia de Férias 2009 / Brincadeira de Museu - Colônia de Férias 2010 / Carnaval no Museu - Colônia de Férias 2011/ Ecologia no Museu - Colônia de Férias 2012 / Eleitor do Futuro. O tema escolhido de 2016 é *Olimpíadas no Museu*, sobre os jogos olímpicos que serão realizados no Rio de Janeiro, para despertar nas crianças a importância dos esportes como instrumento para o desenvolvimento social e educativo.

- **Série Publicação Pedagógica para Estudantes** - Em número de três publicações já editadas, a série é dirigida a estudantes das primeiras séries do ensino fundamental. As revistas são apresentadas com linguagem lúdica, ricamente ilustrada e contemplam informações sobre o Museu e seu Jardim Histórico, presidentes e personagens históricos que marcaram presença na República Brasileira até 1960.

- **Série de Jogos Pedagógicos para Estudantes** -O Museu da República disponibiliza aos estudantes uma série de jogos de caráter lúdico-pedagógico direcionados às várias faixas etárias. Os jogos acompanham e complementam a série Publicação Pedagógica para Estudantes.

Cursos – Oficinas

Curso e Oficinas de Formação para Professores - São voltados à formação de professores da rede pública e privada e são desenvolvidos com o objetivo de ampliar diálogos e ações, oferecendo ações presenciais e virtuais, encontros e cursos de formação tendo como focos o Museu, a Educação, a História, a Arte e o Patrimônio. Podem ser presenciais ou on-line.

Projeções de filmes/documentários/curtas sobre temáticas envolvendo histórias, memórias de fatos e personagens de todos os campos de ação na cidade, com possibilidade de exposições a serem realizadas no intervalo do almoço, oportunizando o fluxo de comerciários e públicos diversos.

Parcerias

- Projeto em parcerias com Universidades: **Família no Museu** – Projeto do grupo de pesquisa Educação, Arte e Inclusão, do Centro de Educação a Distância (Cead), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Este projeto é destinado às famílias que possuem filhos portadores de deficiência, interessadas em participar de ações voltadas à inclusão e acessibilidade através da arte.

- Possibilidades de projetos a serem realizados em parceria e desenvolvidos com alunos representantes de diferentes escolas e comunidades em atuação na Câmara de Vereadores Mirins.

2.8 PROGRAMA DE ACERVOS

2.8.1 SUBPROGRAMA DOCUMENTAÇÃO

Uma das premissas de uma instituição museológica é a averiguação da situação documental do acervo. Foi constatado que o museu ainda não os possui, portanto a necessidade de pesquisa referente a essa temática nas instituições de memória da cidade seria fundamental para composição das futuras coleções museológicas do Museu de Florianópolis.

Através dos processos documentais, acontece a regularização das peças a serem efetivadas na instituição. A execução do inventário museológico possibilitaria

o conjunto de procedimentos para quantificação e organização das informações existentes no futuro acervo institucional. Tem um caráter de legalização dos objetos e da instituição saber da existência dos mesmos, dentro de sistemas de recuperação de informação que possibilitem consultas internas e externas do patrimônio salvaguardado.

Um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador de conhecimento junto ao patrimônio e à sociedade, enfim não será útil a seu público. (NOVAES, 2000, p. 44)

Nesse sentido, a primeira parte para definir uma política de acervos é através da sua missão, nela que se definem quais acervos serão salvaguardados. Portanto, observando as peças que poderiam compor o Museu de Florianópolis, a divisão dos mesmos devem se organizar da seguinte forma:

Tabela 2: Definição das coleções.

Definição das Coleções	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Crescimento Urbano; ➤ Povo; ➤ Economia; ➤ Hábitos.
-------------------------------	---

Fonte: elaborado por Marco Antonio F. Ballester Jr.

Uma vez efetivada a criação das coleções, o próximo passo é propor critérios claros para entrada futura de acervos no museu, que sejam condizentes com a realidade institucional e o que o Museu de Florianópolis pretende preservar para a sociedade. Nesse sentido, elencando valores que sejam necessários para distinguir quais peças são importantes tanto para futuras pesquisas, exposições e ações educativas. Propomos os seguintes critérios para a política de aquisições:

Tabela 3: Critérios para a política de aquisição do Museu de Florianópolis.

Critérios	➤ Histórico do acervo e sua relação com a missão institucional;
------------------	--

- **Capacidade de o acervo ser inserido em pesquisa e exposições (curta e longa duração);**
- **Diálogo do acervo com as outras coleções existentes;**
- **Estado de conservação que não comprometa os demais objetos;**
- **Peças existentes no acervo;**
- **Capacidade de guarda e acondicionamento.**

Fonte: elaborado por Marco Antonio F. Ballester Jr.

Uma vez construída a política de acervos e determinado os critérios para aquisição, é necessária a criação de uma comissão que faça essa avaliação e que esse grupo avalize as peças advindas para possível aquisição no acervo permanente da instituição. Sendo assim, essa comissão confirma a política de aquisições criadas, portanto é uma forma de qualificar aquilo que está sendo aceito pelo museu.

A política de acervos de uma instituição museológica compreende os procedimentos de aquisição e descarte de peças, o acesso e disponibilização de informações das memórias preservadas. Portanto, a criação dessa política coloca regras perante a sociedade daquilo que se fará com as memórias/peças preservadas, bem como quais memórias serão inseridas nas coleções permanentes do futuro museu. A discussão da criação da Política de Acervos deve estar concatenada com as legislações Internacional e Nacional vigente, bem como a participação da sociedade nesse processo.

O museólogo que atuar na instituição deve auxiliar o gestor sobre os processos de aquisições de acervo e municiar a comissão dos mesmos com as informações necessárias para a decisão mais apropriada a cada caso de aquisição proposta. Os documentos que podem subsidiar estas decisões referentes à aquisição são a Ética de aquisições do ICOM, o código de Ética do ICOM, a Lei nº11.904/2009 - Estatuto dos Museus e o Decreto nº 8124/2013.

Essa comissão deve ser institucionalizada por ato legal (resolução, portaria ou ata de criação), para que a mesma seja reconhecida e cobrada das decisões tomadas perante a sociedade.

Tabela 4: Comissão de acervos do Museu de Florianópolis.

Comissão de Acervos	<ul style="list-style-type: none">➤ Representante da mantenedora;➤ Coordenação do museu;➤ Setor de Acervos;➤ Setor de Conservação;➤ Núcleo Educativo.
----------------------------	--

Fonte: elaborado por Marco Antonio F. Ballester Jr.

Para a elaboração da política de acervos para o Museu de Florianópolis, pode-se ter como referência a política de acervos instituída pela Fundação Genésio Miranda Lins, de Itajaí, Santa Catarina. Este documento estabeleceu com excelente qualidade técnica os critérios e os métodos para aquisição de acervos nos museus municipais de Itajaí mantidos pela fundação.

É de suma importância para a documentação museológica a averiguação jurídica dos acervos que poderão compor as coleções, sendo necessário observar a existência de tais peças e seus respectivos documentos de posse do acervo (termo de doações, recibos de compra, recolhimento, permutas, entre outros documentos que demonstrem a posse das peças). A necessidade desse levantamento dos acervos a serem salvaguardados na Prefeitura, particulares ou outras instituições são fundamentais para quantificar e prever quais medidas devem ser adotadas para conservação e fruição dos mesmos para a sociedade.

A definição do fato museal¹⁰ no qual a instituição “Museu de Florianópolis” pretende se firmar é fundamental para a pesquisa. Assim, observando a trajetória que se pretende construir no museu, as futuras linhas de pesquisa de quais objetos a serem preservados é de fundamental importância para construção da política de acervos. A pesquisa, nesse sentido, pautada na missão institucional auxiliará o processo de coleta. Essa tem que ser documentada e quantificada para que se tenha a exata realidade dos objetos/documentos do museu.

¹⁰ RUSSIO, W.C.G. Conceito de Cultura e sua interrelação com Patrimônio Cultural e a preservação. In: Cadernos Museológicos nº3 Rio de Janeiro, IBPC. p. 7-12.

Concluída essa pesquisa, a instituição deve averiguar os objetos que não correspondem à missão institucional e colocar para análise da comissão de acervos. A permanência ou o descarte das peças que não se enquadram na política de aquisição deve ser definido pela referida Comissão.

O acervo que permanecer na instituição deve passar pelo processo de documentação, que prevê a atribuição de um número de registro e o preenchimento das fichas técnicas (catalogação, localização e conservação), atualizando-as com as informações disponíveis. A criação e preenchimento de livro tomo com as informações mínimas de cada objeto permitem ao museu obter, entre outras coisas, a real quantificação das peças existentes. A implantação de sistema informatizado que faça a interligação de todos os tipos de acervos oportunizará ao museu chegar a outro patamar no quesito de registro documental e acesso à informação.

O município de Florianópolis possui um vasto patrimônio dentro de suas instituições públicas, contudo, não possui na sua organização a ida para espaços de memória, exceto aquelas que já estão nas fundações de memória mantidas pela Prefeitura.

Contudo, o museu não possui acervos institucionalizados através de aquisições diretas e indiretas, portanto a ida até as instituições de memória da cidade podem auxiliar na composição das futuras coleções. Nesse sentido, o norteamento para o início dos seus primeiros acervos, o Museu de Florianópolis deveria começar seu processo de coleta dentro dos espaços públicos de memória da cidade, bem como aqueles que se disponibilizarem para cessão de objetos que auxiliem na construção cultural do território de Florianópolis.

Os acervos que irão compor a primeira expografia do Museu de Florianópolis serão oriundos de peças cedidas em regime de empréstimo. A proposta dessa ação é valorizar acervos que se encontram em outras instituições de patrimônio da cidade de Florianópolis, bem como disponibilizar memórias que anteriormente não foram democratizadas para população florianopolitana e região metropolitana.

A próxima etapa deste processo é o inventário museológico, ou seja, a materialização da pesquisa e sua política de acervos. É nela que se consegue visualizar o planejamento na gestão das informações das memórias/peças museológicas, possuindo etapas claras, elas auxiliam na organização e disponibilização daquilo que os objetos podem comunicar.

Contudo, o inventário não se encerra nele mesmo, o processo de catalogação de peças é uma ação permanente que deve ser constantemente revisto e atualizado. Desta forma, o inventário museológico é um instrumento que possibilita a organização das informações das memórias/peças preservadas, contribuindo para ações futuras na preservação e difusão daquilo que os objetos podem comunicar para sociedade. As ações de um inventário museológico estão apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 5: Ações para a realização de inventários.

1. Arrolamento
2. Preenchimento de Ficha de Inventário
3. Preenchimento de Livro Tombo
4. Preenchimento de Ficha Técnica de Catalogação
5. Preenchimento de Ficha Técnica de Conservação/Restauro de Peças
6. Preenchimento de Ficha de Localização

Fonte: elaborado por Marco Antonio F. Ballester Jr.

Existem no mercado opções de *softwares* para gestão e catalogação de acervo. O museu de grande porte, conforme a especificidade de seus acervos opta por construir um *software* próprio. Neste caso o sistema praticamente funciona apenas no próprio museu para o qual foi elaborado. Uma boa opção para o Museu de Florianópolis é o SCAM8, sistema com ótima relação custo benefício, que permite cadastrar todas as tipologias de acervo, apresenta uma plataforma de fácil acesso e o conteúdo do banco de dados fica de posse do museu, opção que a maioria dos sistemas existentes não fornece.

Logo, sugerem-se as seguintes diretrizes:

- Definir empréstimos para composição da primeira exposição de longa duração;
- Definir pesquisa de acervos;
- Criar política de acervos com base na missão visão institucional;
- Elaborar inventário museológico.

2.8.2 SUBPROGRAMA CONSERVAÇÃO E RESTAURO

O programa de conservação de acervos do Museu de Florianópolis tem como finalidade criar diretrizes para as funções diárias da instituição. Tendo em vista que o processo de degradação do acervo e as alterações físicas e químicas ocorrem por um processo natural de envelhecimento, o que pode ser feito são ações que previnem o processo de deterioração ou o dano.

Para delimitar as ações do setor de conservação, utilizamos aqui as terminologias do ICOM sobre o que é conservação e quais são os objetivos para salvaguarda do acervo.

Conservação Preventiva: Todas as medidas e ações que tenham como objetivo evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas. Elas são realizadas no contexto ou na área circundante ao bem, ou mais frequentemente em um grupo de bens, seja qual for sua época ou condições. Estas medidas e ações são indiretas, não interferem nos materiais e nas estruturas dos mesmos. Não modificam sua aparência.

Conservação Curativa: Todas aquelas ações aplicadas de maneira direta sobre um bem ou um grupo de bens culturais que tenham como objetivo deter os processos danosos presentes ou reforçar a sua estrutura. Estas ações somente se realizam quando os bens se encontram em um estado de fragilidade adiantada ou estão se deteriorando a um ritmo elevado, de tal forma que poderiam perder-se em um tempo relativamente curto. Estas ações às vezes modificam o aspecto dos bens.

Restauração: são as ações aplicadas de maneira direta a um bem individual e estável, que tenham como objetivo facilitar sua apreciação, compreensão e uso. Estas ações somente se realizam quando o bem perdeu uma parte de seu

significado ou função através de alterações passadas. Baseia-se no respeito ao material original. Na maioria dos casos, estas ações modificam o aspecto do bem.

O Clima tem efeito direto sobre os artefatos. Este é um assunto que merece muita atenção da instituição. Não existe um manual ou livro de referência que aborde exclusivamente os problemas típicos com que um conservador se depara no dia a dia quando se refere à temperatura.

Temperatura elevada e umidade relativa elevada estimulam a atividade de roedores e insetos, de modo que é importante controlá-las. Manter fechados, na medida do possível, janelas, portas e respiradouros, pois são as principais entradas de insetos e roedores.

O controle de umidade nos acervos se faz necessário para não acelerar o processo de degradação de um objeto. As taxas de umidade desreguladas causam a instabilidade de suporte, a dilatação dos objetos, que são higroscópicos, a biodeterioração, e a oxidação e corrosão de acervos em suportes metal. Abaixo apresentamos tabela para referência e controle de taxas.

Tabela 6: Referência para Controle de Umidade.

OBJETOS	UMIDADE RELATIVA
Madeiras pintadas e envernizadas/ pintura sobre madeira/escultura/ papel/ vidro	45% a 60%
Metal	15 a 40%
Cerâmica / terracota / pedra	20 a 60% com eflorescência ou corrosão manter a 20% ou menos
Têxteis	30 a 50%
Espécimes de ciências	40 a 60% salvo os embalsamados

naturais	
Couro	45 a 60%
Osso / marfim	30 a 40 %
Material etnográfico Plumária	40%
Pintura a óleo	40 a50%
Fotografia / filme	30 a 40 %

Fonte: Adaptado por Angela Luciene Peyerl de (COSTA, 2006, p. 47).

O controle de umidade e iluminação é essencial para prolongar a vida dos objetos. A Reserva Técnica deverá ser climatizada e ter o controle de umidade. Para isso é indispensável a aquisição e instalação de equipamentos de medição de temperatura e umidade pelo prédio. Atualmente algumas instituições aderem ao uso de termohigrometros, porém há um *software* de monitoramento eletrônico desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), chamado Climus, que faz esse monitoramento gerando dados diários.

Sobre a iluminação é importante destacar que os Raios Ultravioletas (UV) e infravermelhos (IV) presentes em quase todas as lâmpadas, são agentes de degradação de obras de arte, livros e documentos. A incidência de luz tanto a natural quanto a artificial são prejudiciais para os acervos e seus danos são irreversíveis. Para isso, algumas medidas são utilizadas para barrar essa grande incidência de luz.

Evitar a utilização de fotografia com *flashes*, pois a emissão direta sobre o objeto apresenta uma concentração em raios UV e IV muito grande, reduzir ao máximo a iluminação artificial e ao mínimo na reserva técnica e salas expositivas. O ideal é manter as luzes apagadas quando não tiver visitantes na exposição e sempre que possível manter as cortinas ou persianas fechadas, para evitar a incidência de raios solares diretamente sobre os objetos.

Segundo a tabela de referência os valores máximos de iluminação para materiais sensíveis à luz são os seguintes:

Tabela 7: Referência de Lux.

Materiais muito sensíveis à luz	
Tecidos/couros tingidos/ aquarelas/ gravuras e desenhos/ selos	50 lux
Manuscritos/ papéis/ miniaturas/ móveis / murais/ Espécimes de História Natural	50a100 lux
Materiais sensíveis à luz	
Pintura a óleo / têmperas/ couro sem tingir/	150 lux
Laca/ osso / marfim	100 – 200 lux
Materiais pouco sensíveis à luz	
Metal/ pedra/ vidro	Sem limite
Cerâmica/ vitral/joias/esmalte	200 lux

Fonte: Adaptado por Angela Luciene Peyerl de (COSTA, 2006, p. 48).

O mobiliário para o acondicionamento deverá ser previsto conforme o volume e as tipologias do acervo. Há móveis específicos para cada tipo de objetos que integram o mesmo, sendo que esse mobiliário não pode dificultar o acesso ou a

remoção dos objetos e deve priorizar a ventilação da sala. Os móveis devem ser de boa qualidade, robustez, os mais indicados são os fabricados em aço, com fosfatização a zinco, pintura eletrostática contra ferrugem ou alumínio anodizado.

As obras bidimensionais emolduradas devem ser armazenadas em traineis deslizantes. Não havendo o trainel, é indicado que os quadros sejam armazenados na posição vertical, sempre dos menores para os maiores, frente com frente e verso com verso.

Quanto as esculturas e objetos tridimensionais, as mesmas devem ser armazenadas em móveis de metal, sempre com as prateleiras revestidas com espuma de polietileno de célula fechada, pois são resistentes a umidade.

As obras em suporte papel (mapas, plantas, gravuras) devem ser acondicionadas em mapotecas e embaladas individualmente com papel de ph neutro. As fotografias também devem ser acondicionadas separadamente com papel neutro e plástico de boa qualidade. No mercado existem empresas que fazem as embalagens ideais para acondicionamento de fotografias, negativos e diapositivos.

Quanto aos têxteis, ideal é o acondicionamento em gavetas de metal, sempre na posição horizontal. Nunca pode ser acondicionado com dobraduras. As bolsas, sapatos, chapéus e boinas devem sempre ser acondicionados com enchimento para que não apresentem com o decorrer do tempo alguma deformação ou vinco.

Para o acervo de documentos em formato digital é necessário ter como política a migração de suporte, pois o mesmo além de se tornar obsoletos em curto prazo correm o risco de danos. Avaliando a possibilidade de aumento no volume dos acervos de documentos e fotografias em formato digital, é indicado pensar no tipo de armazenamento para esse formato, mas desde já tendo a preocupação com a migração de suporte e reproduzindo as mídias constantemente.

Já os objetos que são empréstimos de outras instituições, o ideal é que seja criado um programa de gerenciamento de acervos, sendo necessário para o desenvolvimento e gestão do programa a presença de um conservador.

Para o subprograma de conservação e restauro foram definidas as seguintes diretrizes:

- Implantação de espaço para conservação do acervo;

- Gestão Climática e organização de espaços;
- Formação e Capacitação de pessoal;
- Programa de reprodução do acervo e migração de suportes.

2.9 PROGRAMA DE FINANCIAMENTO E FOMENTO

A sustentabilidade nos órgãos de cultura, nesse caso em museus, vem sendo cada vez mais debatida pela sociedade. Portanto, as linhas de financiamento e fomento nas instituições de memória tendem a ser racionalizadas e principalmente estruturadas em metas.

A execução desse programa tem o intuito de efetivar a missão e visão institucional com o aporte financeiro necessário. Dessa maneira, as ações propostas pelo museu com a utilização dos recursos (próprios ou captados) devem ser condizentes com suas atividades. Logo, torna-se necessário um planejamento ajustado e eficaz das fontes de financiamento utilizadas.

O Museu de Florianópolis possui sua formação centrada na gestão do Sesc Santa Catarina, o que acarreta toda uma lógica de gestão diferenciada bem como da sua inserção de recursos. Contudo, a instituição deve buscar métodos além daquilo que é disponibilizado, assim, o auxílio de uma entidade para captação poderá agregar valores ao museu, tanto financeiros quanto sociais.

O museu deverá construir novos laços de busca de recursos (renúncia fiscal, editais em nível federal e parcerias com a sociedade civil organizada), aperfeiçoar aqueles que já vêm recebendo e reforçar as fontes já existentes. Seguem exemplos de editais que financiam projetos para a área museológica:

Tabela 8: editais que financiam projetos para a área museológica.

Nome do Edital	Última vez Aberto
<p>Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus</p> <p>http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2015/modernizacao-de-museus/</p>	<p>10/09/2015 – 29/02/2016</p>
<p>Ministério da Justiça/Direitos Difusos</p> <p>http://portal.mj.gov.br/cfdd/data/Pages/MJ2148E3F3ITEMIDDE78DD2407B243ED892558C2D3EB1DE6PTBRNN.htm</p>	<p>01/07/2015 – 31/08/2015</p>
<p>Ministério da Cultura/Secretaria de Fomento e Incentivo a Cultura</p> <p>http://www.cultura.gov.br/programas4/-/asset_publisher/OAQTb3L2wLb4/content/apoio-a-projetos-do-fundo-nacional-da-cultura-548377/10895</p>	<p>10/08/2012 – 24/09/2012</p>
<p>Ministério da Cultura/Secretaria de Fomento e Incentivo a Cultura</p> <p>http://www.cultura.gov.br/programa-nacional-de-apoio-a-cultura-pronac-</p>	<p>01/02/2015 – 30/11/2015</p>
<p>Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte/Fundação Catarinense de Cultura</p> <p>http://www.sol.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&Itemid=142</p>	<p>20/10/2014 – 11/02/2015</p>
<p>Prefeitura de Florianópolis/Fundação Franklin Cascaes</p> <p>http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=lei+municipal+de+incentivo+a+cultura&menu=6</p>	<p>24/06/2015</p>

Fonte: elaborado por Marco Antonio F. Ballester Jr.

Com a meta de efetivação desse programa, são propostas as seguintes diretrizes:

- Fomentar formas de captação de recursos;
- Construir linhas de financiamento para ações do museu;
- Realizar estudo de impacto dos recursos aplicados em projetos do museu;
- Construir plano de metas de investimento;
- Captar propostas que fomentem ações de arte, cultura e pensamento no museu;
- Ampliar a linha de recursos externos.

2.10 PROGRAMA DE SEGURANÇA

No programa de segurança do Museu de Florianópolis serão abordados métodos de prevenção e segurança do acervo, bem como ações para que possam ser realizadas em possíveis situações de sinistro. Dentro do programa de segurança serão ressaltados os aspectos que envolvem desde o entorno da edificação até a preocupação com o bem estar e segurança do visitante.

Outro ponto que deve ser sempre lembrado é que o programa de segurança está aberto para as modificações que podem ocorrer conforme o fluxo de visitantes, obsolescência dos sistemas de segurança e as demandas que podem haver na instituição ou na legislação.

Deve-se ter em mente que no entorno da instituição temos um fluxo relevante de automóveis e pedestres, logo, a sala onde está destinada a Reserva Técnica possui janela que deverá ser protegida ou isolada, pois a mesma tem a abertura para a lateral do prédio, com esta ação é possível inibir possíveis furtos.

Quanto ao entorno do prédio é necessário definir em consonância com a Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana qual o melhor local para o

estacionamento de ônibus e vans escolares. Este local deve ser bem sinalizado, pois, além de organizar o trânsito no entorno da instituição também oferece conforto e segurança para o público escolar ou grandes grupos que precisam se locomover nesse perímetro.

Dentro deste programa vale também prever a contratação e manutenção de um projeto complementar para o sistema de segurança patrimonial que envolve CFTV, controle de acesso, detecção de incêndio e sonorização.

Quanto ao combate a incêndios, o mesmo sistema monitorado deverá estar interligado com os detectores de temperatura e fumaça, sendo que os mesmos possuem recursos automáticos para disparo, o museu deve estar também munido de extintores de incêndio devidamente alocados e adequados conforme os materiais expostos em cada ambiente.

No que se refere à utilização dos extintores de incêndio e saídas de emergência, indica-se que as ações estejam em consonância com a Lei nº16.157/13 e o art. 1º do Decreto nº1.957/13 e a instrução normativa IN 006/DAT/CBMSC - SISTEMA PREVENTIVO POR EXTINTORES, normativa esta do Corpo de Bombeiros de Santa Catarina que regulamenta o sistema de prevenção por meio de extintores.

A instalação dos extintores de incêndio também deve atender as especificações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): ABNT NBR 15808:2010 – Extintores de Incêndio Portáteis; ABNT NBR 15809:2011 – Extintores de Incêndio sobre rodas; ABNT NBR 12693:1993 – Sistema de proteção por extintores de incêndio.

Quando o museu estiver instituído e possuir o seu corpo técnico, é imprescindível que a instituição possua uma parceria com o Corpo de Bombeiros para realizar treinamento prático de utilização e reconhecimento de extintores de incêndio. O treinamento deve ser feito por todos os colaboradores.

Há também a necessidade de sinalização de saídas de emergência, as mesmas podem ser seguidas pela IN 009/DAT/CBMSC de SISTEMA DE SAÍDAS DE EMERGÊNCIA, mas de um modo geral devem estar alocadas na parte superior e inferior, caso haja algum tipo de fumaça podendo impedir a visualização da sinalização na parte superior, no caso do público com deficiência visual ou baixa

visão é indicado utilizar o piso tátil para sinalizar a saída de emergência ou rota de fuga.

A sinalização das saídas de emergência também deve atender as especificações contidas nas Normas Técnicas: ABNT NBR 9077:2001 - Saídas de Emergência em Edifícios; ABNT NBR 14880:2014 - Saídas de Emergência em Edifícios - Escada de Segurança - Controle de fumaça por Pressurização; ABNT NBR 10636:1989 – Paredes Divisórias sem função estrutural - Determinação de resistência ao fogo; ABNT NBR 8042:1992 – Bloco Cerâmico para alvenaria – formas e dimensões; ABNT NBR 7173:1982 - Bloco de Concreto vazado simples para alvenaria sem função estrutural; ABNT NBR 13714:2000 - Sistema de hidrantes e de mangotinhos para combate a incêndio.

No Museu deve-se desenvolver um plano de emergência e escoamento, no qual constem as providências a serem tomadas em caso de sinistro com o acervo e com o público e/ou trabalhadores caso ocorra em horário de funcionamento.

Para o desenvolvimento e execução desse plano de emergência é ideal que seja contratada empresa que detenha em seu corpo técnico um especialista em segurança do trabalho, o plano de emergência deve ter em seu quadro além dos representantes da instituição, um representante Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil.

Durante o processo de concepção do plano de segurança não é possível criar um plano de emergência, pois algumas informações não são possíveis, pois a instituição ainda está em formação, não é possível mensurar a quantidade de visitantes/utilizadores dos espaços da instituição, pois o fluxo diário de visitantes vai ser fundamental no cálculo da capacidade de carga, tanto para os espaços bem como para a quantidade de extintores e como alocar para o manuseio, é necessário saber qual o tipo de piso e revestimento, pois o prédio ainda se encontra em restauro.

A tipologia de acervo e a localização dos mesmos dentro do espaço expositivo são de suma importância para definir qual o acervo pode ser salvo em caso de sinistro. É indicado que um funcionário da instituição tenha o treinamento de primeiros socorros em caso de emergência.

O plano de emergência é uma análise detalhada do comportamento da instituição, do fluxo de visitantes, do entorno, do dia a dia da instituição em

funcionamento. Criar e desenvolver o plano de emergência é uma ação a ser efetivada num segundo momento, utilizando os dados do funcionamento da instituição de no mínimo um ano de atividades.

Para o programa de segurança foram definidas as seguintes diretrizes:

- Utilização de equipamentos de segurança individual e rotinas de segurança;
- Definição de nível de segurança nos espaços do museu;
- Criação e implantação de planos de emergência da instituição;
- Treinamento da equipe para situação de emergência;
- Implantação de sistemas de segurança.

2.11 PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO

A comunicação em instituições museológicas compreende os meios de divulgar a instituição (*marketing*, logos, folders, *banners*, comunicações em mídias impressas, televisão, rádio, campanhas publicitárias, *sites* e redes sociais), tanto quanto os meios de externar os conhecimentos e as pesquisas produzidas por essas instituições em exposições, catálogos, seminários, palestras. Deste modo, dentre os programas estabelecidos pelo Plano Museológico está o programa de comunicação, por vezes chamado de programa de difusão e divulgação, já que leva a instituição e suas ações para extramuros, tratando da "[...] divulgação e popularização dos projetos e atividades da instituição, além da disseminação, difusão e consolidação da imagem institucional nos âmbitos local, regional, nacional e internacional [...]"(IPHAN, 2006, p.3). Os profissionais responsáveis pela comunicação do museu deverão identificar as demandas e definir procedimentos para todas as situações.

No momento em que os museus se tornaram abertos ao público, incorporaram uma função educacional e comunicacional em suas práticas. Assim, a

comunicação tornou-se um dos itens básicos da Museologia. A mesma tem importante função nos museus, sendo a ponta do processo museológico.

Então, é necessário ter clara a posição do museu como não somente um espaço produtor e disseminador de informação, mas também um ambiente de comunicação, “[...] o que implica não mais a produção descomprometida e o recebimento passivo de uma grande quantidade de informações, mas sim, em uma qualificação da informação e sua transmissão [...]” (CUNHA, 2010, p.111).

O programa de comunicação do Museu de Florianópolis envolve o marketing e as formas de divulgação dos projetos, atividades e ações dessa instituição museológica. Deste modo, consolidar a imagem institucional, utilizando-se de recursos midiáticos é fundamental para alcançar uma boa comunicação.

O primeiro passo para consolidar a imagem institucional é a definição de uma identidade visual para o Museu de Florianópolis. Este trabalho já foi contratado pelo Sesc Santa Catarina e está em estágio final de elaboração. A identidade visual cria a marca (logomarca e sigla) do museu que será a principal forma do público identificar a instituição.

Para uma efetiva divulgação das ações cotidianas do museu, faz-se necessário a criação de materiais gráficos/publicitários, como *folders*, panfletos, cartazes, catálogos divulgando exposições. Também a transposição destas mídias de marketing direto para a mídia impressa como jornais, revistas e mídias externas, *outdoors*, *frontlights*, *Backlights*, *Banners* e Faixas.

A instituição deverá estabelecer então procedimentos para as demandas comunicacionais cotidianas, com o intuito de criar um padrão de tratamento no que tange à comunicação entre museu e seus públicos. Dentre elas estão: definição dos principais canais de comunicação (*site*, redes sociais, ouvidoria etc); definição do tempo de resposta para cada canal; definição dos responsáveis pelo museu; definição do discurso institucional que deverá ser empregado na relação do museu com a mídia (entrevistas, projetos, etc).

O *site* institucional é uma importante ferramenta de difusão e constitui uma parte significativa da lógica comunicacional do museu. Segundo L. Theather e K. Willhem pode utilizar o seguinte formato: (PINHO apud CÂNDIDO, 2014, p.66):

Site tipo “folheto eletrônico”: objetivo de apresentar. Possui informações como a história do museu, horários, localização, contatos, descrição geral do conteúdo, serviços e atividades;

Site tipo “museu no mundo virtual” ou “espaço informativo”. Procura apresentar uma cópia virtual do museu real traz informações mais detalhadas sobre as coleções e exposições, e por vezes, possibilita uma visita virtual;

Site tipo “museu interativo” ou “espaço interativo”. Disponibiliza recursos hipertextuais/ interativos complementares dos conteúdos presenciais. O objetivo é facilitar e ampliar a visita presencial ao museu.

Inicialmente, por uma questão de tempo e de recurso, sugere-se que o tipo de site a ser desenvolvido seja o tipo “museu no mundo virtual/espaço informativo”. Ao longo das atividades do museu, o site será gradativamente transformado no tipo “museu interativo/espaço interativo”. Em anexo apresenta-se uma sugestão de mapa para o site do Museu de Florianópolis. Para implementar o site, alguns pré-requisitos se fazem necessários: Domínio e subdomínios: o domínio é o endereço principal de um site, cujo acesso se dará através de um *browser* conectado à Internet. A composição do domínio geralmente se dá pelo nome da instituição, acrescido da categoria do domínio, geralmente com.br para domínios brasileiros.

Para o Museu de Florianópolis, sugere-se a contratação do domínio **museudeflorianopolis.com.br**, que até o presente momento encontra-se disponível para contratação. Para facilitar o acesso ao site, sugere-se também a contratação de subdomínios. Nestes podem-se utilizar combinações e/ou variações do nome do museu, bem como sua sigla. Subdomínios sugeridos: **museufloripa.com.br** e **museuflorianopolis.com.br**.

O *site* e as redes sociais são os principais canais de comunicação das ações do museu de Florianópolis. Tão importante quanto à criação do *site* e das redes sociais é a sua manutenção e atualização periódica das informações veiculadas por estes instrumentos de comunicação. Deste modo os gestores devem delegar funções dentro de seu quadro de funcionários para desempenhar tal papel.

As redes sociais mais utilizadas por instituições culturais atualmente são o *facebook*, *instagran* e o *Twitter*. Elas são um meio de comunicação em tempo real com o público, portanto as redes sociais devem ser atualizadas diariamente, pois são informações recebidas na vivência cotidiana sendo consideradas mídias de curto prazo.

O programa de comunicação do Museu de Florianópolis aborda as estratégias de *marketing* adotadas pela instituição. O *Marketing* abrange a criação de produtos e serviços que satisfaçam a necessidade do público, assim como as estratégias de divulgação e valorização da marca. As estratégias de *marketing* em museus tratam-se de iniciativas que promovem a divulgação das ações e projetos realizados pela instituição nas diversas mídias.

Entre as ações de *marketing* destaca-se a possibilidade que o Museu de Florianópolis possui para tornar-se um parceiro do *Google Cultural Institute*. O *Google Cultural Institute*, plataforma global online, reúne acervo de diversos museus do mundo e documentação histórica de grande relevância para a humanidade. Inscrever o Museu de Florianópolis nessa plataforma é uma medida que visa divulgar a instituição em nível internacional. Essa iniciativa permite ao museu atingir um número maior de pessoas, e conseqüentemente atrair mais visitantes.

Ainda a respeito do *marketing*, além da mídia própria (*site* e perfil em redes sociais), o Museu de Florianópolis tem a oportunidade de utilizar a mídia paga (inserção televisiva, *spot* de rádio, anúncio em revista, *likes*, *sharese tweets* patrocinados, *banners*, *outdoors*, etc).

Utilizar mídia espontânea é aproveitar a boa relação que o Sesc possui com empresas de comunicação para divulgar ações do museu, ou seja, enviar *releases* de exposições, de eventos, e projetos realizados para chamar atenção para o que acontece no museu. A mídia espontânea é o que é dito sobre a marca, sem custos para a instituição, como em reportagens e matérias de jornais, revistas e televisão. A mesma ajuda a estabelecer credibilidade entre vários públicos, mas seu impacto desejado pode levar algum tempo.

As diretrizes do programa de comunicação foram elaboradas com base na análise realizada na fase do diagnóstico. Deste modo é importante lembrar que o sucesso desse programa dentro de instituições museológicas, depende, e muito, de que os outros núcleos (pesquisa, educativo, exposições) estejam operando com qualidade, eficiência e sintonia. Deste modo, as diretrizes do programa de comunicação do Museu de Florianópolis são:

- Consolidar a imagem institucional, utilizando-se de recursos midiáticos;
- Definir um modelo de comunicação museológica a ser adotado;

3. TABELA DE DIRETRIZES E AÇÕES

3.1 PROGRAMA INSTITUCIONAL

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Formalizar a criação do Museu de Florianópolis.	Criar juridicamente o Museu de Florianópolis.	X		
	Incluir o Museu de Florianópolis no organograma do Sesc como uma de suas Unidades Operacionais.	X		
Elaborar o regimento interno do Museu de Florianópolis com base na missão e visão e as definições do plano museológico.	Elaborar proposta de regimento interno.	X		
	Aprovar o regimento nas instâncias superiores do Sesc.	X		
	Implantar o regimento interno no Museu de Florianópolis.	X		
Coordenar, encaminhar e acompanhar os projetos e ações dos demais programas do plano	Coordenar, encaminhar e acompanhar.	X	X	X

museológico.	Utilizar ferramentas de gestão contemporâneas para acompanhamento de projetos e ações.	X	X	X
Elaborar o planejamento anual com base nas metas e ações de curto, médio e longo prazo previstas no plano museológico .	Elaborar Planejamento Anual.	X	X	X
Divulgar e fortalecer a missão e visão do museu.	Divulgar e fortalecer no âmbito do Sesc a missão e visão do museu.	X		
	Divulgar para a sociedade florianopolitana e catarinense a missão e visão do museu.	X	X	
Incluir o Museu de Florianópolis nos sistemas e cadastros de museus.	Solicitar adesão ao SEM-SC (Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina).	X		
	Assinar o Termo de Adesão ao SEM-SC.	X		
	Preencher e solicitar a inclusão do Museu de Florianópolis no Cadastro Catarinense de Museus.	X		

	Preencher o pré-cadastro no Cadastro Nacional de Museus.	X		
	Após aprovação do IBRAM, preencher as informações no Cadastro Nacional de Museus.		X	
	Enviar regularmente as informações solicitadas pelo IBRAM.	X	X	X
	Incluir o Museu de Florianópolis na programação da Semana Nacional dos Museus e na Primavera dos Museus, eventos promovidos pelo IBRAM.	X	X	X
Participar e articular redes e sistemas de museus.	Articular junto com outras instituições museológicas e o poder público do município de Florianópolis a criação do Sistema Municipal de Museus.		X	
	Participar das redes de museus com atuação em Santa Catarina.	X		

	Articular a criação de redes de museus que tenham afinidade com a temática e o perfil do Museu de Florianópolis.		X	X
Estabelecer parcerias com instituições, associações e entidades que tenham afinidade com a temática do museu.	Identificar quais instituições, associações e entidades possuem afinidade com a temática do Museu de Florianópolis.	X	X	
	Estabelecer diálogo com as instituições, associações e entidades de acordo com interesse da mantenedora para avaliar a realização de parcerias com o Museu de Florianópolis.	X	X	
	Formalizar as parcerias com as instituições, associações e entidades interessadas.	X	X	X

	<p>Criar roteiro de visitação e de programação integrada dos equipamentos de arte, arquitetura, paisagem urbana e cultura do entorno da Praça XV de Novembro (como Museu Cruz e Souza, Catedral Metropolitana, Museu Victor Meirelles, Arquivo Histórico Municipal etc.), reavivando o centro urbano de Florianópolis.</p>	X		
<p>Elaborar o programa de estágios do Museu de Florianópolis</p>	<p>Elaborar e implantar o programa de estágios</p>			
	<p>Divulgar o programa de estágios para as instituições educacionais de interesse do museu</p>			
	<p>Receber estagiários conforme as definições do programa</p>			

Estudar a criação da Associação de Amigos do Museu de Florianópolis.	Fazer um estudo jurídico sobre a implicação da criação de uma Associação de Amigos para o Museu de Florianópolis.	X		
	Identificar pessoas interessadas em participar de uma Associação de Amigos para o Museu de Florianópolis.		X	X
	Colaborar para a criação da Associação de Amigos do Museu de Florianópolis.			X
Incluir o Museu de Florianópolis nos roteiros turísticos do município.	Articular com a Secretaria Municipal de Turismo de Florianópolis (SETUR) a inclusão do Museu no circuito turismo Histórico e Cultural.	X		

	Participar dos debates sobre o projeto "Circuito de Museus da Ilha da Magia" idealizado pela SETUR e caso o projeto seja implantado ser uma instituição de referência do circuito.	X	X	
	Articular com a SETUR a participação nas discussões do Projeto Sapiens Miramar, previsto para ser implantado no Centro Histórico, próximo ao Museu de Florianópolis.	X	X	
Implantar o Núcleo Educativo do Museu, dotando-o com os profissionais e espaço físico necessários.	Implantar o Núcleo Educativo com o espaço físico adequado.	X		
	Designar os profissionais necessários para o Núcleo Educativo.	X		

3.2 PROGRAMA DE GESTÃO DE PESSOAS

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Definir as atribuições específicas de função.	Definir para cada cargo as atribuições específicas do profissional.	X		
	Implantar na rotina de trabalho dos profissionais o cumprimento das atribuições específicas.	X		
	Considerar na avaliação de desempenho o cumprimento das atribuições específicas.	X	X	X
	Solicitar à Divisão de Recursos Humanos do Sesc a contratação dos profissionais necessários.	X		
Realizar seleção para contratação dos profissionais que comporão a equipe do museu.	Divisão de Recursos Humanos do Sesc organizará o processo de seleção dos profissionais conforme perfil definido para cada função.	X		
	Contratação dos profissionais selecionados.	X		

Manter política de bem estar aos profissionais que atuam no museu.	Manter incentivo aos servidores e dependentes para participação em atividades.	X	X	X
	Adaptar os espaços de trabalho para que ofereçam as condições ideais para o exercício profissional.	X	X	
	Manter oferta de plano de saúde conforme acordo coletivo de trabalho.	X	X	X
	Manter oferta de benefícios conforme acordo coletivo de trabalho.	X	X	X
Incentivar a formação e aperfeiçoamento dos profissionais que atuam no Museu de Florianópolis.	Divulgar aos profissionais do museu o programa de incentivo à qualificação.	X		
	Oportunizar a participação dos profissionais do museu no programa de Incentivo a qualificação.	X	X	X
Estimular a participação dos profissionais em eventos da área museológica e das áreas de formação dos profissionais.	Oportunizar a participação dos profissionais do Museu de Florianópolis nos eventos relativos a museus.	X	X	X

	Oportunizar, quando possível, a participação de profissionais do Museu de Florianópolis nas edições do Fórum Nacional de Museus.		X	X
	Conceder apoio financeiro e/ou compensação de horas aos profissionais que participam de eventos de interesse para o museu.	X	X	X

3.3 PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Definição de ocupação espacial na edificação.	Definição e alocação das funções que cada espaço da edificação irá comportar.	X		
	Adequação de projeto executivo de obra para atender as funções especificadas.	X		
Elaboração de Projeto Museográfico/Expográfico.	Contratação de equipe multidisciplinar coordenada por museólogo para elaboração de projeto museográfico/expográfico.	X		
	Elaboração do projeto.	X		
	Entrega do projeto ao contratante.	X		
Execução de Projeto Museográfico/ Expográfico.	Aquisição de equipamentos/materiais conforme projeto.	X		

	Montagem de exposição.	X		
	Abertura ao público.	X		
Revisão do projeto Expográfico.	Aplicação de pesquisa com o público.	X	X	X
	Revisão de projeto conforme demanda apontada em pesquisa com público e profissionais da instituição.		X	X
	Elaboração do projeto.		X	X
Execução de Projeto Expográfico revisto.	Aquisição de equipamentos/materiais conforme projeto.		X	X
	Montagem de exposição.		X	X
	Abertura ao público.		X	X

Elaboração de exposições temporárias.	Montagem de temáticas com equipe multidisciplinar da instituição para as exposições.	X	X	X
	Elaboração de cronograma para elaboração e montagem das exposições.	X	X	X
Elaboração de exposições itinerantes.	Definição de temáticas com equipe multidisciplinar da instituição para as exposições(pesquisa, comunicação, salvaguarda).	X	X	X
	Firmar parcerias com instituições afins para itinerância das exposições.	X	X	X
	Organização de cronograma para elaboração e montagem das exposições nas instituições parceiras e/ou recepção de exposições na instituição.	X	X	X

3.4 PROGRAMA ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Climatização.	Verificação de instalação de climatização (criação de microclima em cada sala/ambiente).	X		
	Verificação de parcerias com instituições afins.	X	X	X
Manutenção preventiva da edificação.	Manutenção do telhado e calhas.	X	X	X
	Manutenção dos problemas de infiltração ascendente e descendente na edificação.	X	X	X
Ampliação de espaço técnico.	Ampliação do espaço da reserva técnica em 80%.	X		
Criação de espaço técnico.	Criação de espaço para alocação de laboratório de conservação de acervos tridimensionais, espaço de quarentena, laboratório e demais processos técnicos com	X		

	o acervo.			
Elaboração de laudo, para averiguação das condições de conservação da edificação.	Elaboração de laudo técnico sobre as condições da edificação.		X	X
	Elaboração de projetos conforme apontamento de laudo técnico.		X	X
	Execução de projetos (caso necessário).		X	X

3.5 PROGRAMA DE PESQUISA

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Estruturar o setor de pesquisas do Museu de Florianópolis.	Definir espaço destinado ao setor de pesquisas.	X		
	Distribuir esse espaço de acordo com as atividades de pesquisas realizadas pelo Museu de Florianópolis.	X		
	Criar regulamento do setor de pesquisas do Museu.	X		
Definir as linhas de pesquisas que tenham afinidade com a com a temática do Museu de Florianópolis.	Divulgar e fortalecer o Museu de Florianópolis como local de pesquisas.	X	X	X
	Definir as linhas de pesquisas do Museu de Florianópolis.	X		
	Implantar as linhas de pesquisas do Museu de Florianópolis.	X	X	X

	Divulgar as linhas de pesquisas do Museu de Florianópolis.		X	X
Estimular o contato entre o Museu de Florianópolis e os pesquisadores.	Criar um regulamento para o atendimento ao pesquisador.	X		
	Contratar pesquisadores, por demanda de conteúdo, para realizar pesquisas de interesse do Museu de Florianópolis.	X	X	X
	Promover seminários e palestras para pesquisadores.		X	X
	Publicar anualmente uma revista do Museu de Florianópolis, onde divulgará as ações, as pesquisas, e artigos de interesse da instituição.		X	X
Realizar parcerias com instituições educacionais, museológicas, e culturais que qualifiquem as atividades de pesquisas e contribuam para a dinamização das ações do Museu de Florianópolis.	Estudar as linhas de pesquisas das Universidades Públicas Federais e Estaduais.	X		
	Alinhar as linhas de pesquisas do Museu de Florianópolis com as linhas de pesquisas das Universidades.		X	

	Estabelecer parcerias com as universidades de interesse do Museu de Florianópolis.		X	
	Mapear instituições culturais e museológicas que tenham acervos e pesquisas com interesses comuns aos do Museu de Florianópolis.	X		
	Formalizar parcerias com as instituições culturais e museológicas de interesse do Museu de Florianópolis.		X	X
	Divulgar as parcerias realizadas.		X	
	Oferecer um estágio para realizar pesquisas.	X	X	X
	Aproveitar os resultados das pesquisas acadêmicas para realizar exposições.		X	X
Aproveitar as pesquisas realizadas pelos profissionais contratados pelo Museu de Florianópolis para a elaboração de exposições.	Elaborar exposições temporárias e itinerantes com base nas pesquisas desenvolvidas pelos profissionais contratados.		X	
	Divulgar essas pesquisas em comunicações, publicações, e seminários.	X	X	X

O museu de Florianópolis deve realizar pesquisa de público constantemente, a fim de identificar o público visitante e as suas necessidades para melhor atendê-lo, qualificar os seus serviços e atrair novos investimentos.	Elaborar proposta de pesquisa de público.	X	X	X
	Implantar pesquisa de público.		X	X
	Apresentar respostas às demandas surgidas na pesquisa de público.			X
	Atualizar e adaptar a pesquisa de público a cada projeto.	X	X	X
Divulgar as pesquisas realizadas pelo Museu de Florianópolis nos diversos canais de comunicação utilizados por essa instituição.	Disponibilizar as pesquisas realizadas no site do Museu de Florianópolis.	X	X	X
	Promover um seminário bianualmente que tenha como resultado o lançamento de uma publicação dos artigos apresentados no seminário.		X	X

3.6 PROGRAMA SOCIOAMBIENTAL

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Manter a conservação do edifício e do seu entorno.	Realizar a manutenção do entorno do edifício periodicamente.	X	X	X
	Manter o controle sobre as espécies do entorno do edifício, de modo a promover a biodiversidade sem comprometer o acervo e o edifício. (Vetores)	X	X	X
Adequação e adoção dos princípios socioambientais e sustentáveis, na gestão do Museu de Florianópolis.	Realizar o manejo dos resíduos sólidos, de modo a adotar procedimentos operacionais padrões referentes ao descarte de resíduos.	X	X	X
	Adequar-se à certificação LEED - Liderança em Energia e Design Ambiental.		X	X
	Realizar coleta seletiva do lixo em todos os setores do Museu de Florianópolis.	X	X	X

	Instalação de sensores de presença para a iluminação em áreas públicas e áreas expositivas.	X	X	
	Aproveitar a iluminação natural.	X	X	
Definir a abordagem e a linha teórica de Educação Ambiental que deve estar em consonância com a linha teórica do programa educativo e cultural do Museu de Florianópolis.	Estudo dos teóricos da linha da Educação Ambiental.	X		
	Definição da linha teórica de Educação Ambiental do Museu de Florianópolis.	X		
	Dispor a linha teórica de Educação Ambiental em consonância com a linha teórica do programa educativo e cultural do Museu de Florianópolis.		X	
Divulgar as ações e medidas socioambientais do Museu de Florianópolis.	Divulgar o Museu de Florianópolis e o seu compromisso com o desenvolvimento sustentável no site e nos diversos meios de comunicação espontâneos e da instituição.		X	

Aproveitar a paisagem de entorno, isto é, a cidade de Florianópolis enquanto objeto gerador para desenvolver as atividades e projetos ligados as Educação Ambiental.	Promover palestras e seminários voltados à realidade local e relacionados com a Educação Ambiental e Patrimonial.		X	X
	Promover oficinas de reciclagem e reutilização de materiais.	X	X	X
	Elaborar projetos que tenham como temática e foco principal o entorno da instituição, isto é, a Praça XV de Novembro e a cidade de Florianópolis tendo como elemento norteador a Educação Ambiental.		X	X

3.7 PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Explicitar as concepções teóricas e conceituais adotadas para o desenvolvimento das ações do Núcleo	Estudar, debater e trabalhar concepções teóricas e conceituais de educação e formação integral, (compreendendo a emancipação dos sujeitos nas suas múltiplas dimensões) para fundamentação de linha pedagógica.	X		
	Estudar, debater e trabalhar concepções teóricas e conceitos da educação (incluindo museu acessível, museu inclusivo e acessibilidade universal – em conformidade com o Art.35 do Estatuto de Museus), para fundamentação de linha pedagógica.	X		
	Definir linha teórica pedagógica para as ações do Núcleo Educativo e Cultural, em consonância com a missão do museu, considerando seu acervo e os públicos previstos.	X		

Elaborar e definir programas e projetos para o núcleo educativo e cultural do museu	Analisar projetos e programas já existentes pelo Sesc que dialogam com ações e objetivos do Núcleo e com a missão do museu.	X		
	Selecionar programas e projetos existentes do Sesc a serem desenvolvidos junto ao museu	X		
	Estudar eixos temáticos para concepção de programas e projetos educativos e culturais.	X		
	Elaborar projetos e programas de caráter educativo e cultural, que contribuam para a ampliação, divulgação e conservação do patrimônio histórico e cultural, dentro e fora do espaço museal.	X	X	X
	Definir programas e projetos de acordo com as concepções educacionais adotadas pelo núcleo e a missão do museu.	X	X	X
	Definir eixos temáticos para elaboração de ações educativas para diferentes níveis de compreensão.	X		

	Elaborar, organizar e promover projetos que visem à aproximação de diferentes públicos no museu.	X	X	X
	Elaborar e promover ações educativas e culturais para públicos escolares de nível fundamental e médio.	X	X	X
	Elaborar e promover ações educativas e culturais acessíveis para públicos especiais	X	X	X
	Elaborar e promover ações educativas e culturais para setores da sociedade.	X	X	X
	Divulgar as temáticas elaboradas.	X	X	X
	Elaborar e promover projetos de inclusão digital.	X	X	X

	Implantar programas educativos transversais que contemplem o patrimônio cultural, aliados à educação formal e não formal. (Em conformidade com as Ações da Estratégia 03 da Diretriz 09 do Eixo II do PNSM).	X	X	X
	Implementar grupo de estudo e pesquisa da equipe do Núcleo Educativo e Cultural, fomentando a participação dos demais profissionais do museu, para formação continuada sobre o trabalho educativo do museu e de seu patrimônio.	X	X	X
Promover a realização de parcerias e acordos de cooperação técnica com universidades, centros culturais e institutos de pesquisa e fomento à cultura, a fim de assegurar o apoio e o fortalecimento aos programas e projetos propostos pelo Núcleo Educativo e Cultural do museu. (Em conformidade com a Diretriz 07 do Eixo II do PNSM)	Desenvolver projetos de integração do Museu com instituições museológicas, educacionais, organizações sociais, secretarias de educação (municipal e estadual) e outros segmentos sociais.	X	X	X
	Estabelecer parceria com instituições museológicas e equipamentos culturais do entorno do centro histórico de Florianópolis.	X		

	Estabelecer parceria com a Secretaria Estadual de Educação, Secretarias Municipais da região metropolitana de Florianópolis, universidades e rede privada de ensino.	X		
	Estabelecer parcerias com diversos segmentos da sociedade		X	X
	Estabelecer parcerias com instituições especializadas e universidades, tendo como objetivo a realização de projetos de acessibilidades e de inclusão sociocultural para atendimento de pessoas com deficiências e públicos socialmente excluídos.	X	X	X
Fomentar programas e ações colaborativas entre museus e instituições de ensino (em todos os níveis) e profissionalizante visando à capacitação dos professores para trabalhar com o museu e a sua temática	Promover ações continuadas entre museus e escolas.	X	X	X
	Realizar encontros com professores, palestras, publicação de material impresso específico para esse grupo profissional. (Em conformidade com a Estratégia 05 da Diretriz 03 do Eixo I do	X	X	X

	PNSM).			
	Capacitar professores da rede pública e privada para a visitação ao museu.	X	X	X
Elaborar materiais educativos.	Pesquisar sobre temas para o desenvolvimento de materiais educativos para programas e projetos.	X	X	X
	Elaborar e desenvolver materiais educativos sobre temáticas das exposições e do acervo museológico.	X	X	X
	Elaborar materiais educativos para os diferentes níveis de público (fundamental, médio, técnico e universitário, como também para professores e públicos especiais).	X	X	X
Elaborar agenda educativa e cultural.	Elaborar e divulgar a agenda da programação do núcleo educativo e cultural do museu.	X	X	X
	Promover oficinas, cursos, audições, conferências, palestras, seminários e outros	X	X	X

	eventos, ampliando diálogos com os diferentes públicos.			
Democratizar o acesso ao museu	Promover o acesso e a democratização do patrimônio histórico e cultural no Museu de Florianópolis, por meio de ações educativas e culturais destinados a diferentes públicos.	X	X	X
	Promover ações de caráter educativo e cultural, a fim de inserir o patrimônio do museu, na vida social do município de Florianópolis.	X	X	X
	Promover projetos e ações que viabilizem acessibilidades e inclusão sociocultural, ampliando e diversificando os públicos visitantes no museu.	X	X	X
Avaliar as ações do núcleo	Avaliar a qualidade dos programas, projetos e ações.	X	X	X

3.8 SUB-PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Definir Empréstimos para Composição da primeira exposição de longa duração.	Levantamento de acervos existentes na Prefeitura de Florianópolis.	X		
	Definição das peças a serem inseridas conforme projeto museográfico.	X		
	Parecer do Sesc perante a escolha dos objetos a serem inseridos na expografia de longa duração.	X		
	Efetivar empréstimo de peças.	X		
Definir pesquisa de Acervos/Criar Política de Acervos com base na missão e visão institucional.	Levantamento e pesquisa de acervos existentes na Prefeitura de Florianópolis.	X	X	
	Definição das Coleções pautadas na missão do museu.	X	X	

	Criação da Política de Aquisições e Descarte.	X	X	
	Criação da Comissão de Acervos.	X	X	
Elaboração de Inventário museológico do Museu de Florianópolis.	Elaborar arrolamento das coleções Crescimento Urbano, Povo, Economia e Hábitos, pautados na política de aquisições e descarte da instituição.		X	
	Aplicar a política de descarte nas coleções institucionalizadas pela política de aquisições.		X	
	Preenchimento de Fichas de Inventário dos Acervos.		X	X
	Criação e preenchimento dos livros tombo correspondentes às coleções.			X
	Oportunizar por meio de sistema informatizado acesso externo às informações existentes no acervo conforme preconiza a política nacional de museus de 2003.			X

3.9 SUB-PROGRAMA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE ACERVOS

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Implantação de espaço para conservação do acervo.	Programa de Gestão de Acervos.		X	
	Acondicionamento do acervo em Reserva Técnica.	X		
	Higienização Mecânica do Acervo.	X	X	X
	Espaço de Quarentena.		X	X
Gestão Climática e organização de espaços.	Aquisição ou parceria para utilização de software de gestão climática, para controle da umidade e temperatura.	X		
	Instalação dos equipamentos.	X		

	Compra de Equipamentos de climatização.	X	X	
Formação e/ou capacitação de pessoal.	Contratação de Conservador/Restaurador.			X
	Investimento em formação e capacitação do funcionário do setor.	X	X	X
Programa de reprodução do acervo e migração de suportes.	Migração de suporte.	X	X	X
	Replicar os documentos em locais fisicamente separados.	X	X	X
	Definir a vida útil dos suportes, estabelecendo tabela de confiabilidade para o tempo de armazenamento das mídias utilizadas.	X	X	X
	Fazer backup.	X	X	X

3.10 PROGRAMA DE FINANCIAMENTO E FOMENTO

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Fomentar formas de Captação de Recursos.	Participar em editais nacionais e internacionais.	X	X	X
	Participar das leis de incentivo à cultura.	X	X	X
Construir linhas de financiamento para ações do museu.	Definir linha de ações de investimentos do museu.	X		
Realizar estudo de impacto social dos recursos aplicados em projetos no museu.	Criar metodologia para estudo de impacto social para cada projeto na instituição.	X		
	Aplicar estudo de impacto social nos projetos realizados.	X	X	X
	Apresentação dos resultados à sociedade e patrocinadores.	X	X	X

Construir plano de metas de investimento.	Com base no Plano Museológico, definir calendário anual de investimentos de recursos.	X	X	X
Captar propostas que fomentem ações de arte, cultura e pensamento no museu.	Mapear propostas de ações no campo da arte, cultura e pensamento que podem ser de interesse do Museu de Florianópolis.	X	X	X
	Analisar e selecionar as propostas de ações mapeadas.	X	X	X
	Executar as propostas selecionadas.	X	X	X
Ampliar a linha de recursos externos.	Mapeamento das possíveis empresas passíveis de financiamento.	X	X	X
	Participação em editais nacionais e internacionais para fomento das ações museológicas e leis de incentivo municipal, estadual e nacional.	X	X	X
	Aproximar as empresas mapeadas, incentivando-as a financiar ações dentro da instituição.	X	X	X

3.11 PROGRAMA DE SEGURANÇA

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Utilização de equipamentos de segurança individual e rotina de segurança.	Utilização dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI's).	X	X	X
	Livro de ocorrência do que acontece no dia a dia de cada setor.		X	
Definição de nível de segurança dos espaços.	Definição de espaços e diferentes níveis de proteção dos mesmos e mapas de localização.	X		
	Organizar a reserva técnica de forma a conjugar os diferentes tipos de segurança adequados às características físicas de cada suporte.		X	
Criação e implantação de planos de emergência da instituição.	Controle de vencimento e substituição dos extintores de incêndio.	X	X	X

	Criação do Plano de Emergência e Escoamento.		X	X
	Desenvolver o Plano de Evacuação em caso de inundação e outros desastres naturais.	X	X	X
Treinamento da equipe para situação de emergência.	Implantar a brigada de incêndio.		X	
	Treinamento de ação em caso de evacuação do prédio.	X		
	Formação e treino regular do pessoal da instituição na utilização de extintores e dos outros meios de combate ao fogo, atribuindo a cada um uma missão específica em caso de incêndio.	X	X	X
Implantação de sistemas de segurança	Contratação de sistema de CFTV.		X	
	Instalar sistema de detecção de incêndio e sonorização.	X		

	Sinalização de emergência.	X		
	Sistema de Segurança Externa.	X		

3.12 PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO

Diretrizes	Ações	Curto <u>1 a 3 anos</u>	Médio <u>3 a 7 anos</u>	Longo <u>7 a 10 anos</u>
Consolidar a imagem institucional, utilizando-se de recursos midiáticos.	Definir uma sigla para o museu, a fim de facilitar a identificação do museu na mídia.	X		
	Criar uma identidade visual para o museu, onde serão definidas sua marca e sua logomarca.	X		
	Desenvolver site institucional, através da definição de um domínio/subdomínio, contratação de uma hospedagem e criação de um <i>wireframe</i> , a partir do mapa do site em anexo.	X		
	Definir equipe para atualizar diariamente o conteúdo do site.	X		

	Criar perfil institucional nas redes sociais.	X		
	Definir equipe para atualizar diariamente o perfil da instituição nas redes sociais.	X	X	X
	Criar campanhas de marketing digital e social média.	X	X	X
	Estabelecer parceria com o Google Cultural <i>Institute</i> .	X		
	Elaborar material gráfico de divulgação.	X		
	Divulgar o museu e suas ações através de mídia paga e mídia espontânea.	X	X	X

Definir um modelo de comunicação museológica a ser adotado.	Realizar estudo sobre os possíveis modelos de comunicação museológica e seus desdobramentos e implicações.	X		
	Definir e elaborar um modelo de comunicação museológica a ser adotado e constantemente revisado.	X		
	Promover avaliação do modelo de comunicação museológica adotado		X	
	Redefinir e/ou ajustar o modelo de comunicação museológica adotado, de acordo com os diagnósticos e indicadores resultantes da avaliação.		X	
	Desenvolver material de comunicação para acessibilidade, de acordo com a NBR 15599, norma definida pela ABNT.		X	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. A cultura do Mecenato no Brasil: uma utopia possível? **Economia de Museus**. José Nascimento Junior (org).1 ed. Brasília: Minc/IBRAM,2010.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. Museu, memória e turismo: por uma relação de liberdade. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio Cultural: da memória ao sentido de lugar**. 1. Ed. São Paulo: Roca, 2006.

ARAÚJO, Marcelo; BRUNO, Maria Cristina. (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. Disponível em: <http://www.icom.org.br/memoria%20do%20pensamento%20museologico4.pdf>
Acesso: 08 de setembro de 2015.

BRASIL. Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984. Regulamentação da profissão de museólogo. Legislação Federal. Disponível em <planalto.gov.br>
Acesso: 11 ago. 2015.

BRASIL. Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004. Institui o Sistema Brasileiro de Museus e dá outras providências. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006. Brasília: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2006.

BRASIL. Ministério da Cultura. Política Nacional de Museus: memória e cidadania. [Brasília]: MinC, 2003. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/downloads/Política_Nacional_de_%20Museus.pdf>. Acesso: 11 ago. 2015.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Estatuto dos Museus. Legislação Federal. Disponível em <planalto.gov.br> Acesso: em 19 jun. 2015.

BRASIL. Decreto nº 8.124/2013, de 17 de outubro de 2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Disponível em: <planalto.gov.br>. Acesso: em 19 jul. e 11 ago. 2015

CADERNO de Diretrizes Museológicas I. 2. ed. Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e

Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Diagnóstico museológico: estudos para uma metodologia. **Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola**, Volume 3, pp. 124-132. Disponível em: <sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id=2284>. Acesso: 11 ago. 2015.

_____. **Orientações para a gestão e planeamento de museus**.1.ed. Coleção Estudos museológicos, v.3. Florianópolis: FCC, 2014.

_____. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planeamento**. 1.ed. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

CAPRA, Fritjof. **Entrevista coletiva a Casa Socialista**. Disponível em <<http://www.orion.med.br/index.php/livraria-orioncomsaber/o-homem-orion-vol-2/529-a-consciencia-ecologica-e-uma-consciencia-espiritual?hitcount&tmpl=component&type=raw>>. Acesso: 10 de Ago. de 2015.

CARLSSON, M.L.; CASTELLEN, C.M. **CONSTRUINDO: possibilidades de ações socioculturais com reeducandos no museu**. Ed.1. Florianópolis: FCC, 2015.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CUNHA, Marcelo Bernardo da. **A Exposição Museológica Como Estratégia Comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial**. Revista Magistro - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas. Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2010.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 p. 365-80, 2005.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François (Orgs). **Conceitos-chave de museologia**.1 ed. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2014.

FALCÃO, Andrea. Museu e escola: educação formal e não-formal. TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO - Entrevistas. Disponível em: http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=29> Acesso: 10 de Ago. de 2015.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria de Administração. Termo de Referência do Edital de Concorrência N. 039/SMA/DLC/2015.

FRANCISCO, Júlio Cezar Bittencourt. MORING, Valdir José. **Uma reflexão sobre gestão sustentável de museus e o ensino da museologia no século XXI**. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da informação, Florianópolis, 07 de julho de 2013. Disponível em <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1646>> Acesso: 10 de julho de 2015.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUMBERG, Evelina; e MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. 1.Ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

Liderança em Energia e Design Ambiental (LEED). Disponível em: <<http://www.gbcbrasil.org.br>>. Acesso: 10 de julho de 2015.

LIMA, Diana Farjalha Correia. **Ciência da informação, museologia e fertilização interdisciplinar: informação em arte, um novo campo do saber**. Rio de Janeiro: IBICT/PPGCI - UFRJ/ECO 2003. 358 f.

LOTUFO, Renan. **Código civil comentado**. São Paulo: Saraiva, 2003.

MARANDINO, Martha. **A mediação em foco**. In: MARANDINO, Martha. Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: Feusp, 2008.

NOVAES, L. R. Da organização do Patrimônio Museológico: refletindo sobre documentação museológica In: **Museologia Social**. Porto Alegre: SMC, 2000.

ONO, Rosaria; MOREIRA, Katia Beatris Rovaron. **Segurança em Museus**. 1. Ed. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus - Ministério da Cultura, 2011.

RUSSIO, W.C.G. Conceito de Cultura e sua inter-relação com Patrimônio Cultural e a preservação. In: **Cadernos Museológicos** nº3. 1. Ed. Rio de Janeiro: IBPC, 2012.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos – reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

Sistema Brasileiro de Museus – SBM. Acesso em 14/01/2015. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/09/26/sistema-brasileiro-de-museus/>>. Acesso: dia 22 de julho de 2014.

STUDART, DENISE Coelho. **Conceitos que transformam o museu, suas ações e relações**. In: MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia. DOSSIÊ CECA-Brasil. Instituto do Patrimônio Artístico Cultural, Departamento

de Museus e Centros Culturais. Vol.1, n.1, (2004). Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ABRACOR BOLETIM ELETRÔNICO. Rio de Janeiro, 10 jun. 2010. Disponível em: <http://www.abracor.com.br/boletim/boletimCompleto_1.pdf>. Acesso: dia 22 de jul. de 2015.

AMARAL, Ana Luiza. CHAGAS, Mário de Souza. COSTA, Paula Nunes. FARIA, Ana Carolina Gelmini de. SOARES, Newton Fabiano. STUDART, Denise Coelho. VIEIRA, Ana Carolina Maciel. Museus e Público Jovem: percepções e receptividades. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST**. Rio de Janeiro, v.3 n.1 - jan/jun de 2010, p. 49/66. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/94/120>>. Acesso: 15 de out. de 2015.

BALDINI, Isis. **Aspectos históricos da conservação e restauro de objetos de caráter cultural a partir do século XIX**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABejYAl/aspectos-historicos-conservacao-restauro#>>. Acesso: dia 22 de jul. de 2015.

BARBOSA, Maria Helena Rosa. **Museus de Arte: desafios contemporâneos para a adoção de políticas educacionais**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina. 2009. 256p.

BOHAN, Hugues de Varine. **O lugar da comunidade no museu: uma troca de serviços**. Intervenção apresentada no Congresso do ICOM Italiano. Verona, 2007.

BRAGA, Márcia Dantas. **Conservação e restauro: pedra, pintura mural e pintura em tela**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003.

ASCO, Ana Carmem Amorim Jara. **Sociedade e Educação Patrimonial – IPHAN**. São Cristóvão/Sergipe, 2005, p.03.

CHAGAS, Mario de Souza. A pesquisa em museus. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos (orgs.). Mast Colloquia vol.7. **Museu: instituição de pesquisa**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Faperj, 2005.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. 3. Ed. São Paulo: UNESP, 2006.

COSTA, Helena Fernandes Gonçalves da Costa. Museus: Pontes entre gerações. **Revista Museu**, 2005. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5985>>. Acesso: 15 de out. de 2015.

CURY, Isabelle (org.) **Cartas Patrimoniais**. 3. Ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: análise metodológica do processo de concepção, montagem e avaliação**. 1. Ed. São Paulo: dissertação de mestrado ECA/ USP, 1999.

D'ALAMBERT, Clara Correia, MONTEIRO, Maria Garrido, FERREIRA, Silvia Regina. **Conservação postura e procedimentos**. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria Estadual da Cultura, Dema. São Paulo, 1998.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. **Introducción a La nueva museología**. Madrid: Alianza, 1999.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 10. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.81.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.47.

GOMES, Sonia Conti. **Técnicas alternativas de conservação**. Belo Horizonte: UFMG, 1992.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos (orgs.). Mast Colloquia vol.7. **Museu: instituição de pesquisa**. Rio de Janeiro: Faperj, 2005.

HENRIQUES, Lucas Oliveira. **A comunicação na escola**. In Cadernos de Museologia n° 5. 1 Ed. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, 1996. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/253/162>> . Acesso: 23 de set. de 2015.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria Normativa N° 1, de 5 de Julho de 2006. Diário Oficial da União. Disponível em <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Portaria-01_2006.pdf>. Acesso em: jul. de 2015.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Os restauradores e o pensamento de Camillo Boito sobre a restauração. In BOITO, Camilo. **Os Restauradores**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LASSWELL, H. “**The Structure and Function of Communication in Society**”, in bry Son I. The Communication of Ideas, Harper and Row. Urbana: University of Illinois Press, 1948.

LEI de Diretrizes e Bases - LDB. 2006.. Disponível em<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: jul. de 2015.

LERSCH, Teresa Morales, OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. **El concepto del museo comunitario: historiaviviente o memoria para transformar la historia? Ponencia presentada en la mesa redonda “Museos: nuestra historia viviente”, em La Conferencia Nacional de La Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas**, Kansas City, Missouri, 2004. Tradução de Odalice Miranda Priosti. Fonte: Jornal QUARTEIRÃO – Santa Cruz – RJ – nº 77 – Maio/Junho 2008 – p. 15

MARANDINO, Martha. **Educação em museus e divulgação científica**. 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=37&%20id=441>>. Acesso: 23 de set. de 2015.

MATOS FILHO, Maurício A. Saraiva de. MENEZES, Josinalda Estácio. SILVA, Ronald de Santana da. QUEIROZ, Simone Moura. **A transposição didática em Chevallard: as deformações/transformações sofridas pelo conceito de função em sala de aula**. VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. III CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – CIAVE. FORMAÇÃO DE PROFESSORES, Curitiba/ PR, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/431_246.pdf>. Acesso: 15 de out. de 2015.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e Linguagem na Educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Tradução: José Fernando Campos Fortes. P.29.

MAYER, Ralph. **Manual do artista**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENDES, Marilka, et al. **Conservação: conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MENDES, Marilka. BAPTISTA, Antônio Carlos N. **Restauração-Ciência e Arte**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. MAST. **Política de segurança para acervos, Bibliotecas e Museus**. MAST: Museu Villa Lobos; Rio de Janeiro: MAST, 2006.

MUSEOLOGIA roteiros práticos. Educação em Museus. 1 Ed. São Paulo: USP. Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf>. Acesso: 15 de out. de 2015.

NASCIMENTO JR., José e CHAGAS, Mário de Souza. **Política Nacional de Museus**. Brasília. 2007.

NIEMAYER, Maria Lúcia de. LOUREIRO, Matheus. SILVA, Douglas Falcão. **Exposição como 'obra aberta': breves reflexões sobre interatividade**. In: X REUNIÓN DE LA RED DE POPULARIZACIÓN DE LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 2007. San José. Costa Rica. Disponível em: <<http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BRMariaLuciaLoureiro.pdf>>. Acesso: 15 de out. de 2015.

ORIÁ, Ricardo. **Educação Patrimonial: conhecer para preservar**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/articulistas/articulista0003.asp>>. Acesso em: 8 de ago. de 2015.

OURIQUES, Evandro Vieira; CINNERMAN, Ana; LANARI, Roberto (org.). **Manuseio e embalagem de obras de arte: manual**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1989.

PALLETA, Fátima Aparecida Colombo; YAMASHITA, Marina Mayumi e PENILHA, Débora Ferrazoli. **Equipamentos de proteção individual (epis) para profissionais de bibliotecas, centros de documentação e arquivos**. In: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.2. 2005.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's. Disponível em <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm>>. Acesso em: 8 de ago. de 2015.

PRIOSTI, Odalice Miranda, BOHAN, Hugues de Varine. **O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos**

processos museológico comunitários. Cadernos de Sociomuseologia, vol. 28, n. 28, 2007. Pág. 57-70.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **A Doação do objeto.** 1 Ed. Chapecó: Argos, 2004.

REIS, Claudia Barbosa. **A pesquisa museológica no Museu Casa Rui Barbosa.** Sem data. P, 02 a 05. Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br/.../FCRB_ClaudiaBarbosaReis_A_pesquisa>. Acesso em: 8 de ago. de 2015.

REIS, Sara Regina Poyares dos. **A Casa de Câmara e Cadeia da antiga Vila de Nossa Senhora do Desterro: sua história.** 1. Ed. Florianópolis: Papalivro, 2008.

STONE, Michael. K e BARLON, Zenobia (orgs.). **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável.** Prólogo David W. Orr; Prefácio: Fritjof Capra; Prefácio a edição brasileira Miriam Duailibi; Tradução Carmem Fisher. São Paulo: Cultrix, 2006.

STUDART, Denise. C. **Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil.** História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 55-77, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/03.pdf>>. Acesso: 15 de out. de 2015.

TEMAS DE MUSEOLOGIA; Plano de Conservação Preventiva; Bases orientadoras, normas e procedimentos. Instituto dos Museus e da Conservação. Lisboa, 2007.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus.** São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/pt-br.php>>. Acesso: 15 de out. de 2015.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local.** Porto Alegre, Medianiz, 2012.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. KHOURY Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História.** 5ªEd. São Paulo: Ática, 2007.

VIOLETT-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração.** Trad. Beatriz Mugayar Köhl. Cotia: ed. Ateliê Editorial, 2000.

FICHA TÉCNICA

Viés Cultural - Museologia e Patrimônio

COREM 5ª REGIÃO PR/SC - 001J

EQUIPE:

Angela Luciane Peyerl

Conservadora de Bens Culturais e Museóloga - COREM 5R 074-I – Especialista em História e Cidade: Patrimônio Ambiental e Cultural.

Christiane Maria Castellen

Graduada em Educação Artística e Especialista em Ensino das Artes Visuais.

Deividi Fretta

Museólogo - COREM 5R 084 I – Especialista em História e Cidade: Patrimônio Ambiental e Cultural.

João Paulo Corrêa

Museólogo - COREM 5R 063 I

Marco Antonio F. Ballester Jr.

Historiador/Museólogo - COREM 5R 054 I - Especialista em Gestão de Políticas Públicas.

Maurício da Silva Selau

Historiador. Mestre em História Cultural. Doutorando em Museologia

Sheyla Fernandes

Bacharel em Museologia.

Suelen Waterkemper

Graduada em letras (Português e Inglês). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura.

Programa de Gestão Institucional e Gestão de Pessoas:
Maurício da Silva Selau

Programa de Exposições e Arquitetônico e Urbanístico:
João Paulo Corrêa

Programa de Pesquisa e Socioambiental:
Deividi Fretta

Programa Educativo e Cultural:
Christiane Maria Castellen

Programa de Acervos:
Angela Luciane Peyerl e Marco Antonio F. Ballester Jr.

Programa de Financiamento e Fomento:
Marco Antonio F. Ballester Jr.

Programa de Segurança:
Angela Luciane Peyerl

Programa de Comunicação:
Sheyla Francisco

Revisão Textual:
Suelen Waterkemper

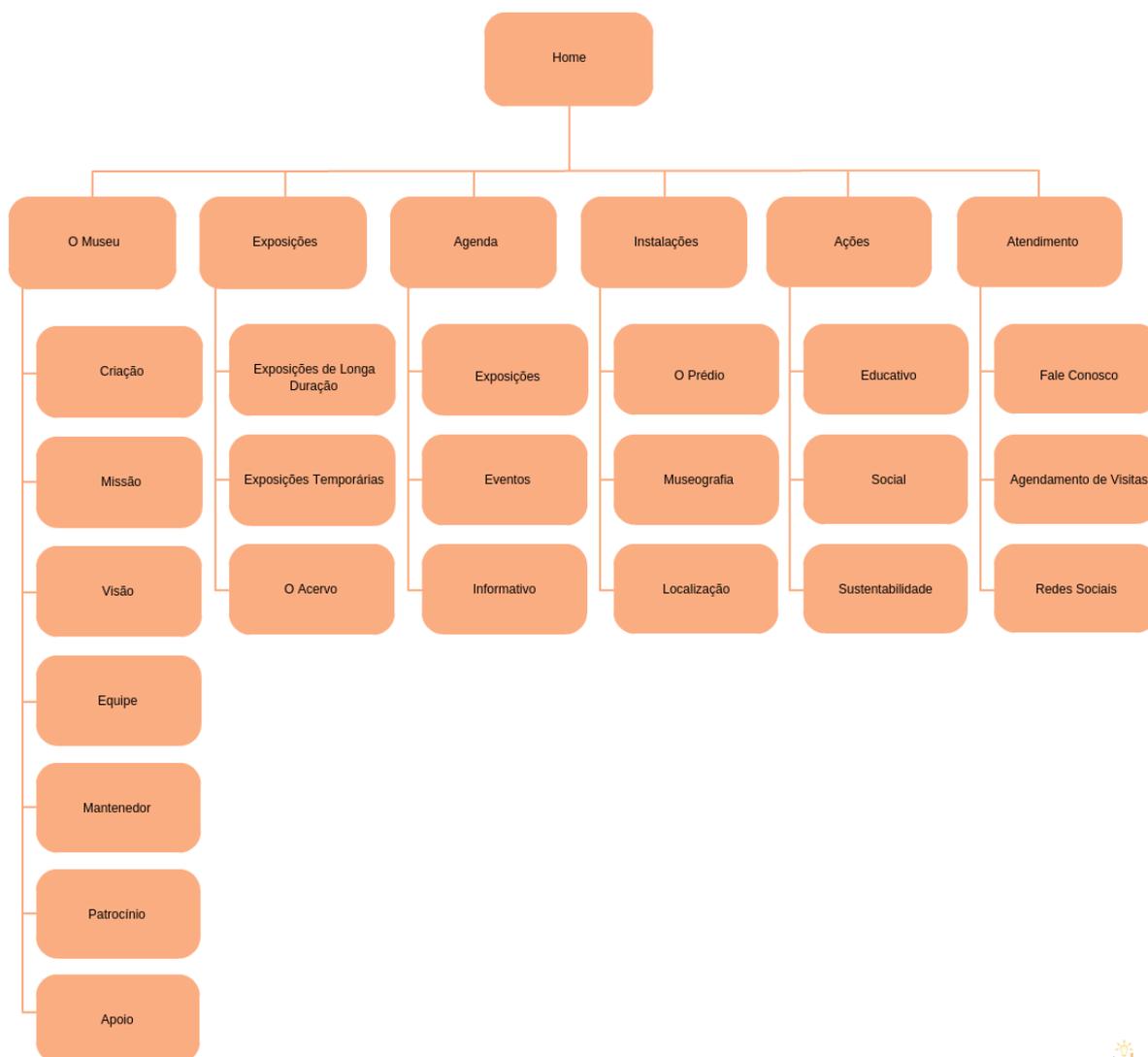
Revisão Geral:
Deividi Fretta, João Paulo Corrêa e Maurício da Silva Selau

Responsabilidade Técnica:
Viés Cultural – Museologia e Patrimônio. COREM 5R 001J.

Museólogo Responsável:
João Paulo Corrêa - COREM 5R 063 I

APÊNDICE

Sugestão de mapa para o site:



[online diagramming & design] creately.com

Fonte: Elaborado por Sheyla Fernandes.